

Tânia Regina de Barros Pacheco Morgado

**RELAÇÕES PEDAGÓGICAS  
NA  
SALA DE INFORMÁTICA EDUCATIVA**

**- UM NOVO OLHAR AO AMBIENTE TECNOLÓGICO -**

**Pontifícia Universidade Católica**

**São Paulo**

**- 2006 -**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Tânia Regina de Barros Pacheco Morgado

**RELAÇÕES PEDAGÓGICAS  
NA  
SALA DE INFORMÁTICA EDUCATIVA**

**- UM NOVO OLHAR AO AMBIENTE TECNOLÓGICO -**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob orientação da Professora Doutora Vera Maria Nigro de Souza Placco.

**Pontifícia Universidade Católica**

**São Paulo**

**- 2006 -**

Tânia Regina de Barros Pacheco Morgado

**RELAÇÕES PEDAGÓGICAS  
NA  
SALA DE INFORMÁTICA EDUCATIVA**

*- UM NOVO OLHAR AO AMBIENTE TECNOLÓGICO -*

*BANCA EXAMINADORA*

---

---

---

---

---

A unidade de uma  
pessoa é tal, que  
basta um gesto para  
revelar um homem.

Michael Thomas

*Valter, quanto carinho!  
Porto de saída, meu  
pouso de chegada.  
O silêncio que fala  
O olhar que tudo vê  
O abraço que  
aconchega  
Obrigada, meu Deus,  
EU o tenho!  
Presença e Amor terno e  
eterno.*

*A você, dedico este  
trabalho, assim como  
dedico minha vida!*

*Rafael e Paulo, meus  
filhos... filhos,  
como disse o poeta  
Vinícius de Moraes:  
“Filhos... Filhos?  
Melhor não tê-los!  
Mas se não os temos  
Como sabê-los?”  
Obrigada, meu Deus,  
EU os tenho!  
Presença e Amores  
ternos e eternos.*

*A vocês, dedico este  
trabalho, assim como  
dedico minha vida!*

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Dr<sup>a</sup> Vera Maria Nigro de Souza Placco, pela orientação, em crer na educação, pela confiança em minha pessoa completa, por ser um exemplo de simpatia e humanidade.

Às professoras Dr<sup>a</sup> Idméa Semeghini-Siqueira e Dr<sup>a</sup> Laurinda Ramalho de Almeida por acreditar em meu tema e oferecer caminhos para buscar minha resposta.

Às professoras do Programa de Educação: Psicologia da Educação, da PUC – SP, que me capacitaram a sempre procurar o conhecimento, sem abandonar o afeto.

Às professoras Dr<sup>a</sup> Abigail Alvarenga Mahoney e Dr<sup>a</sup> Laurinda Ramalho de Almeida lembrança do par dialético, sábio e sempre sorridente.

À Camila, Vivian e Adelina por provarem que ainda podemos acreditar na amizade.

À direção do Colégio Batista Brasileiro – SP, pelo apoio e incentivo ao meu trabalho.

Aos colegas e alunos do Colégio Batista Brasileiro – SP pelo companheirismo.

A meus pais, imigrantes portugueses, pela minha vida.

A meus sogros, também imigrantes portugueses, pelo amparo em todos os momentos.

Às minhas irmãs, cunhados e sobrinhos por tantos momentos de muitas alegrias e forte união.

Aos primos e primas distantes em Portugal, França e Bahia, mas juntinhos no desejo de sucesso.

A todos que me olham com o coração.

## RESUMO

O interesse em estudar as relações pedagógicas na sala de informática educativa nasceu da experiência de trabalho com computadores como ferramenta pedagógica, observações e depoimentos de alunos e colegas sobre experiências na sala de informática. Para esse estudo, busquei, na sala de Informática Educativa, indicadores de relações pedagógicas prazerosas e eficazes, do ponto de vista dos professores e alunos. O pressuposto é que relações pedagógicas de boa qualidade são fundamentais para a aprendizagem do aluno. Como sujeitos da pesquisa, foram selecionados alunos e professores, do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série, de uma escola particular de classe média, situada na Zona Oeste, da cidade de São Paulo. A pesquisa parte de um período de Observação Participante, registros de situações vividas no laboratório de Informática Educativa. Na segunda parte da pesquisa, foi proposta e aplicada uma redação, junto aos alunos de 5ª a 8ª série e, junto aos seus professores, um questionário. A fundamentação teórica da pesquisa teve o aporte de Henri Wallon e Thomas Gordon. Os indicadores de relações pedagógicas prazerosas e eficazes, encontrados em relação à sala de Informática Educativa, têm pontos em comum, na perspectiva de professores e alunos. Alguns deles são: preocupação com planejamento ou aulas bem dadas, metodologias diversificadas, respeito mútuo e afeto. Com relação aos indicadores encontrados apenas nas falas dos professores, nos deparamos com: o envolvimento com a capacitação, manejo da disciplina e satisfação com o apoio especializado para a sala de Informática Educativa. Os alunos apresentam um indicador de destaque: o gosto pelo ambiente tecnológico. A sala de informática, além de uma motivadora ferramenta tecnológica, é percebida, outrossim, como um ambiente propício às relações pedagógicas/interpessoais que também beneficiam a aprendizagem e cujas qualidades e possibilidades podem ser transferidas ou ampliadas para a sala de aula. Para potencializar tais resultados, faz-se necessário que professores e alunos estejam abertos para investir num trabalho integrado, permeado pela afetividade e habilidade na comunicação.

Palavras-chave: relação pedagógica; informática educativa; adolescente; habilidade de comunicação.

## ABSTRACT

The interest in studying the pedagogical relations in the room of the educative computer science was born from the experience of working with computers as pedagogical tool, comments of the pupils and colleagues on experience in the computer science room. For this study, I searched in the educative computer science room pointers of pleasant and efficient pedagogical relations, the point of view of the teachers and pupils. It is understood that pedagogical relations of good quality are basic for the learning of the pupil. As objects of research, pupils and teachers had been selected of "Ensino Fundamental", from the 5<sup>th</sup> grade to the 8<sup>th</sup> grade of a private school of the "middle class", situated in the West Zone of São Paulo City. The research comes from a period Participant Observation, registers of situations lived in the Laboratory of Educative Computer Science. The second part of the research was proposed and applied a composition to the pupils from the respective grades mentioned above and their teachers altogether plus a questionnaire. The theoretical support was based on Henri Wallon and Thomas Gordon. The pointers of pleasant and efficient relations found, concerning the Educative Computer Room, have some points in common according to the perspective of the teachers and pupils. Some of them are: concern with planning or lesson given, diversified methodologies, mutual respect and affection as well. Regarding to some pointers found just in the teachers' speeches, we can notice that: the involvement with the qualification, handling of disciplines and satisfaction with the support specialized for the Educative Computer Science Room. The pupils present a prominence pointer: the taste for the technological environment. The computer science room, besides being a motivated technological tool is perceived however, a propitious environment for the pedagogical/ interpersonal relations that also benefit the learning and whose qualities and possibilities can be transferred or be extended for the classroom. In order to increase such results, it is necessary that teachers and pupils are open to invest in an integrated work surrounded by affectivity and ability in the communication.

Keywords: Pedagogical Relation; Educative Computer Science; Adolescent, Ability in communication

# SUMÁRIO

<b>I – Introdução</b>	11
1.1 – Minha relação com o computador: sentimentos envolvidos	13
1.2 – Origem desta pesquisa: minhas experiências em sala de informática educativa	16
1.3 – Objetivos desta pesquisa	20
<b>II – Informática Educativa</b>	22
<b>III – Principais referentes teóricos para a compreensão da Relação Pedagógica</b>	26
3.1 – Contribuições de Henri Wallon	26
3.2 – Contribuições da proposta de Thomas Gordon	35
3.2.1 – “Os Mitos”	39
3.3 – Relação Pedagógica na sala de aula e na sala de informática educativa	43
3.3.1 – Relação Pedagógica na sala de aula	45
3.3.2 – Relação Pedagógica na sala de informática educativa	46
<b>IV – Procedimentos Metodológicos</b>	49
4.1 – A escola e o início da coleta de dados	49
4.2 – A escolha dos sujeitos e a aplicação dos instrumentos de pesquisa	49
4.2.1 – Alunos	49
- Pré-teste dos alunos	50
- Aplicação da redação – alunos	51
4.2.2 – Professores	51
- Montagem e aplicação do instrumento de pesquisa	52
4.2.3 – Análise dos dados	52
- Alunos	52
- Professores	53
<b>V – Análise</b>	54
5.1 – Análise de dados – alunos	54
5.1.1 – Perfil dos alunos	54
5.1.2 – A escolha dos Temas	55
5.1.3 – As categorias	57
- Categoria: “o que gosto na sala de informática educativa”	58
- Categoria: “o que não gosto na sala de informática educativa”	61
- Categoria: “o que gosto na sala de aula”	64
- Categoria: “o que não gosto na sala de aula”	67
- Categoria: “interação entre alunos”	69
- Categoria: “observando os professores”	71
5.1.4 – Escolhas de Temas por gênero	74
5.1.5 – Discussões diante dos dados dos alunos	78

5.2 – Análise de dados – professores	80
5.2.1 – Primeiros dados: a observação impressionista	80
5.2.2 – Caracterização dos professores participantes da pesquisa	81
5.2.3 – Os mitos propostos por Thomas Gordon, na perspectiva dos professores	83
- A escolha dos mitos	83
- A escolha dos mitos, na sala de informática educativa	85
- A escolha dos mitos, na sala de aula	89
- Reflexões dos professores provocados pelas questões finais	91
5.2.4 – Uma professora...	94
5.2.5 – Discussões diante dos dados dos professores	99
<b>VI – Considerações Finais</b>	<b>102</b>
<b>VII – Referências Bibliográficas</b>	<b>109</b>
<b>VIII – ANEXOS</b>	<b>117</b>
ANEXO 1 – Ficha de Observação	118
ANEXO 2 – Instrumento de pesquisa – Alunos	120
ANEXO 3 – Instrumento de pesquisa – Professores	121

## I – INTRODUÇÃO

A sociedade avança velozmente na busca eficiente da utilização dos recursos oferecidos pela informática a seu benefício. Agências bancárias, repartições públicas, escolas, secretarias de Estado demonstram, inexoravelmente, a interação da informática com o cotidiano de cada um de nós.

A introdução da informática, como ferramenta de trabalho, trouxe, como consequência direta, a necessidade de adaptação do ser humano à nova realidade.

Nos últimos anos, o microcomputador invadiu várias áreas de atividade humana. Verifica-se, também, que uma parcela significativa de pessoas tem contato com o microcomputador em suas casas, no trabalho, casas de amigos e parentes. A grande maioria utiliza jogos, aplicativos e Internet.

Pode-se encontrar o microcomputador nas escolas, executando desde o gerenciamento administrativo (notas, faltas, relatórios e demais itens) até o acompanhamento pedagógico, nas práticas do ensino, como instrumento para uso didático. Educadores passam a ponderar e utilizar a Informática a serviço da Educação. Uma das preocupações é adaptar o uso da informática à fase de desenvolvimento da criança, a fim de garantir um melhor aproveitamento de sua aprendizagem, dado que, de acordo com Wallon, a integração entre as dimensões cognitiva, afetiva e motora da criança deve ser respeitada e desenvolvida.

Para que esta nova ferramenta pedagógica venha a ser utilizada pelos professores, faz-se necessário a montagem da sala de informática nas instituições de ensino, oferecendo-a para alunos e professores. Assim, é inevitável o investimento em maquinário e infra-estrutura dos laboratórios. Porém, é necessário que voltemos nossa atenção para a formação inicial e permanente, Imbernón (2000) e a formação continuada dos professores, Bettega (2004). Um aspecto importante lembrado por Oliveira (1997) é o de considerarmos os valores político-pedagógicos que o professor traz de seu desenvolvimento pessoal e profissional. Como escreve Prado (1993):

(...) o aprendizado de um novo referencial educacional envolve mudança de mentalidade (...) Mudança de valores, concepções, idéias e, conseqüentemente de atitudes, não é um ato mecânico. É um processo reflexivo, depurativo, de reconstrução, que implica em transformação e, transformar significa conhecer. (p. 99)

Este é um desafio para os professores.

Hoje, o acesso ao volume de conhecimentos do ser humano e, por conseqüência, de boa parcela de alunos, cresce e se aprimora, rapidamente. Com a popularização da Internet, na década de 90, o volume de informações disponíveis vem, aos poucos, dividir com as Instituições Acadêmicas o papel de geradora e mantenedora de conhecimentos. Em vista deste contexto, o professor não pode ser considerado o detentor de todo o saber.

Por terem acesso fácil às novas fontes do conhecimento, os alunos estão mais bem informados e, portanto, mais questionadores, buscando maiores saberes. Uma nova postura é exigida do professor que, por sua vez, se vê com necessidades de reformular suas estratégias de ensino e de relacionamento humano.

É grande a importância, no processo educativo, do registro e organização dos conhecimentos com foco no professor, no aluno e nas instituições acadêmicas. Porém, com tantas informações disponíveis, ao alcance de todos, que nos trazem os mais variados meios de comunicação, como a Internet, o professor deve adquirir uma constante formação pedagógica. Esta, capaz de contribuir para enfrentar os desafios, advindos do surgimento das novas tecnologias.

Desta forma, reforça para o professor que o simples acúmulo e domínio de conhecimentos - em suas respectivas áreas - não são mais suficientes para conferir-lhe a competência necessária no trabalho com seus educandos de maneira adequada. Por outro lado, o mestre, sem amor "pelo que" faz e "para quem" faz; nem sempre é capaz de transmitir o conteúdo e, com o tempo, poderá tornar a aprendizagem um martírio para ambas as partes (professor e aluno).

Assim, faz-se necessário que, além da relação profissional, possam ser estabelecidos vínculos de confiança, respeito e afeto entre as partes. Sem isso, é bem provável que, mais cedo ou mais tarde, o aluno "desista" de aprender. Muito se diz que o papel do professor é o de facilitador do conhecimento, ou seja, o professor é aquele que presta uma orientação adequada, capaz de fazer o aluno perceber qual o seu caminho e escolher as estratégias mais adequadas para a contínua aquisição da gestão dos saberes adquiridos. Porém, é valiosa a conscientização deste profissional quanto à importância do desenvolvimento da confiança mútua, da autonomia emocional e cognitiva do aluno, para que possa acontecer um processo eficiente de ensino e aprendizagem.

Por sua vez, pensar numa aprendizagem e ter uma relação professor-aluno na qual a autenticidade de atitudes (Gordon, 1974) crie o espaço em sala de aula

favorável ao aproveitamento das relações pedagógicas (Placco, 2003a), é desejado por todos.

O professor deve saber se relacionar com as pessoas e investir suas forças para o desenvolvimento de seus alunos por meio da educação integral, em Almeida (2004, p. 27) “ou seja, capaz de possibilitar a formação do caráter e a orientação profissional, uma responsabilidade também da escola”.

O aluno presente em ambiente escolar comunga uma relação com seu meio e grupos de colegas e professores. Desta forma, está em pleno desenvolvimento da aprendizagem e de sua pessoa. Assim, anota Dantas (1992, p. 85) “Na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”.

Em busca da relação prazerosa com seus alunos, o professor utilizará paciência, compreensão, o saber ouvir e calar, flexibilidade, a humildade (suficiente para admitir que não sabe tudo, mas está sempre disposto a aprender juntamente com seus alunos) e, especialmente, a demonstração de seus sentimentos.

De todas estas buscas, evidenciamos a importância dos sentimentos em toda a relação pedagógica, aqui entendida como o desenvolvimento da relação interpessoal que soma forças com a aprendizagem.

### **1.1 – Minha relação com o computador: sentimentos envolvidos**

Estar em contato com pessoas, ouvir, falar e compreender são situações sempre presentes em minha vida, desde a casa de meus pais até em meu grupo de colegas na escola.

Ingressei na faculdade de Pedagogia – PUC/SP, aos 17 anos, em 1980. Não tinha certo o meu objetivo profissional. Fui daqueles vestibulandos que prestaram os exames e, para meu espanto, fui convocada na 1ª lista de aprovados. E por que não cursar? Afinal, era uma faculdade de renome e muito próxima de minha casa.

Já no 1º ano de Pedagogia, percebi que meus princípios e opiniões, perante meu grupo de professores e colegas, eram passíveis de elogios e atenção. Creio que o “embrião da educadora” começou a ser gerado ali, naquele momento e lugar!

Por que ali? Porque o educador (como pessoa e profissional) deve gostar de si mesmo e logo partir para se colocar, ajudar, formar, informar... Viver a busca pelo saber e mostrar o caminho aos outros, bem como, ter a sabedoria de ouvir o

próximo. A autenticidade dos atos e seus sentimentos, conforme nos lembra Gordon (1974), caminham juntos.

Parti para fazer o “Magistério”, pois nenhuma escola admitia professores (mesmo Pedagogos) sem este curso.

Qual foi o meu espanto? Minhas colegas, futuras “educadoras” (ao menos receberiam o diploma), tinham dificuldades em cursar determinadas matérias, fazer trabalhos, provas, estágios e algumas até dormiam durante algumas aulas. Em vista de minha insatisfação com a grande quantidade de teoria e a falta de oportunidades de conhecer a prática docente, resolvi fazer estágio. Este me colocaria com “a mão na massa” e permitiria usar alguma teoria vista, tudo em consonância com a vivência de práticas da escola.

No estágio, junto às classes de 1ª a 4ª série, do Ensino Fundamental de uma escola particular, tive vários momentos, como: observar, cuidar de salas, montar apostilas, consultar livros, atender crianças com dificuldades na aprendizagem, dar e receber “beijinhos” de pequeninos alunos e tantas outras passagens. Uma das mais interessantes foi a oportunidade que tive de coordenar minhas colegas da classe do curso de magistério.

Aos sábados, no período da manhã, éramos responsáveis por dar aulas de reforço para alguns alunos de 1ª a 4ª série. Reunia-me com as professoras do colégio, para que me dessem o material e instruções de uso para aplicação nas aulas de reforço. Sempre que possível, procurava informações sobre as dificuldades dos alunos que estavam sob nossos cuidados, junto com a orientadora educacional, na 6ª feira. Depois, na mesma noite, distribuía as atividades e informações dos alunos para as minhas colegas.

No sábado, dava as minhas aulas na primeira metade do tempo e, na outra metade, passava pelas salas em auxílio às futuras professoras, como eu. No final de cada manhã, nos reuníamos para fazer um balanço das aulas dadas e o material utilizado era recolhido. Na segunda-feira, levava todo o material e retornava as informações que possuía para as professoras de cada turma. Na impossibilidade de falar diretamente com as professoras, passava as tarefas e observações para a orientadora educacional.

Algumas dificuldades apareciam: insegurança de algumas colegas diante do exercício de aulas para crianças; personalidades fortes e de difícil relacionamento; receios da maioria, devido à falta de experiência em sala de aula; pouco

conhecimento sobre metodologias e algum receio em demonstrar seus sentimentos para as crianças, pois as futuras professoras achavam que perderiam o controle disciplinar da sala.

Parti para descobrir alguns desses sentimentos, que cada uma dessas colegas insistia em não usar. Em paralelo, tentei trazer à tona as suas virtudes. Tive alguns sucessos e insucessos junto ao grupo. Mas, com certeza, isso despertou em mim a vontade de querer ensinar e demonstrar a afetividade que há dentro de cada um.

Continuei meu estágio. Depois de dois anos, obtive um prêmio, ou seja, o convite para trabalhar neste colégio (nele permaneço até hoje – 22 anos). Fui descobrir que mantinha alguns sonhos e vontades um pouco adormecidas. Era o contato com os alunos que despertavam a meu envolvimento com o trabalho. Ensinava e, ao mesmo tempo, acabava por me divertir e aprender com as crianças. Estava descobrindo o valor das relações pedagógicas. Conforme nos postula Placco (2003a), é de grande importância registrar que, ao se falar de “relações pedagógicas”, deve-se considerar a prática docente, o processo ensino-aprendizagem e as relações entre professores e alunos.

No ano seguinte, uma professora me convida para trabalhar em outro colégio particular, no mesmo bairro (neste fiquei seis anos). Embora houvesse muito trabalho, encontrava muita abertura para dar aulas com metodologias diferenciadas e criativas.

O grupo de professoras dessa segunda escola era composto por pessoas mais jovens, com formação acadêmica mais recente e extremamente entrosadas. Vale a observação que era um grupo “muito divertido”. Em especial, esta característica colaborou bastante para a inovação de nossas aulas. O fato de haver excelente entrosamento entre as professoras fazia com que valorizássemos a relação professor-aluno.

Descobri a importância do grupo no qual estamos inseridos, pois isto nos leva a novas informações e adaptações em nossa vida, da mesma forma que oferecemos ganhos a esse mesmo grupo. Acabava por identificar a importância do meio social na formação de nosso desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

Cada vez mais me convencia que o professor não deve esquecer as sementes plantadas em sua formação familiar e de vida.

Após seis anos de trabalho em duas escolas, decidi deixar uma para ter um filho e me atualizar (cursos, palestras etc.). O que valia era a experiência que vivia e somava a cada turma de alunos com as quais trabalhava. Minha atenção estava voltada para minha prática.

Um dia, minha prática e gosto pelos desafios profissionais levar-me-iam a outros caminhos!

## **1.2 – Origem desta pesquisa: minhas experiências em sala de informática educativa**

Por volta do final dos anos 80, na escola onde permaneci trabalhando, foi montado um laboratório de Informática Educativa para fins pedagógicos.

Após nove anos trabalhando com turmas de 4ª série, do Ensino Fundamental, tive o convite de minha coordenadora de curso para integrar a recém formada Equipe de Informática.

Meu interesse em estudar as relações pedagógicas e conhecer o uso dos computadores para fins da educação começou a se evidenciar.

A equipe tinha responsabilidade de introduzir o uso dos computadores a serviço das aulas. Participar de congressos, feiras e escolas que já utilizavam a Informática Educativa fazia parte de uma rotina de observação e estudos. Ao mesmo tempo, realizava entrevistas, fazia leituras diversas (jornais, revistas especializadas, artigos etc.) e mantinha contato com técnicos e educadores. Cada descoberta sobre o uso desta nova ferramenta pedagógica era um avanço na construção do conhecimento.

Em minha formação acadêmica, tornava-se evidente a lacuna para atuação nesta área. Assim, fiz uma especialização *lato sensu* em Informática na Educação. Minhas expectativas residiam na descoberta de respostas para tantas perguntas referentes ao uso desta nova tecnologia adaptada às aulas, ao nível de conhecimento dos professores e da fase de desenvolvimento de nossos alunos.

Aos poucos, constatei que, realmente, não era “Professora de Informática” e, sim, “Professora **em** Informática”. Desta forma, sempre tomava muito cuidado em analisar “pedagogicamente” os softwares, equipamentos e dinâmicas das aulas, de forma a garantir a aprendizagem contínua dos educandos e a positiva relação entre professores e seus alunos.

O que fazíamos, ao longo desse tempo na Equipe de Informática Educativa? Com compromisso e envolvimento pessoal e profissional, procurávamos usar os computadores.

Decidimos que nossa equipe deveria ser nomeada: Equipe de Informática Educativa (ou Informática na Educação). Afinal, todas eram professoras e não técnicas. Assim, partimos dos seguintes pressupostos:

- 1º) Reconhecemos que não seria esta máquina que conquistaria “nova clientela” para nossa escola, e, sim, a garantia de seu “bom uso” e
- 2º) Soubemos que todo o processo de “domínio” dos computadores e de seus softwares dependeria de fatores como: tempo; manipulação do equipamento; utilização na escola, em casa e em situações sociais (bancos, diversões eletrônicas, eletrodomésticos); e envolvimento dos professores.

Estabelecemos os seguintes objetivos:

- \* Analisar e utilizar os softwares sob a ótica pedagógica;
- \* Explicitar que o computador deveria ser usado em uma escola como “ferramenta pedagógica”, para auxílio às aulas do professor. Porém, não deveria ser considerado a “salvação da educação”;
- \* Demonstrar que o computador é mais uma tecnologia que o homem, em seu meio social, criou para “facilitar” suas ansiedades inventivas, de poder, e de evolução;
- \* Desenvolver habilidades e técnicas para convencer nossos colegas sobre os benefícios e utilidades dos computadores, dentro da escola. Para isso, usamos: conversas informais, ofertas de oficinas de capacitação em informática, propaganda do trabalho desenvolvido com outros colegas, demonstração de programas, exposição dos trabalhos e projetos feitos com os alunos;
- \* Mostrar aos pais que a utilização dos computadores, no colégio, era feita com objetivos pedagógicos e, mesmo usando desta forma, seus filhos (nossos alunos) conseguiriam ter habilidades para utilizá-los em situações “não” escolares;
- \* Buscar informação e formação para nossa equipe de informática educativa e para nossos colegas professores;
- \* Desenvolver boa interação com os professores e com os alunos usuários deste recurso, garantindo também apoio pedagógico.

Durante as aulas, percebi que minha formação pedagógica, bem como minha experiência como professora no Ensino Fundamental, capacitaram-me a

acompanhar os alunos neste novo ambiente escolar: a sala de informática educativa. Nele, dei continuidade às minhas observações com relação à aprendizagem e à interação do aluno.

Munida de diversas anotações, decorrente de minhas observações, passou a fazer parte dos Conselhos de Classe, para falar de aproveitamentos cognitivos, dificuldades e facilidades de sociabilidade entre os membros das classes. Para muitos professores, era novidade que a sala de informática educativa pudesse ser um lugar propício a tantas análises.

Observar aos alunos, no laboratório de Informática Educativa, era relativamente tranquilo, pois o interesse dos alunos era com as máquinas. Sempre que possível, alertava os colegas de trabalho que acompanhavam as turmas sobre a importância de usar essas informações e continuar observando seus alunos, tanto no aspecto cognitivo, como no afetivo e motor. Assim, com estes resultados, poderiam obter a melhoria de suas relações pedagógicas.

De forma progressiva, nossa equipe atendeu desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio. Em paralelo, tive oportunidade de ministrar alguns módulos de Informática na Educação, em cursos de *lato sensu*. Foi possível constatar que muitos profissionais, de diversas especialidades, eram carentes de formação nesta área e demonstravam um sentimento de receio. Afinal, não se achavam totalmente capazes de dominar a novidade tecnológica.

Dez anos depois...

Hoje, trabalho com os alunos de 5ª a 8ª série, do Ensino Fundamental. A maioria dos professores destas turmas reconhece e utiliza a sala de informática como uma das ferramentas pedagógicas disponíveis e válidas de nossa atualidade. Alguns percebem seus alunos motivados com o uso dos computadores. E reconhecem que uma boa relação entre professor e aluno é fundamental para a aprendizagem de suas turmas.

Para desenvolver a aula no laboratório, tenho reuniões com os professores. Nelas, discutimos a ferramenta usada na sala de informática educativa. Uma vez que a aula é montada, volto o material para avaliação do professor. Tudo é verificado e, estando a contento, agendamos a (s) aula (s).

No dia e horário marcados, o (a) professor (a) acompanha seus alunos para a execução da aula. Durante todo o período, permanece dentro da sala acompanhando o andamento da turma e dando o suporte técnico necessário ao professor e alunos. Cabe ao professor presente o suporte pedagógico.

Com o passar de uma década, convivendo com professores, alunos, montagens e acompanhamento de aulas, observei fatos interessantes que me inquietaram, durante as aulas no laboratório de Informática Educativa. A seguir, alguns de meus registros elucidam a origem de minhas inquietações.

### – Exemplo 1: Uma sala de 5ª série (31 alunos)

Professora chega atrasada, cerca de cinco minutos.

Os alunos em sala estão muito agitados.

Professora entra e começa a falar com um tom de voz muito alto.

Um evento:

\* 8h08 min = Chega um aluno 20 min depois da turma. Pede para ser atendido. Professora diz que primeiro vai atender seus colegas que estão em aula e depois o ouvirá. É impedido de entrar e tem que esperar do lado de fora da sala, no corredor.

(obs.: Professora me conta que o encaminhou para a orientação, por indisciplina, enquanto estavam vindo para o laboratório).

\* 8h11min = Aluno entra por conta própria, no laboratório, sem autorização da professora. Permanece junto à porta, de pé.

\* 8h18min = Aluno se dirige à mesa 06, olha o trabalho que o colega faz. Professora não percebe este movimento.

\* 8h20min = Aluno volta para junto da porta.

\* 8h22min = Professora conversa com o aluno sobre o fato ocorrido entre eles.

\* 8h23min = Aluno ocupa a mesa mais próxima da porta. Trabalha sozinho e quieto. Não fez solicitação para que a professora o ajudasse na tarefa. Esta não passou em sua mesa.

(obs: Durante o tempo que o aluno permaneceu de pé, prestou atenção nas palavras da professora, buscando entender o que seus colegas estavam fazendo.)

\* 9h00 = Término da aula. Ambos saíram sem falar nada um com o outro.

### – Exemplo 2 – Uma sala de 7ª série (30 alunos)

Professora muito atenciosa com os alunos. É calma, fala manso e sorri bastante. Ao se dirigir aos alunos, usa a expressão "Queridos".

Alguns alunos brincam com a expressão, mas de forma respeitosa. Entendem o carinho e obedecem às solicitações, com sorrisos e toques na professora. Atitude também retribuída por ela.

Alunos trabalham tranquilos e envolvidos. Pouco barulho proveniente de conversa. A professora sempre atende os apelos de ajuda vindos de alunos. Aula branda e produtiva.

Acabando a aula a sala é deixada com as cadeiras colocadas em seus lugares.

### – Exemplo 3: Uma sala de 8ª série (26 alunos)

Hoje, três aulas, com a mesma professora.

Na 1ª aula = Aula muito expositiva, utilizando o Data Show para mostrar slides montados em Power Point – sobre a matéria em questão. A aula expositiva seguiu por todo o tempo, sem que os alunos utilizassem os computadores. No final da aula, os alunos estavam mais agitados e incomodados do que na hora que chegaram.

Na 2ª aula = Professora falou menos. O arquivo do Power Point foi disponibilizado para uso dos alunos. Tiveram um pequeno tempo para trabalhar na tarefa que a professora propôs, após a sua exposição teórica. Alunos executaram com interesse.

Na 3ª aula = A professora liberou o arquivo no começo da aula. Os alunos trabalharam durante todo o tempo. Solicitaram explicações e foram atendidos. Durante toda a aula, a professora ficou à disposição da classe.

Como se pode notar, a decorrer sobre as ações dos exemplos descritos, há muitas maneiras e oportunidades de estabelecer as Relações Pedagógicas; estas interferem na aula e na aprendizagem. Esses fatos me levaram à proposição da presente pesquisa.

### 1.3 – Objetivos desta pesquisa

O foco de minha pesquisa é evidenciar indicadores das relações pedagógicas<sup>1</sup> na sala de informática educativa, que contribuam para o melhor aproveitamento da aprendizagem dos alunos.

Parto do pressuposto que vigora na escola, de que a sala de informática é uma das ferramentas pedagógicas da escola. No entanto, acrescento a isto um pressuposto particular de que a sala de informática educativa é um espaço privilegiado para relações pedagógicas prazerosas e construtivas. As relações pedagógicas de boa qualidade são fundamentais para a aprendizagem do aluno. Assim, surge a pergunta:

Quais indicadores podem ser identificados na sala de Informática Educativa que revelam relações pedagógicas prazerosas e eficazes, do ponto de vista dos professores e alunos?

---

<sup>1</sup> Aqui entendidas como a soma das relações interpessoais entre os alunos e seus professores que garante a aprendizagem dos alunos.

Detalhando:

Como ocorrem as Relações Pedagógicas entre professores e alunos em uma sala de Informática Educativa?

Quais as situações que tornam a sala de informática propícia ao desenvolvimento das relações interpessoais prazerosas e eficazes, segundo professores e alunos?

Assim, o objetivo principal de meu trabalho é identificar as contribuições da sala de informática educativa no relacionamento professor-aluno, favorecendo o processo de aprendizagem.

Este estudo poderá ampliar a compreensão de educadores e estudantes sobre a aplicabilidade e o papel da Informática Educativa, fornecendo subsídios teóricos e práticos a educadores que atuam nesta área; poderá ainda reafirmar a importância das boas relações pedagógicas na escola e alertar para a necessidade e o valor de melhorias na formação inicial e continuada dos professores.

## II – INFORMÁTICA EDUCATIVA<sup>2</sup>

Inúmeras são as justificativas que reafirmam a importância do computador como ferramenta já incorporada ao mundo moderno; o computador como reflexo do avanço tecnológico, diretamente aplicável ao processo ensino-aprendizagem. A possibilidade de integração, convivência e cooperação de diferentes meios de comunicação, em um único sistema, abrem espaço para inúmeras aplicações que, se não revolucionarão, pelo menos modificarão substancialmente o comportamento das pessoas, no âmbito profissional, pessoal e social.

Diferentes mídias de comunicação estão presentes na educação, para auxílio pedagógico, como o uso de filmes educativos em sala de aula, veiculados em VHS e DVD e os programas específicos para TV's educativas. A presença da internet, instituída em nossa cultura, sem dúvida marca um papel importante no aprimoramento das técnicas de ensino e da velocidade do fornecimento das informações.

A informática tem sido utilizada com uma frequência cada vez maior nas escolas.

No ensino, a informática deve levar em consideração tanto os aspectos didáticos e os mecanismos que favorecem o aprendizado, como a expectativa do conteúdo a ser ensinado, tendo-se em vista as características e necessidades da nossa sociedade, no século XXI.

A tecnologia baseada no computador, que permite acesso rápido e imediato a fontes ampliadas de informação e agiliza seu tratamento, poderá com certeza contribuir para ajudar a escola a se transformar em um local onde se constrói conhecimento e onde se desenvolvem habilidades. (MARINHO, 2002, p. 42)

Gatti (1993, p. 24) fala da importância de refletir e bem preparar a utilização do computador como um recurso didático nas escolas. A pesquisadora entende que “A qualidade de uso desse instrumento está nas pessoas e não na máquina” e considera que a atividade na aprendizagem se torna rica, pois cria a motivação e a interação entre os alunos e entre os alunos e seus professores. Por ser uma tecnologia já presente em nossa cultura e no meio escolar, caberá ao educador

---

<sup>2</sup> Em determinado momento do texto, usarei o termo Informática na Educação, embora para mim estes termos sejam intercambiáveis.

refletir e sempre adequá-la para servir “(...) fins e objetivos relevantes para o ensino e para o desenvolvimento da aprendizagem das novas gerações”.<sup>3</sup>

A Informática a serviço da Educação foi, por um tempo, e em alguns lugares ainda continua sendo, uma tentativa, uma opção em ver o educacional pela lente dos computadores, sendo suas linguagens e possibilidades práticas, na esfera psicopedagógica, alteradas de acordo com a evolução tecnológica. O problema em tentar substituir velhas dificuldades por inúmeras novas questões, por exemplo, e, para isso, eleger a informática como a grande “detentora do sucesso escolar”, pode ser perigoso para os objetivos educacionais. Deve-se promover a aproximação da Informática à Educação com moderação e consciência crítica.

Por volta da década de 90, identificavam-se cursos de “atividade-fim” como os que atenderiam a necessidade de desenvolver objetivos compatíveis com o perfil do profissional que trabalharia com a informática. Portanto, teria que haver capacitação para “sobreviver” no dinâmico e agressivo mercado de trabalho. Para isto, recomendava-se uma ênfase maior no conhecimento de linguagens de programação, atividades práticas, banco de dados, planilha, editor de texto, bem como exercitar seus comandos e recursos com sucesso. Enfim, dominar o computador, até aqui, é utilizá-lo como uma ferramenta de trabalho. Carraher (1992, p. 21) classifica “O computador como máquina de ensinar”.

Nas escolas, pais fazem afirmações tais como: “Crianças possuem mais facilidade para lidar com os computadores do que o adulto”; “O computador é o melhor instrumento de ensino”; “Integrar as velhas brincadeiras de criança com as modernas tecnologias da área de Informática e, com isso, produzir uma nova forma de aprendizado”; “Meu filho tem seis anos e já sabe usar um processador de textos”; “Na escola de meu filho tem aula de computação!”. No entanto, até onde estas afirmações refletem preocupações com o real desenvolvimento cognitivo, psicológico e social de um aprendiz?

A utilização do computador, na sala de informática, chegou às escolas como “atividade-meio”, ou seja, o professor leva seus alunos à sala de informática, utiliza o equipamento e os softwares com o propósito de complementar as atividades escolares, já desenvolvidas em sala de aula. Claros objetivos e planejamento de uso

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 27.

devem se estabelecer. O computador é usado como um recurso pedagógico, um auxiliar do processo ensino-aprendizagem, a serviço da educação.

Desta forma, o aluno precisa de instrução técnica básica apenas para capacitá-lo a operar a máquina e seus programas. O maior foco é o desenvolvimento da aprendizagem e a interação entre os alunos e o professor. Tajra (1998) reforça:

A prática mais sugerida é a conciliação dos enfoques pedagógico e social, portanto, ao elaborar o plano de curso com a utilização da informática, deverá ser previsto um momento em que sejam repassadas algumas orientações tecnológicas básicas associadas às orientações pedagógicas. (p. 35)

Entendida como atividade-meio, a Informática Educativa pode ajudar que a educação atinja um dos grandes objetivos, que é preparar o jovem para a sua futura entrada em um mundo onde constantes transformações sociais e tecnológicas são presentes. Para tanto, cabe à escola incorporar as realidades vividas em nossa sociedade, usando de muita ponderação.

O computador pode ser um dos agentes colaboradores do desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, do indivíduo, em fase escolar, como afirma Gatti (1988). Porém, deve-se adequar os softwares às faixas etárias trabalhadas, bem como o tempo a ser tomado por estas atividades.

Vale lembrar que as crianças podem iniciar o uso de programas no computador com a prática de “joguinhos eletrônicos”, em qualquer idade, desde que compreendam o que estão fazendo. Mas, nunca devem se tornar sedentárias, deixando de praticar exercícios físicos, ficando todo o tempo “alienadas”, atentas a uma tela de computador. As máquinas podem aguçar os reflexos, propiciar mais agilidade de raciocínio e motricidade das mãos, mas não a inteligência em si, a sociabilidade com seus pares, nem a demonstração de seus sentimentos.

Trabalhos podem ser feitos nas escolas. Os alunos lidam com bancos de dados e processadores de texto, para acompanhar pesquisas; fazem consultas em bibliotecas equipadas com computadores; aplicativos são adaptados ao conteúdo de matérias específicas; softwares com simulações de laboratórios são utilizados; projetos interdisciplinares são propostos (por exemplo, o estudo sobre a descoberta do Brasil feito por História e Geografia – fauna da época, língua portuguesa – obras literárias da época e outras); ligação com outras escolas através da Internet (podendo haver o desenvolvimento de projetos conjuntos) e tantas outras atividades

que os professores, devidamente capacitados, passam a instituir durante suas aulas. Desta forma, o computador pode ser um auxílio aos professores, escola, pais e, principalmente, aos alunos. Portanto, é a Informática Educativa, como tecnologia, voltada para efetivar a aprendizagem dos educandos. Para Valente (1993):

(...) o computador pode enriquecer ambientes de paradigma instrucionista. No entanto, o computador pode enriquecer ambientes de aprendizagem onde o aluno, interagindo com os objetos desse ambiente, tem chance de construir o seu conhecimento. (...) O aluno não é mais instruído, ensinado, mas é o construtor do seu próprio conhecimento. (...). (p. 24)

A Informática não é uma disciplina: é uma ferramenta pedagógica interdisciplinar. É parte do contexto, o que envolve problemas de ordem política, social e econômica (Almeida, 1988). Devemos acompanhar seu uso nas escolas.

Reforçando esta colocação, encontramos, em Oliveira (1997), um alerta com relação à capacitação de professores para a utilização desta nova tecnologia em função de contribuições positivas para o desempenho do papel docente e que favorece o crescimento e melhora a qualidade de ensino.

Outros autores que contribuem para esta análise são: Papert (1994), Almeida (1988), Tajra (1998), Carneiro (2002) e Joly (2002).

### III – PRINCIPAIS REFERENTES TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

Para discutir meu problema de pesquisa, encontrei subsídios em alguns autores, principalmente Henri Wallon e Thomas Gordon.

Outros autores, de elevada importância, colaboram ao longo deste trabalho de pesquisa.

#### 3.1 – Contribuições de Henri Wallon

Médico, psicólogo e educador francês, nascido no ano de 1879, em Paris, Wallon faleceu em 1962; oriundo de família republicana e avô político, viveu as duas grandes guerras, as de 1914 e 1939. Na primeira, participou como médico do exército francês e, a partir desta experiência, observando os reflexos das lesões sobre o psiquismo, aprimorou pesquisas que já realizava, com crianças que apresentavam patologias. Na Segunda Guerra, integrou a Resistência contra os nazistas.

Em 1925, defendeu sua tese de doutorado *L'enfant turbulent*, editada como livro, e na qual estão os germes de sua teoria de desenvolvimento. Sua forma peculiar de estudar o desenvolvimento, fundamentada no materialismo dialético, é a Análise Genética Comparativa Multidimensional:

– Genética, porque estuda as origens, ou seja, a gênese dos processos psíquicos. Mas, para bem compreender esses processos, é necessário obter dados vindos de outros campos de conhecimento. Comparou a criança normal com o adulto normal; a criança patológica com a criança normal; crianças normais da mesma idade e de idades diferentes; criança com o animal e o adulto do presente com os de civilizações antigas.

– Multidimensional, porque analisa os diferentes contextos: orgânicos, sociais, neurofisiológicos.

Sua teoria de desenvolvimento parte do pressuposto que o homem é um ser geneticamente social, portanto, é uma pessoa em permanente processo de modificação, desde o nascimento até a sua morte.

Para Wallon, a síntese dialética entre o biológico e o meio (geográfico e humano) garante o desenvolvimento em um processo que se estende por toda vida e à luz das contradições.

A Teoria do Desenvolvimento de Wallon respalda esta pesquisa, e o conceito priorizado para discussão é o processo de integração: a integração organismo-meio (com destaque ao meio escolar) e a integração dos conjuntos funcionais: cognitivo, afetivo, motor e pessoa.

Desde sua concepção, toda pessoa recebe a herança genética da espécie humana. Em comunhão com seu meio, recebe estímulos capazes de modificar seu genótipo.

Wallon (2005), a esse respeito, esclarece:

O objectivo assim perseguido não é mais do que a realização daquilo que o *genotipo*, ou gérmen do indivíduo, tinha em potência. O plano segundo o qual cada ser se desenvolve depende portanto de disposições que ele tem desde o momento da sua primeira formação. A realização desse plano é necessariamente sucessiva, mas pode não ser total e, enfim, as circunstâncias modificam-na mais ou menos. Assim, distinguiu-se do genótipo o *fenotipo*, que consiste nos aspectos em que o indivíduo se manifestou ao longo da vida. A história de um ser é dominada pelo seu genotipo e constituída pelo seu fenotipo. (p. 50)

Wallon registra a importância do meio social para o indivíduo, afirmando que:

O meio é o complemento indispensável do ser vivo. Ele deverá corresponder a suas necessidades e a suas aptidões sensório-motoras e, depois, psicomotoras... Não é menos verdadeiro que a sociedade coloca o homem em presença de novos meios, novas necessidades e novos recursos que aumentam possibilidades de evolução e diferenciação individual. A constituição biológica da criança, ao nascer, não será a única lei de seu destino posterior. Seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias de sua existência, da qual não se exclui sua possibilidade de escolha pessoal... (apud Almeida, 2003, p. 78)

Wallon distingue meios espaciais e meios funcionais. Meios rurais e urbanos, meios de vizinhança são espaciais, enquanto que família, escola, meios profissionais são funcionais, isto é, meios propícios para o desenvolvimento de habilidades, para a socialização, para a aprendizagem.

No *meio*, é encontrado o *grupo*. Este é o responsável pelas relações interpessoais.

Wallon considera o grupo o espaço das relações, um espaço privilegiado onde efetivamente acontece a construção do individual e

do coletivo, onde se constroem as identidades, onde se desenvolvem as personalidades, onde cada um descobre qual é seu lugar no conjunto e onde se vivencia e se recria a cultura, os ritos, os mitos, as tradições etc (...) Todas estas relações complexas de apropriação de si e de diferenciação dos outros são conquistadas e desenvolvidas no processo de relações interpessoais que acontecem no grupo. (GULASSA, 2004, p. 101-102)

O meio familiar é de substancial importância no desenvolvimento humano. Nesse ambiente, a criança recebe os primeiros ensinamentos da sua cultura, do meio ao qual pertence. Com o seu crescimento, passa a fazer parte de outros meios funcionais, e até de outros meios espaciais, e vive outras experiências.

A escola é outro meio funcional essencial e favorável ao desenvolvimento da criança. Nela, o convívio com diversas pessoas, grupos e com detalhamentos de sua cultura é de suma importância. Nesse contexto, cria-se uma atmosfera propícia para a aprendizagem, conquanto o aluno seja respeitado nas várias fases de seu desenvolvimento e no seu ritmo.

Participando de diversos meios e grupos, as crianças conquistam oportunidades privilegiadas para a sua aprendizagem. São espaços que se abrem para o conhecimento de si mesmo e do outro, pela comparação com seus pares.

A integração dos conjuntos funcionais reforça, em nossa compreensão, o desenvolvimento completo da pessoa. Descreve Mahoney (2003):

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas elas têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é resultado dela. (p. 15)

Estão em interação os conjuntos: afetivo (oferece as funções responsáveis pela emoção, sentimento e paixão); cognitivo (oferece um conjunto de funções responsáveis pelo conhecimento do mundo), motor (oferece as funções responsáveis pela movimentação do corpo e apoio tônico para a expressão da afetividade). Mahoney (2004) esclarece que:

A pessoa – quarto conjunto funcional – expressa essa integração, em suas inúmeras possibilidades. A pessoa é a unidade do ser. Cada indivíduo tem uma forma própria e única, que caracteriza sua personalidade em movimento contínuo que vai desde a pessoa

orgânica (predomínio do motor – nos três primeiros meses) até a pessoa moral (adolescência – predomínio do afetivo), passando pelo sensorio-motor e categorial. Existem, então, infinitas possibilidades de personalidades, só limitadas pela cultura. (p. 18-19)

Neste trabalho, priorizamos o conjunto afetividade que, para Wallon, integra emoções, sentimentos e paixão.

Segundo Mahoney e Almeida (2005), podemos caracterizar assim o conjunto afetivo:

\* Afetividade:

(...) à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo / interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis; (...) (p. 19);

\* Emoção:

– É a exteriorização da afetividade, ou seja, é a sua expressão corporal, motora. (...);  
 – Das oscilações viscerais e musculares vão se diferenciando as emoções: medo, alegria, raiva, ciúme, tristeza. A cada uma, passa a corresponder um padrão postural, que libera ou concentra energia com maior ou menor intensidade, e depende de automatismos específicos que emergem pela maturação funcional: reação à queda, à falta de apoio, à estimulação labiríntica, etc. (...);  
 – É também um instrumento de sociabilidade que une os indivíduos entre si.(...) (p. 20).

\* Sentimento:

– Corresponde à expressão representacional da afetividade. Não implica reações instantâneas e diretas como na emoção; (...)  
 – O adulto tem maiores recursos de expressão representacional: observa, reflete antes de agir; sabe onde, como e quando se expressar; traduz intelectualmente seus motivos ou circunstâncias. (p. 21)

\* Paixão:

– Revela o aparecimento do autocontrole para dominar uma situação: tenta para isso silenciar a emoção; (...) (p. 21)

No caminhar do desenvolvimento humano, a afetividade, bem como a cognição, passa por fases, claramente diferenciadas, que se sucedem numa ordem. Devido a fatores orgânicos e culturais, que variam conforme o contexto, não se pode garantir homogeneidade do tempo de sua duração. Portanto, estas fases ou estágios de desenvolvimento sofrem variações, de acordo com características orgânicas e fisiológicas do indivíduo e de seu ambiente. Para Wallon, a análise de cada estágio deve levar em conta a predominância do conjunto (afetividade ou

cognição) e da direção (para o conhecimento de si ou para o conhecimento do mundo).

Essa predominância de um dos aspectos sobre os outros é resultado da sua integração, que é condição plástica, dinâmica e garante o equilíbrio do desenvolvimento da pessoa. No desenvolvimento da criança rumo ao adulto, Wallon evidencia três leis para regular o processo, que são: Lei de Alternância Funcional, da Preponderância Funcional e da Integração Funcional.

A Alternância Funcional mostra direções contrárias – direção *centrífuga* (voltada para o meio *externo*, ou seja, o mundo que o cerca), característica nos estágios sensório-motor e projetivo e categorial. Na direção *centrípeta* (voltada para *dentro* de si, para construção do *eu*), encontramos o Estágio Impulsivo-Emocional, Personalismo e Puberdade e Adolescente. Essas direções se manifestam de forma alternada, entre um estágio e outro.

Preponderância Funcional vem a ser o predomínio de uma das dimensões (motor, afetiva e cognitiva). Cada uma predomina em um estágio. As dimensões se abastecem dialeticamente, e o amadurecimento de uma garante o amadurecimento das demais.

Embora já tenhamos tratado deste item, temos um interessante esclarecimento de Mahoney (2003), sobre a Integração Funcional:

(...) integração funcional, nos aponta outra característica (...), descrevendo a relação entre os estágios como uma relação entre conjuntos funcionais hierarquizados. Os primeiros estágios são conjuntos mais simples, com atividades mais primitivas que vão sendo dominadas, integradas aos conjuntos mais complexos dos estágios seguintes, conforme as possibilidades do sistema nervoso e do meio ambiente. (p. 14)

Nas etapas de desenvolvimento, é importante não só o contato com o outro, como o contato com a produção do outro. A música, a pintura, o texto, as imagens oferecem a identificação cultural do homem: a partir daí, cada um passará a constituir sua diferenciação e, com isto, sua pessoa completa.

A cada fase, as mudanças do estágio anterior se integram na posterior; não se apagam as conquistas já feitas.

Henri Wallon propõe a existência de estágios, mas devemos sempre lembrar que o conteúdo de cada estágio vai depender do meio cultural, pois as idades

propostas por Wallon foram constituídas para crianças de uma cultura e época diferentes das crianças de hoje. São eles:

- \* Impulsivo Emocional (0 a 1 ano)
- \* Sensorio-Motor e Projetivo (1 a 3 anos)
- \* Personalismo (3 a 6 anos)
- \* Categorical (6 a 11 anos)
- \* Puberdade e Adolescência (11 anos em diante)

As mudanças de um estágio de desenvolvimento para outro não se processam de maneira linear e contínua, mas por meio da integração de novas funções e aquisições às anteriores já desenvolvidas. Um dos conceitos centrais, para Wallon, é que haja integração entre as dimensões motora, cognitiva e afetiva. Não há separação das dimensões; todas trabalham de forma integrada e contínua, em um equilíbrio dinâmico.

Os diferentes estágios e suas características estão bem detalhados, entre outros, por: Duarte e Gulassa (2003); Costa (2003); Bastos e Der (2003); Amaral (2003) e Der e Ferrari (2003).

Daremos destaque ao estágio da Puberdade e Adolescência, uma vez que este corresponde à faixa etária dos alunos participantes desta pesquisa.

Assim, no último estágio, anterior à fase adulta, encontramos a Puberdade e Adolescência, acima de 11 anos. Grandes transformações de ordem fisiológica são visíveis, imposição do amadurecimento sexual, assim como mudanças de ordem psíquica. Num movimento de direção centrípeta, a preponderância da dimensão afetiva fica em maior destaque. O jovem caminha para a conquista do domínio da consciência de si.

O jovem adolescente explora a si mesmo como identidade autônoma; discrimina, mais claramente, os limites dessa autonomia e de sua dependência. Busca a auto-afirmação e faz questionamentos constantes ao seu meio. Ao mesmo tempo, fazer parte de um grupo e pensar que pode colaborar com este meio em que vive, usando os conhecimentos que adquiriu, também faz parte desta fase.

O adolescente, mediante atividades de confronto, passa a ter domínio de categorias cognitivas, com maior nível de abstração. Fortalece o pensamento categorial, mas vive uma nova crise de personalidade.

O início do estágio da puberdade e da adolescência é marcado pelo surgimento da chamada 'crise da puberdade'. Esta "crise" causa desconfortos do jovem consigo mesmo, sentimentos de desorientação e insatisfação com o seu ambiente.

A adolescência é uma etapa de profundas transformações para o jovem, pois estabelece a ambivalência de sentimentos e de atitudes, que fará eclodir no adolescente a vontade de renovar, superar as rotinas de cada dia, viver aventuras, partir para a ação em busca de liberdade, do inesperado, identificar seus pares em relação a seus sentimentos e expectativas.

Esta ambivalência atinge o auge no período da adolescência. Ela é mesmo a base do amor para a qual a adolescência é a aurora. O que é o amor? É o desejo de posse de ter para si, de absorver em si o ser amado. É ao mesmo tempo o desejo de se sacrificar totalmente por ele. (WALLON, 1975, p. 219)

Para organizar suas ambivalências diante das situações de seu meio ambiente, o jovem estabelece a oposição aos outros. A oposição ao outro, em especial ao adulto (ex.: familiares e professores), torna-se evidente e necessária para a formação da consciência de seu *eu*.

Não se trata de promover a negação da presença de outras pessoas em seu meio, mas, é uma oposição baseada em argumentos intelectuais já construídos em fase anterior.

Este período de ambivalência existe no adolescente. Faz com que haja nele uma necessidade de conquista, de renovação, de aventura, uma necessidade de renúncia a si próprio, de se libertar pela acção, pelo imprevisto, de aniquilar o que o paralisa. (WALLON, 1975, p. 219)

A relação contínua com seus pares e a recíproca se faz necessária para este movimento de sustentação mútua.

Os conflitos de ordem emotiva estimulam o desenvolvimento dos indivíduos na medida em que ultrapassá-los exige manter a serenidade, o equilíbrio entre a razão e a emoção. (ALMEIDA, 2004, p. 85)

O desenvolvimento da criança e do adolescente é pontuado por *conflitos*. Estes conflitos são resultados dos desencontros entre as ações do sujeito e o ambiente exterior, estruturado pelos adultos e pela cultura. Essas crises levam à evolução, as quais são verdadeiras reestruturações do comportamento adolescente.

As atividades preponderantes em uma etapa reduzem-se ou se suprimem na etapa seguinte.

O conflito, em especial no estágio da puberdade e da adolescência, é muito importante para a aprendizagem. Portanto, tem um caráter positivo e sua ocorrência é fundamental para o desenvolvimento do jovem.

Sua vida afetiva é intensa, cheia de fantasias e sonhos. Seu lado intelectual encaminha-o para que se questione sobre suas origens; sua atual situação é a de refletir sobre seu destino, para seu futuro. Está envolto em um movimento de ir e vir, entre o passado, presente e futuro.

A apreensão do tempo futuro, uma vez firmada, o ajudará na conquista de consciência de si.

A puberdade é a idade das reflexões sobre o ser e o não-ser, sobre a íntima ambivalência da vida e do nada, do amor e da morte. Pela primeira vez a pessoa se concebe concentrada sobre si mesma, não somente entre os outros, mas também no tempo. Dessa crise surge o adulto que optou pela vida contra a morte. (WALLON, apud Der e Ferrari, 2003, p. 68)

Este jovem caminha em direção de se tornar um adulto.

Wallon não escreve uma teoria pedagógica, mas, sim, escreve textos sobre educação. Entre 1945 e 1947, integra a Comissão de Estudos do Projeto Langevin-Wallon, cujo objetivo era elaborar um projeto de reforma do ensino francês. Como principais contribuições, o projeto reforça a necessidade de uma formação integral, que favoreça ao educando o desenvolvimento da autonomia, a formação da cidadania, ao lado de uma sólida formação geral e profissional. Aponta para a importância da formação de valores éticos e morais.

Em relação a Wallon e à Educação, em Almeida (2003) encontramos:

A análise de suas obras permite, então, dois tipos de leitura pedagógica:

1. pedagogia explícita: textos que apresentam análises da Educação Nova e tratam da Educação em geral; Projeto Langevin-Wallon.

2. pedagogia implícita: interferências a partir de sua psicogenética e da atuação de Wallon como professor. (p. 71)

Preocupa-se com a necessidade de a escola possuir espaço e estrutura material adequados para oferecer atividades pedagógicas nas quais a *aptidão* da criança venha a ser orientada e, assim, a criança possa ter a oportunidade de ser

desenvolvida na sua cultura. Em cada estágio, a criança e o jovem podem e devem ser orientados para experimentar e descobrir as tendências de suas aptidões.

Por meio dos estudos de Wallon, tomamos conhecimento do poder epidêmico das emoções, o que deve levar o professor a uma análise reflexiva, pela qual identifique os fatores implicados em cada situação. Em caso de uma criança se opor ao seu professor, este deve observar, refletir e não tomar a oposição como afronta pessoal. Tal conflito pode ser uma característica da fase de desenvolvimento da criança ou das condições existentes no meio social, vivenciada pelo aluno.

A responsabilidade de um professor não reside apenas em desenvolver conteúdos pedagógicos, na escola. Deve buscar conhecer seus alunos e, partindo do princípio que o professor já é *pessoa completa*, este deve se conscientizar para ser um cultivador de aptidões e mediador da cultura de seu tempo.

Lembra-nos Almeida (2003) que:

(...) a pedagogia de Wallon privilegia o humanismo, (...) suas idéias pedagógicas têm a marca de um humanista e o aproximam de outros humanistas. Três pontos se destacam, porém, em suas propostas:

1. a ação da escola não se limita à instrução, mas se dirige à pessoa inteira e deve converter-se em um instrumento para seu desenvolvimento; esse desenvolvimento pressupõe a integração entre as dimensões afetiva, cognitiva e motora;
  2. a eficácia da ação educativa se fundamenta no conhecimento da natureza da criança, de suas capacidades, necessidades, ou seja, no estudo psicológico da criança;
  3. é no meio físico e social que a atividade infantil encontra as alternativas de sua realização; o saber escolar não pode se isolar desse meio, mas, sim, nutrir-se das possibilidades que ele oferece.
- (p. 78)

### 3.2 – Contribuições da proposta de Thomas Gordon

Dr. Thomas Gordon é psicólogo clínico americano, Ph.D. pela University of Chicago.

Reconhecido pioneiro de treinamento de comunicação e métodos na resolução de conflitos, da década de 70, para pais, professores, jovens, organizações administrativas e empregados. Gordon é fundador da Gordon Training Internacional.

Seu primeiro contato com alunos foi através de terapia. Logo, começou seu trabalho com os pais. A partir da solicitação dos pais, Gordon passou a escrever para a educação e voltou sua preocupação para os professores.

O foco de seu trabalho é a formação continuada.

Um dos cursos que desenvolve é o *Teacher Effectiveness Training* (T.E.T.), na Gordon Training Internacional. Propõe que um bom relacionamento entre professores e alunos leva à aprendizagem, apenas exigindo que as pessoas sejam autênticas em seus sentimentos e que compreendam seus pares. Afirma a importância de se garantir um relacionamento positivo com o aluno, pois o restante virá depois.

Gordon valoriza as três atitudes rogerianas, operacionalizando a autenticidade ou transparência e empatia, com base no pressuposto da consideração positiva. Essas capacidades são desenvolvidas por meio do uso das habilidades do “ouvir ativo” e da “mensagem-eu (ou mensagem da primeira pessoa)”.

Gordon lembra que todas as pessoas são equipadas biologicamente para ouvir, embora ouvir não seja *escutar* o aluno. Não se pode “fingir” que ouve o aluno. Deve-se usar de autenticidade nas atitudes com ele.

O ouvir ativo “é um método específico para colocar em prática um conjunto de atitudes com relação ao aluno, a seus problemas e a seu papel de facilitador. É uma habilidade como muitas outras” (Mahoney e Almeida, 2002, p. 69).

Fazendo uso da habilidade do “ouvir ativo”, a longo prazo, o professor pode desenvolver em seus alunos: auto-estima, confiança, respeito e liberdade de expressão.

Para que estas habilidades sejam aprendidas, é necessário que o professor fique alerta, pois “à medida que o aluno percebe, em seu professor, a preocupação

com o ouvir ativo e com a mensagem na primeira pessoa, terá maior probabilidade de usá-la quando se relacionar com os outros” (Mahoney e Almeida, 2002, p. 67). E outra condição para o aprendizado é que o professor exercite as habilidades de ouvir junto ao seu aluno.

Gordon (1998, p. 57) propõe uma questão e a sua resposta:

Como identificar que o problema é do aluno?

Resposta: Quando o aluno traz um problema e este não atinge o andamento de sua aula ou de seus princípios.

Desta forma, identifica-se que o problema é do aluno e, para auxiliá-lo, o professor deve ouvir e apenas ajudá-lo a encontrar o caminho para que resolva seus problemas. Cabe ao professor criar essas condições de ajuda para o aluno. Caso o professor dê ordens, use de ameaças, ensine dando sempre argumento lógico, comece a julgar ou a criticar, acabará causando um bloqueio de comunicação. O aluno não mais tentará resolver sozinho os seus problemas.

É necessário desenvolver a autonomia. Por isso, o professor não pode oferecer as saídas para os problemas. Aos poucos, para ajudá-lo na solução de seus problemas, pode conduzir o aluno a verbalizar e reconhecer seus sentimentos. Por conseqüência, podem evitar que haja dificuldade de aprendizagem.

Por trás das palavras, sempre há um sentimento a ser entendido. O ponto de origem dos nossos sentimentos são as nossas necessidades.

Cinco características que relaciona e são fundamentais, segundo Gordon, para alcançar a qualidade de um bom relacionamento professor-aluno:

Gordon relaciona cinco características fundamentais para alcançar a qualidade de um bom relacionamento professor-aluno:

1. Transparência: Abertura com os alunos e assumir o risco de se revelar;
2. Consideração: reconhecimento do valor dos outros e uso de tratamento adequado;
3. Interdependência: Cada um deve assumir o seu papel;
4. Distanciamento: Deixar o espaço para que um possa se movimentar com as suas peculiaridades. É a não-fusão;
5. Satisfação das necessidades: procura por uma relação que traga contentamento para o aluno aprender e para o professor ensinar.

Professores reagem de formas diferentes, conforme o momento que vivem. Desta forma, não pode haver aulas iguais, pois um bom professor é flexível também com seu planejamento.

Porém, compreende-se quando há atitudes dos alunos que o professor aceita e atitudes que não aceita. O professor deve identificar com clareza o que está incomodando e qual medida tomar em relação às atitudes que não aceita.

Em geral, diante de situações não aceitáveis, os professores têm várias possibilidades de reação.

Alguns utilizam a linguagem do “você”, na qual atribuem ao aluno a responsabilidade ou culpa pelo acontecimento. Exemplificando: “A cadeira foi feita para você sentar”; “Pense bem. É melhor ficar calado”; “Você só erra”; “Quer pendurar uma melancia no pescoço para aparecer mais?”.

Para saber se a linguagem do professor é a mais adequada, em situações de sala de aula, Gordon (1998, p. 52) propõe outra maneira de propor a questão e a sua resposta.

Como saber se o problema é do professor?

Resposta: Ao contrário do “ouvir ativo”, o problema afeta o andamento da aprendizagem e o andamento da aula. Agora, quem está incomodado é o professor. Por exemplo: Muitas vezes, a classe está conversando, alegremente, e o professor acaba dizendo: “... vocês estão atrapalhando a aula...”. Porém, para os alunos, o momento de conversa está mais interessante do que as explicações do mestre. Neste caso, o problema é do professor!

A melhor forma de tratar a situação *não aceitável* é usando linguagem na 1ª pessoa, ou seja, “mensagem-eu”.

Para isso, é necessário utilizar três critérios, nesta mesma ordem:

A – Identificar a situação que lhe causa incômodo. Por exemplo: “Este seu tom de voz está altíssimo...”;

B – Mostrar a conseqüência: “Faz com que eu não consiga dar as instruções do exercício que toda a classe deve fazer...”; e

C – Evidenciar o sentimento que causa, no professor: “Sem que eu consiga terminar a explicação, sinto-me aflita e com receio que acabem errando algo desnecessariamente!”.

Agindo desta forma, fica mais claro para o aluno qual o problema que aflige o professor. O professor tem que ser fiel às suas emoções e, desta forma, fazer-se conhecer.

Caso não seja resolvido com devida clareza, o problema provoca sentimentos negativos no professor. Por outro lado, o uso da mensagem-eu mostra qual o comportamento específico do aluno que o incomoda, mostra o verdadeiro sentimento que o ato causa no professor, evita misturar o *eu* com *você*.

Os resultados esperados são: a confiança entre professor e aluno; a percepção que o aluno desenvolve com relação ao seu professor ser uma pessoa normal; respeito pelas qualidades e fragilidades e o uso da flexibilidade.

Esta é uma forma de operacionalizar a autenticidade de seus sentimentos, por meio de seus atos.

Às vezes, a mensagem-eu pode causar reações negativas no aluno. Como o problema passa a ser dele, o professor deveria recorrer ao ouvir ativo.

Gordon pontua a importância de se extravasar os sentimentos ao fazer uso da fala.

É preciso muito cuidado quando o sentimento do professor for de “raiva e ira”. Deve se dar mais um tempo para pensar na atitude a ser tomada, pois estes sentimentos são extremos e mascaram o que realmente se sente.

Pode haver riscos no uso da mensagem-eu. É mais difícil alcançar sucesso quando o professor está com baixa-estima. Um segundo risco ocorre quando há resistência em mudar. O que significa não melhorar. O terceiro risco é quando o professor assume para si a solução do problema sem compartilhá-la.

Os conflitos na sala de aula são inevitáveis. Conflitos acontecem pela não satisfação de necessidades, do professor ou do aluno.

O importante é a maneira como os conflitos são encarados e resolvidos. Isto sim, pode causar um bom relacionamento. Por isso, faz-se necessário o uso da autenticidade para que haja a construção de um bom relacionamento e de confiança.

Mas, Gordon alerta que *limites* devem e podem ser estabelecidos. E, uma vez estabelecidos, todos devem cumprir o combinado.

É importante frisar que só podemos ajudar o outro se este quiser mudar.

O professor não deve se considerar um mito, ou seja, perfeito, maravilhoso. Deve se conscientizar que é um ser humano, portanto passível de erros. Ser “bom professor” não é sinônimo de perfeição.

Para auxiliar a análise de dados do material coletado junto aos professores, verificaremos as considerações de Gordon a respeito dos “mitos”.

### 3.2.1 – “Os Mitos”

Thomas Gordon alerta para as possibilidades de o professor adquirir, em sua formação inicial, grandes anseios e elevadas expectativas que constituirão seu papel de professor.

Quando comecei a ensinar, via-me como o líder de um feliz bando de alunos, ansiosos por aprender, explorar, descobrir. (GORDON, 1998, p. 35)

Complementando esta idéia está Kagan (1992):

Resultados de pesquisa, em formação inicial, têm mostrado que futuros professores entram no programa de formação com crenças pessoais a respeito do ensino, com imagens do bom professor, imagens de si mesmos como professores e a memória de si próprios como alunos. Essas crenças e imagens pessoais geralmente permanecem sem alteração ao longo do programa de formação e acompanham os professores durante suas práticas de ensino. (Kagan, 1992, apud Marcelo, 1998, p. 55).

Alguns professores terminam sua formação inicial munidos de informações que colhem nas academias e que muitas vezes são interiorizadas. Alguns desses professores conseguem ingressar em instituições com ótimas condições de infraestrutura, bons salários e suporte técnico-pedagógico. Mas, em contrapartida, muitos outros profissionais se deparam com diferentes realidades escolares, ou seja, condições reais que pouco se assemelham às representações sonhadas, o que provoca insatisfação profunda e frustração.

Nestes casos, com o passar do tempo, as experiências vividas, nem sempre agradáveis, levam o professor ao fim de suas forças, dado o desgaste emocional e as decepções profissionais.

*Burnout* é a palavra que, com seus estudos, Wanderley Codo nos sugere e que traduz essa síndrome que o professor pode vir a sofrer. Segundo Codo & Vasques-Menezes (1999):

A teoria sugere que *burnout* ocorre quando certos recursos pessoais são perdidos, ou são inadequados para atender às demandas, ou não proporcionam retornos esperados (previstos). Faltam estratégias de enfrentamento. (p. 240)

Porém, Gordon (1998) aponta para um novo horizonte, um novo alerta. Ele não acredita que apenas as más condições de trabalho, de salário e tantas outras decepções na escola sejam as únicas e verdadeiras causadoras dos problemas, que levam este professor a um descontentamento profissional. Pontua:

Verificamos que um professor pode sentir-se igualmente frustrado e mal pago numa escola com condições “ideais” de trabalho e turmas pequenas. (p. 37)

Que condições, então, segundo esse autor, seriam responsáveis por este quadro? Para nos ajudar com esta questão, faremos um recorte no trabalho de Gordon. Necessitamos voltar olhares para uma reflexão sobre a concepção de professor ideal que muitos profissionais parecem adotar. Este estudo é baseado em mitos geralmente aceitos pelos professores e que se tornam orientadores de suas ações e de suas idéias sobre qual deve ser a sua prática.

Em sua teoria, Gordon (1974, p. 22) propõe uma lista de oito Mitos<sup>4</sup>, que serão considerados nesta pesquisa. São eles:

MITO nº 1 – Bons Professores são calmos, ponderados, equilibrados Eles nunca perdem a “linha”, nunca mostram emoções fortes.

MITO nº 2 – Bons Professores são imparciais e não discriminam. Negros, brancos, latinos, crianças estúpidas, crianças inteligentes, meninos ou meninas, todos são iguais para um Bom Professor. Bons Professores não têm preconceitos.

MITO nº 3 – Bons Professores podem e devem esconder seus verdadeiros sentimentos diante dos alunos.

MITO nº 4 – Bons Professores nunca têm alunos “favoritos”. Eles têm o mesmo grau de aceitação para todos os alunos.

---

<sup>4</sup> Para montar o questionário, aplicado para os professores, foi usada uma lista dos oito mitos traduzidos do livro em inglês *T.E.T. Teacher Effectiveness Training*, de Thomas Gordon (1974). Portanto, esta tradução é de responsabilidade da pesquisadora. Posteriormente à aplicação do instrumento de pesquisa, descobri uma edição portuguesa deste livro: *P.E.E. – Programa do Ensino Eficaz*, Lisboa: da Escola Superior de Educação João de Deus, 1998, que será utilizada na análise dos dados de professores. A Universidade Autónoma de Lisboa promove cursos de capacitação de professores em convênio com a Gordon Training Internacional, entre outros temas.

MITO nº 5 – Bons Professores promovem um ambiente de ensino animado, com estímulo e liberdade, sem perder o controle da disciplina.

MITO nº 6 – Bons Professores, acima de tudo, são consistentes. Eles nunca variam, não são parciais, não mostram parcialidades, nunca esquecem, nunca são superiores ou inferiores ou cometem erros.

MITO nº 7 – Bons Professores conhecem a respostas. São mais conhecedores do que seus alunos.

MITO nº 8 – Bons Professores são solidários com colegas. Eles se unem e formam uma posição única diante dos alunos, independente de sentimentos, valores e convicções pessoais.

*Virtuous* (virtuoso) é a expressão usada por Gordon (1974, p. 22) para se referir ao professor que se identifica com estes mitos: um *Bom Professor* é mais compreensivo; possui maior conhecimento do que seus alunos; responde aos anseios da escola; procura ser imparcial; não preconceituoso; diversifica sua metodologia, mas com controle; prima pela justiça; segue a organização; sempre usa de empatia. Praticamente, é a superação da fragilidade humana. Enfim, *Bons Professores* devem ser mais perfeitos do que uma pessoa comum.

No entanto, Gordon aponta a identificação com todos esses mitos é um erro essencial, pois concordar e vivenciar estes mitos exige que o professor negue seu senso de humanidade. Para isto, negará a si próprio. Além disso, crer nesses e em outros mitos apenas perturbará o professor, que sempre se julgará imperfeito.

Há professores que discordam dos modelos prontos e não acreditam em receita mágica. Porém, há outros que concordam e seguem alguns ou todos estes mitos. São crenças que o professor coloca para si e que o colocarão sempre em busca do papel de *Bom Professor*.

Contudo, o professor é humano. Não há perfeição!

Ao contrário de crer nos mitos, o educador deve se “despir” deles. Procurar ter a clareza de que ninguém é infalível e se abrir para conhecer suas qualidades e aptidões.

Atingido este princípio, podemos ter um profissional aberto às relações professor-aluno, fundamentais para que haja um processo ensino-aprendizagem eficaz. Ao se considerar que o processo de ensino é executado por uma pessoa, enquanto o processo do aprendizado ocorre dentro de uma outra pessoa, verificamos que são funções diferentes. Porém, como almejamos um processo ensino-aprendizagem que vigore, é imprescindível que haja uma conexão entre professor e aluno. As habilidades de comunicação são grandes aliadas dos professores para garantir sua conexão com o aluno e vice-versa.

Numa relação professor-aluno, não pode haver limitações e meras encenações de papéis variados, atribuídos pela sociedade.

Uma vez colocados na sala de aula, professor e alunos passam a construir um grupo novo, com uma dinâmica própria, e entre eles se desenvolvem, muitas vezes, intensas relações interpessoais. É nestas que o processo de percepção e avaliação de qualidades pessoais assume uma importância decisiva. (LEITE, apud Patto, 1983, p. 244)

Oliveira e Vion (apud Laplane, 2000, p. 84) reforçam a idéia, quando apontam as ações de interação dos sujeitos: "(...) cada um dos participantes será ao mesmo tempo iniciador e participante de uma negociação constante".

Na visão de Gordon, há cinco qualidades que, em conjunto, funcionam para auxiliar na relação professor-aluno: transparência (abertura em assumir o risco de se revelar); consideração (não é tolerância, mas reconhecer que todos os outros têm o seu valor e merecem um tratamento respeitoso); Interdependência e Distanciamento (estão ligados, porém não são a mesma coisa. Não é uma dependência de um pelo outro, e, sim, quando o aluno e o professor podem ser eles próprios, respeitando o espaço para que cada qual possa se movimentar com as suas peculiaridades. É a não-fusão) e a Satisfação (é a relação que pode trazer contentamento para o aluno que aprende e para o professor que ensina).

Professores e alunos reagem de formas diferentes, conforme o momento e o contexto. Pessoas variam de hora em hora, dia a dia. É necessário haver uma comunicação aberta ao entendimento entre o professor e o aluno.

### 3.3 – Relação Pedagógica na sala de aula e na sala de informática educativa

Na relação pedagógica, é possível a conquista de um espaço de saberes e de afetos que permita o desenvolvimento integral dos seres humanos. Se intervir em toda a complexidade da instituição escolar é trabalho para vários profissionais, sempre está ao alcance do professor utilizar e criar em sua sala de aula um clima que propicie a construção e o desenvolvimento das pessoas. Cria-se um meio envolvente na *relação professor-aluno*, de tal forma que este meio venha a ser produto e produtor do desenvolvimento de ambos.

Mediante processos de comunicação que facilitem a relação pedagógica, pode ser estabelecido um sistema interativo que, para além dos conteúdos programáticos e das imposições normativas do Sistema Educativo, equacione as necessidades do sentir humano, do conhecimento e das experiências, permitindo a partilha de valores e a expressão de afetos e de emoções, tão necessários à estruturação da identidade e ao reforço da auto-estima. Em uma palavra: visa o equilíbrio do professor e do aluno. Morales (2004) lembra que:

a qualidade da relação professor-aluno não deve ser confundida com a dimensão mais relacional (ser boa pessoa e amável com os alunos) e que costumamos denominar relações humanas. (p. 51)

A relação entre pessoas é pontuada por um conjunto de situações que podem ser criadas por ambas as partes, neste caso, tanto o aluno como o professor.

Além disso, as atitudes e as expectativas que cada indivíduo constrói em relação ao outro poderão causar vários efeitos. No experimento desenvolvido por Rosenthal e Jacobson (1983), temos a constatação de que as expectativas positivas do professor, em relação ao desempenho de seus alunos, levam ao desenvolvimento intelectual do aluno em direção do crescimento. Bzuneck (2000, p. 124) faz um estudo de confiável valor sobre as crenças de auto-eficácia dos professores, no qual pontua que essas expectativas dos professores poderão aparecer relacionadas com o melhor desempenho dos alunos, em sua motivação e na adoção de boas metodologias de ensino. Por sua vez, “O comportamento e as realizações dos alunos, as séries escolares, o tempo de exercício do magistério e até a idade cronológica figuram como fatores mais significativos”, para o professor medir sua auto-eficácia profissional.

Comunicação é fundamental para a relação professor-aluno. Não se pode perder de vista que é uma relação sempre estabelecida entre duas pessoas, pelo menos, ou entre o professor e seu grupo de alunos.

Perspectivar, então, o professor e os alunos como sistemas abertos é considerar que no processo de comunicação ambos são igualmente permeáveis, e, por isso mesmo, um influencia o outro. Dessa ação mútua nasce e se desenvolve a relação interpessoal, que contribuirá decisivamente para o desenvolvimento da relação pedagógica.

Nas relações pedagógicas estabelecidas entre professor e aluno, faz-se necessário que os professores tenham consciência da sincronicidade de suas ações, sincronicidade entendida no sentido proposto por Placco (2002):

a sincronicidade do educador ocorrência crítica de componentes políticos, humano-interacionais e técnicos, que se traduz em sua ação, ocorrência essa que gera movimento que é ação de e entre professor-aluno-realidade. Esse movimento engendra novas compreensões da totalidade do fenômeno educativo, no qual há reestruturação contínua e consistente em todos, em cada um e na relação entre esses componentes, na medida em que se define e redefine um projeto pedagógico coletivo. (p. 18)

Consideramos o processo de comunicação no seu sentido profundo e autêntico, como motor que desenvolve e sustenta a relação entre pessoas e, portanto, a relação pedagógica. De tudo isto, pode-se considerar a relação pedagógica como fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno e do professor, o que nos conduz a afirmar que a pessoa se constrói na relação com os outros.<sup>5</sup>

Ao acontecer boa comunicação entre pessoas, na relação pedagógica, estaremos na senda de um meio ambiente facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento das pessoas envolvidas nesse processo, bem como a concorrer para um clima de satisfação mútua.

É a comunicação que se estabelece entre seres humanos que procuram ser autônomos, ainda que inter-relacionados, partilhando simultaneamente a sua subjetividade. Ou, ainda, é a comunicação prazerosa que, para além dos conteúdos programáticos e da complexidade pessoal, social e institucional envolvida, inclui os afetos e as emoções, tanto dos alunos como dos professores.

---

<sup>5</sup> Não podemos esquecer das outras fontes de comunicação e de informação: a família, os grupos, as igrejas, os meios de comunicação social, os meios audiovisuais, a Internet, etc, a partir dos quais o sujeito também estará se auto-organizando.

Uma melhor relação pedagógica aumenta não só a eficiência do desempenho do professor, como também o sucesso do aluno e, por conseqüência, a satisfação de ambos. Confrontar no dia-a-dia a complexidade do humano, segundo Placco (2003b, p. 53), é estar em um “movimento contínuo de reorganização”.

O professor deve saber quando enfatizar um conteúdo pedagógico e em que momento se debruçar sobre o aluno e se preocupar com ele. Saber o quanto está aprendendo, se está envolvido ou se está passando por algum problema pedagógico e até mesmo por algum problema pessoal. Isto demonstra que está contribuindo com seu aluno.

Necessário se faz que este professor se reconheça, também, como sujeito ativo e capaz de mudar e ser mudado pela relação pedagógica que vive.

### **3.3.1 – Relação pedagógica na sala de aula**

As relações pedagógicas na sala de aula influenciam de forma positiva ou negativa a qualidade da aprendizagem. Esta é um dos ambientes, onde o conhecimento é construído e compartilhado.

Em um processo ensino-aprendizagem, tanto o aluno aprende como o professor, que ensina, também é afetado. Na sala de aula, professor e alunos permanecem em constante relação pedagógica. O ato de ensinar e aprender ocorre entre os sujeitos. Este relacionamento, uma vez estabelecido, proporcionará a aprendizagem. O aluno traz com ele o desejo de saber, de querer ser respeitado e a expectativa de que sua opinião venha a ser valorizada. Para isto, uma boa e efetiva comunicação deve ser estabelecida entre todos.

Uma vez que o trabalho em sala de aula é executado e compartilhado pelo grupo, o professor não é mais o detentor absoluto do conhecimento, o único dono do saber a ser transmitido ao seu aluno. Por sua vez, os alunos não são mais sujeitos passivos, fiéis receptores de informações.

Assim, para que haja interação na sala de aula, o professor deve considerar que os alunos possuem em seu interior características humanas, tais como: ideológica, social, histórica e afetiva.

A escola, como um meio influente no desenvolvimento do aluno, proporciona oportunidades de vivenciar relações, com acesso a informações e experiências

novas e desafiadoras. Estas provocam transformações, novos comportamentos, promovendo o desenvolvimento.

Na sala de aula, as redes de relações também atuam. O interesse de todos está focalizado nas atividades a serem realizadas e a partir daqueles que delas participam. A relação entre professor e aluno tende a melhorar quando há diálogo, quando se estabelece a comunicação entre todos.

Considerando os adolescentes, devemos abrir oportunidades para que eles sejam estimulados: na elaboração de novos projetos pessoais e sociais, a conversar sobre as questões de nosso cotidiano e a expressar seu ponto de vista. Enfim, criar espaço para que os jovens possam falar e serem ouvidos, Estes são alguns exemplos de exercícios que auxiliam no seu desenvolvimento. A relação entre professor e aluno tende a melhorar quando há diálogo, quando há a oportunidade da troca e do respeito e solidariedade.

Para que a aula, em sala, se torne atraente aos alunos, os professores procuram por novas estratégias, novos modos de tratar os conteúdos e novas experimentações. Afinal, é um dos caminhos para o reinventar das formas de se relacionar em sala de aula.

Outras características, que este ambiente proporciona, em favor das relações pedagógicas são: o respeito mútuo; as atividades em grupos que favoreçam a reciprocidade; a valorização do indivíduo; oferecer atividades aonde os alunos recebam a atribuição de responsabilidades; o estabelecimento de diálogo periódico; a ausência das punições e de decisões tomadas com igual valor a todas as opiniões e aos diferentes argumentos.

A intervenção do professor é fundamental para que as relações pedagógicas aconteçam na sala de aula e que venham a fazer parte da formação de todos que dela participam.

Aos alunos, faz-se necessário fornecer referências que possibilitem uma relação de confiança e respeito mútuo para que as questões afetivas, emocionais, presentes no processo de aprendizagem, possam ser discutidas e ressignificadas.

### **3.3.2 – Relação Pedagógica na sala de informática educativa**

Com as inovações tecnológicas, gerações de alunos vêm crescendo em ambientes que proporcionam ricas expectativas e visão de mundo diferente das

gerações anteriores. Portanto, a revisão das práticas educacionais é condição para que possamos dar-lhes uma educação apropriada.

Hoje, vivemos uma nova interação por meio das “telas”. Temos contato com informações que fluem por todos os lados. Surge a comunicação com outros espaços e pessoas. Agora, em tempo real, todos convivem com possibilidades de se relacionar um maior número de professores, alunos, pessoas jovens, idosas, doentes, estrangeiros, próximas, distantes, trabalhadores, enfim, com diversas pessoas e em diversos momentos, todos ávidos “consumidores da informação e da comunicação”.

Junto com essa realidade, é estabelecido um outro estágio de valores morais e pessoais. A informação, em nossos dias, é um “produto” acessível a todos e que está disponível de forma permanente.

Na escola, o grupo de alunos é muitas vezes levado à sala de informática educativa para executar uma atividade preparada pelo professor que complementar as informações dadas em sala de aula. Neste caso, o computador passa a funcionar como uma interface entre o professor e o aluno. Este recurso pedagógico motiva o aluno a buscar seus conhecimentos e a solicitar a orientação do professor e, em alguns momentos a presença de seus colegas. Ao fazer uso desse meio, o professor reavalia toda a sua atuação desde a preparação das aulas até a conclusão de cada conceito trabalhado.

Como nos diz Hubold (2002, p. 60) “(...) o ambiente virtual de aprendizagem cria oportunidades durante o processo de ensino-aprendizagem, oportunidades estas de interação entre professor-aluno, aluno-aluno e toda equipe”.

Professores reconhecem que a relação pedagógica sofre mudanças, com o advento do uso dos computadores, em auxílio da aprendizagem. Em alguns contextos, muitos alunos já possuem certo domínio da informática, adquirido por meio de cursos existentes no mercado ou por possuir computador em sua casa e pelo seu uso freqüente. Assim, os professores preocuparam-se com a possibilidade de sua superação pelo aluno. Esse receio pode ser superado pela sua capacitação com o objetivo de usar a sala de informática, visando o benefício das relações pedagógicas.

O computador por si só não faz nada. É importante que a utilização da sala de informática proporcione um ambiente de aprendizagem aos alunos e professores, que ofereça abertura para a vivência de momentos agradáveis, nos quais resolvam

seus problemas, a partir de iniciativa própria, um lugar em que o erro possa ser corrigido e que as relações criadas, neste meio, venham a ser sinônimo de desenvolvimento.

## **IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **4.1 – A escola e o início da coleta de dados**

Os sujeitos desta pesquisa são alunos e professores de uma escola particular de classe média, situada na Zona Oeste, da cidade de São Paulo, capital. Este colégio oferece cursos de Educação Infantil, 1º e 2º grau Possui cerca de 47 salas de aula, divididos, aproximadamente, em 13 no Ensino Infantil, no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série com 14 salas, no Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série encontramos 12 salas e no Ensino Médio com 8 salas. Em todos os cursos, a escola conta com 76 professores.

No papel de pesquisadora e em vista da necessidade de analisar as possíveis relações pedagógicas entre professores e alunos ocorridas no laboratório de Informática Educativa, montei de uma Ficha de Observação (Anexo 1), para fazer registros por meio da Observação Participante.

Conforme afirma André (2003, p.28), “A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”. Foi o que aconteceu nesse período. Como responsável pelo Laboratório de Informática, enquanto acompanhava as atividades de professores e alunos, registrava os eventos a eles relacionados.

Para a segunda parte da pesquisa, foi proposta e aplicada uma redação (Anexo 2), como instrumento de pesquisa, junto aos alunos de 5ª a 8ª série, no mês de junho de 2005.

Para os professores, foi aplicado um questionário, no mês de agosto daquele mesmo ano (vide Anexo 3).

### **4.2 – A escolha dos sujeitos e a aplicação dos instrumentos de pesquisa**

#### **4.2.1 – Alunos**

Para esta pesquisa, foram selecionadas três salas de 5ª série, uma sala de 7ª série e quatro salas 8ª série, do Ensino Fundamental. Todos os alunos dessas

classes foram sujeitos desta pesquisa, com exceção dos alunos ausentes da sala de aula, no momento da aplicação.

Escolher alunos de diferentes séries foi decorrência da leitura das Fichas de Observação de aulas, que mostraram comportamentos diferentes dos alunos de 5ª série e de 8ª série (vide algumas das observações no item 1.2 – Origem desta pesquisa: minhas experiências em sala de informática educativa” – pág. 17

A escolha por estas séries, assim, visa verificar se existem e quais são as diferenças nas relações pedagógicas entre professores e alunos, nas salas de informática educativa e de aula, nessas diferentes séries, e se estas diferenças são indicadores importantes para o estreitamento das relações entre professores e alunos e para sua aprendizagem.

#### **- Pré-teste dos alunos**

Em uma das quatro salas de 8ª série, foi aplicado um pré-teste do instrumento de pesquisa, elaborado para preenchimento dos alunos selecionados a participar desta pesquisa.

Foi agendada a aplicação deste instrumento com autorização da direção e da coordenação do colégio, bem como da professora de Língua Portuguesa, na sala de aula.

Caberia aos alunos optar por um dos dois temas: “Um dia, entrei na sala de informática e...” **ou** “Um dia, entrei na sala de aula e...”. Os alunos dariam, assim, continuidade à frase escolhida.

Apresentado, distribuído e explicado o material aos alunos, retirei-me da sala. A professora de Língua Portuguesa aplicou e recolheu as redações. Posteriormente, de posse desse material, verifiquei que não havia alcançado o resultado esperado, pois, os alunos da 8ª série divagaram, colocando respostas infantilizadas e a maioria não condizente com minha pergunta de pesquisa.

Desta forma, houve a reescrita do instrumento de pesquisa a ser aplicado junto a outros alunos. Feita a remontagem e considerando a possibilidade deste, novamente, não responder às expectativas da pesquisa, selecionei uma sala de 7ª série para o novo pré-teste.

Novamente, os procedimentos de aplicação da redação se repetiram. Antes que me retirasse da sala, a professora solicitou que eu esperasse. Passou a falar

sobre a importância de um trabalho de mestrado na formação do educador. Em especial, ressaltou a necessidade da correta realização da redação, por parte de cada aluno do grupo, pois a contribuição deles era importante para meu trabalho. Fez menção que todos me conheciam (alunos e professores), e o relacionamento comigo (como professora e responsável do laboratório de Informática Educativa) sempre foi muito bom. Este esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa se revelou um aspecto importante da aplicação do instrumento, pois comprometia os alunos com o que estariam apresentando, em suas redações.

A nova proposta de redação (Anexo 2) foi bem interpretada pelos alunos. Nenhum pediu explicações complementares ou se mostrou desmotivado frente às questões, ao contrário, passaram a executar a redação de imediato. Lidas as redações, verifiquei que o instrumento de pesquisa atendia aos objetivos desta investigação científica. Também, constatada a aceitação dos alunos, pelo teor da nova proposta de redação, este instrumento passou a ser aplicado nas outras salas.

Visto que as respostas registradas pela 7ª série revelaram informações que poderiam colaborar para esta pesquisa, passaram a fazer parte dos dados deste trabalho.

#### **- Aplicação da redação – alunos**

Autorizada pela coordenação do curso e em acordo com as quatro professoras de Língua Portuguesa, assim como com os alunos, passei a executar o mesmo procedimento adotado na sala de 7ª série, para a aplicação dos questionários, agora, junto às três salas de 5ª série e as três salas de 8ª série.

Em nenhuma das salas, permaneci enquanto os alunos redigiam suas respostas. Todas as professoras aguardaram o final das aulas e mandaram um dos alunos, de cada sala, entregar as redações.

#### **4.2.2 – Professores**

Em vista dos alunos participantes nesta pesquisa serem das salas de 5ª, 7ª e 8ª séries, os 22 professores que trabalham com estas turmas foram convidados a participar da fase seguinte do trabalho.

### **- Montagem e aplicação do instrumento de pesquisa**

Baseado nos Mitos do Bom Professor, propostos por Thomas Gordon, montei um instrumento de pesquisa para os professores que mesclou perguntas com respostas fechadas e perguntas que proporcionam respostas abertas.

O instrumento foi montado no mês de junho e aplicado no mês de agosto de 2005. Na montagem deste instrumento, utilizamos uma tradução da lista dos oito mitos, do original em inglês *T.E.T. Teacher Effectiveness Training (1974)*. Após seis meses da aplicação dos questionários junto aos professores e com a ajuda da internet, descobri uma edição portuguesa deste livro: *P.E.E. Programa de Ensino Eficaz* (Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus, 1998). A responsabilidade desta tradução pertence à Universidade Autónoma de Lisboa, que ministra este curso de capacitação de professores, entre outros, por meio de convênio com a Gordon Training Internacional. Posteriormente, esta edição portuguesa foi utilizada na análise dos dados dos professores.

Uma das professoras que me auxiliaram na aplicação das redações mudou-se para a Alemanha, em agosto de 2005. Pelo fato de sua participação na pesquisa ter sido considerado importante, o arquivo contendo o instrumento de coleta de dados foi enviado e recebido por e-mail.

#### **4.2.3 – Análise dos dados**

##### **- Alunos**

Constituindo os dados dos alunos, as respostas das redações foram analisadas em seu aspecto qualitativo, embora os dados quantitativos tenham auxiliado também nossa compreensão. Trabalhou-se com as quatro primeiras categorias já pré-estabelecidas pelo próprio instrumento (o que gostam na sala de informática educativa; o que não gostam na sala de informática educativa; o que gostam na sala de aula e o que não gostam na sala de aula). As outras duas categorias (interação entre os alunos e observação do professor) emergiram dos próprios dados.

Foi adotado o procedimento de Análise do Conteúdo, com adaptações, a partir das considerações de Franco (2003, p.20) “(...) é um procedimento de

pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”.

Este é um instrumento de análise interpretativa de um texto, de uma mensagem, seja ela provocada ou espontânea. Toma-se a totalidade do texto, levando em consideração o contexto e as pessoas com as quais foram coletados os dados. A partir daí, a pesquisadora busca identificar as freqüências ou ausências de itens, ou seja, categorizar para introduzir uma ordem, segundo o uso de certos critérios, na desordem aparente. A depender do que se procura e /ou se espera, é estabelecida a escolha de critérios de classificação das categorias. Em nosso caso, houve adaptação, na medida em que as primeiras quatro categorias foram decorrentes do próprio instrumento de pesquisa, e as demais, em decorrência dos objetivos do trabalho.

A partir da identificação de categorias, o pesquisador passa a deduzir, de maneira lógica, conhecimentos sobre as mensagens emitidas ou sobre o contexto em que foi emitida, com o aporte teórico.

Nesse processo, os achados da pesquisa, em relação aos alunos, foram interpretados, principalmente, à luz das contribuições de Henri Wallon.

### **- Professores**

Na análise, os mitos foram verificados e analisados a partir de sua freqüência de escolha e as justificativas dadas. Nessas justificativas, os sujeitos não foram identificados, uma vez que o conjunto das informações gerou significados que emergiram, convergiram e permitiram a construção dos dados.

No decorrer do processo de análise, questionei se a contribuição da professora que se encontrava na Alemanha deveria ser incluída, dado que ela, ao invés de responder apenas às questões, na ordem em que foram apresentadas, escreveu um texto, no qual ressaltava observações a ela relacionadas, além de contribuir com outras colocações pertinentes ao objetivo desta pesquisa. Pelo valor das contribuições, senti necessidade de incluí-las.

## V – ANÁLISE

### 5.1 – ANÁLISE DE DADOS – ALUNOS

Esta análise tem como objetivo identificar indicadores de boas e favoráveis Relações Pedagógicas na sala de Informática Educativa, pela ótica dos alunos, isto é, relações pedagógicas que contribuam para um clima favorável à aprendizagem.

Passo a relatar a análise dos dados.

#### 5.1.1 - Perfil dos alunos

Nesta pesquisa, selecionamos três salas de 5ª série, uma sala de 7ª série e três de 8ª série do Ensino Fundamental, de uma escola particular, na Zona Oeste, de São Paulo, para a coleta de dados. Ao todo, obtivemos 175 sujeitos. Desse total, 55% são do sexo masculino e 45%, do sexo feminino. Observe o Gráfico 1 – Alunos: Perfil por gênero

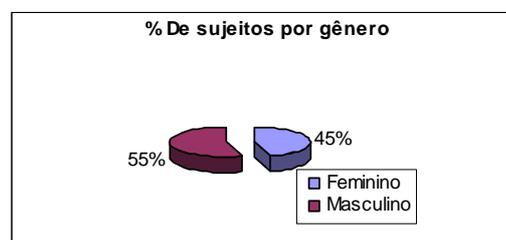


Gráfico 1 – Perfil dos alunos – Gênero

Em relação à faixa etária, temos um grupo de idades variadas: 13% com 10 anos; 30% com 11 anos; 6% com 12 anos; 22% com 13 anos; 25% com 14 anos e 4% com 15 anos, conforme indica o Gráfico 2 – Alunos: Faixa Etária

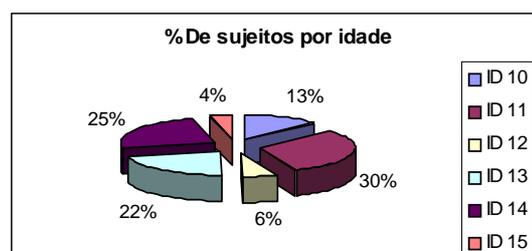


Gráfico 2 – Alunos – Faixa Etária

Vale registrar que os alunos de 10 e 11 anos são encontrados apenas nas salas de 5ª série e os alunos com 14 e 15 anos freqüentam as 7ª e 8ª série. Os alunos com 12 anos estão distribuídos nas três salas pesquisadas e os jovens com 13 anos se concentram na 7ª e 8ª séries.

Levada a proposta de participação na pesquisa, obtivemos redações de 99% dos alunos, o que considero uma importante participação dos mesmos.

### 5.1.2 - A escolha dos Temas

Para nos auxiliar nesta análise, listo os temas propostos aos alunos, para que escrevessem a respeito:

*Tema 1* = Descreva uma aula que você gostou na sala de Informática Educativa

*Tema 2* = Descreva uma aula que você não gostou na sala de Informática Educativa.

*Tema 3* = Descreva uma aula que você gostou na sala de aula.

*Tema 4* = Descreva uma aula que você não gostou na sala de aula.

Aplicadas, recolhidas e reunidas as redações, com as opções dos temas pelos alunos, chegamos à seguinte distribuição, conforme ilustração no: Gráfico 3 – Alunos – Escolha por Temas. A maior concentração é com relação ao Tema 1 (35%) e ao Tema 3 (33%), Ambos enfocam o que os alunos “gostam”, tanto na sala de Informática Educativa, como na sala de aula. Para os outros temas, com ênfase nos itens “não gostam”, as escolhas ficaram com 19% no Tema 4 e 13% com o Tema 2.

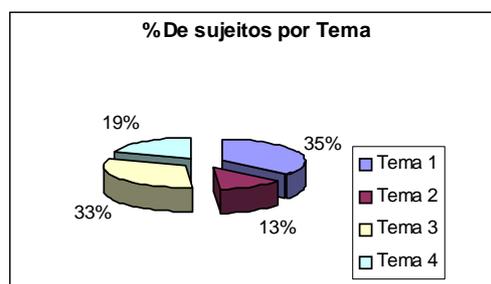


Gráfico 3 – Alunos – Escolha por Temas

Chama-nos a atenção o fato que, do total de alunos, em fase da puberdade e adolescência, 68% optaram pelos temas que identificam o que “gostam” nas duas salas escolares.

Ouve-se dizer que os adolescentes são críticos diante de alguns valores da família e da sociedade e que se recusam a cumprir ordens; que os jovens têm

interesses específicos; são difíceis de agradar ou demonstram pouco envolvimento em situações escolares. Contudo, nesta pesquisa, estes comportamentos não se manifestaram, quando solicitada a participação dos grupos de alunos.

Relativos ao estágio de desenvolvimento da puberdade e da adolescência, os estudos de Wallon apontam que, desde os sete anos, a criança vive, de forma concomitante, sentimentos e ações de cooperação, exclusão e competição. Em situações de sala de aula, cabe ao professor estar presente, para acentuar a importância dos trabalhos em grupo, da validação de bons valores morais e sociais. Enfim, deve orientar os futuros adolescentes para os caminhos que favoreçam a valorização da responsabilidade e do reconhecimento de suas tendências e aptidões.

A responsabilidade é, na verdade, tomar a seu cargo o êxito de uma ação que é executada em colaboração com outros ou em proveito de uma colectividade. A responsabilidade confere um direito de domínio, mas comporta também um dever de sacrifício. (WALLON 1975, p. 222)

O instrumento de pesquisa foi aplicado em cada grupo de alunos, na sala de aula à qual pertenciam. No papel de professora e responsável da sala de Informática Educativa, a minha interação com os alunos é tranqüila e bastante proveitosa, fato que beneficiou meu contato com os alunos. Somado a este ponto e em conjunto com a professora de língua portuguesa, presente na sala e que me auxiliou na aplicação da redação, foram reforçados o valor do estudo na formação do professor e a importância da pesquisa para a educação. Portanto, o grupo de adolescentes foi sensibilizado a exercitar sua capacidade de cooperação e assim o fizeram.

De fato, 99% dos alunos preencheram a proposta de redação e o 1% restante equivale a dois alunos cujas respostas não vieram ao encontro de nossos objetivos.

*Não me lembro de nenhuma aula que se destacou em especial (...)-  
suj 8\_57  
Eu não gostei da aula de Educação Física que foi vôlei. – suj 8\_63*

Vale evidenciar que alunos verbalizaram seus sentimentos, desejando-me “sorte”, em meu trabalho científico.

Wallon (1975, p.223) alerta: “Eis um sentimento que é preciso tentar desenvolver no adolescente, o sentido da responsabilidade”, podemos confiar que é possível contagiarmos os adolescentes. Cultivar os valores e orientá-los na utilização de valores, por exemplo, solidariedade, cooperação e justiça. Fato este

constatado pelo envolvimento e participação dos jovens em resposta a meu pedido de ajuda, com relação ao meu trabalho de pesquisa.

### 5.1.3 - As categorias

Ao agrupar as frases que surgiram, advindas do instrumento de pesquisa (Anexo 2), seis categorias foram estabelecidas, decorrentes das questões propostas e das justificativas solicitadas: O que gosto na sala de informática educativa; O que não gosto na sala de informática educativa; O que gosto na sala de aula; O que não gosto na sala de aula; Interação entre alunos e Observando os professores.

As quatro primeiras categorias têm origem na proposta dos temas<sup>6</sup> escolhidos pelos alunos. Os outros dois temas foram identificados durante a leitura das respostas.

É necessário registrar um diferencial no teor das respostas dos alunos, se agrupadas por série. Essa diferença é de natureza estilística, em especial, na forma como os alunos usam as mensagens escritas, para demonstrar o que pensam.

Quando na 5ª série, têm uma forma simples de se expressar. Na 7ª série, há uma linguagem que se aprimora; o aluno desenvolve com cuidados a elaboração de suas idéias. O grupo de alunos da 8ª série manifesta outra maturidade, no uso das palavras. Os alunos escrevem com maior variedade de vocabulário, com detalhes de suas reflexões e com um refinamento diferente dos alunos menores.

Na análise de cada categoria, utilizarei as falas por ordem crescente das classes, ou seja, da 5ª para 7ª e 8ª séries. Para melhor identificar os sujeitos, será utilizada legenda após cada fala. Por exemplo: Em “*subj 5.8*”: o primeiro número: “5”, identifica a série a qual pertence o aluno e o segundo número: “8”, se reporta à ordem de entrega do instrumento de pesquisa – na análise, este número mostra que há falas de diferentes alunos.

---

<sup>6</sup> Os temas apresentados, no Anexo 2, foram: **Tema 1** – Descreva uma aula que você gostou na sala de Informática Educativa; **Tema 2** – Descreva uma aula que você não gostou na sala de Informática Educativa; **Tema 3** – Descreva uma aula que você gostou na sala de aula; e **Tema 4** – Descreva uma aula que você não gostou na sala de aula.

**- Categoria: “o que gosto na sala de informática educativa”**

A maior parte dos alunos, independente da idade e série a qual pertencem, tem como ponto de referência uma matéria ou um professor, ao se reportar sobre o que “gostam” na sala de informática.

O grupo de 5ª série utiliza, com bastante freqüência, expressões como: “interessante”, “divertido(a)”, “brincar”, “brincadeira” e “aprendi”.

*Eu gostei das aulas de informática, por que ela é mais brincadeira do que tarefa de classe. Ela é alegre, divertida e boa de estudar por isso gosto dela. – suj\_5.28*

*Eu gostei da aula de espanhol, porque foi interessante!! Ouvir a música e completar no computador e até com palavras desconhecidas; aprendi melhor. – suj\_5.39*

Ao sair do estágio de desenvolvimento categorial para o estágio da puberdade e da adolescência, há um movimento na predominância do conjunto funcional e de sua direção. O jovem se volta para o afetivo, em busca de seu “eu”, num movimento centrípeto, segundo apontado em quadro resumo de Mahoney e Almeida (2005, p. 28). Com isto, o adolescente está voltado a responder a seus interesses.

Pelo próprio uso desse vocabulário, nota-se que os jovens conseguem aprender por meio de momentos chamados “divertidos” ou de “brincadeira” e têm claro, em seu entendimento, que estes fatos os agradam.

*Porque a gente completou os temas. Porque também a gente brincou e leu frases. – suj\_5.56*

*Na aula de matemática porque foi muito engraçado todos brincaram foi uma lição divertida. – suj\_5.65*

Conforme lembram Dér e Ferrari (2000, p. 60), “(...) é por meio de brincadeiras, risadas e conversas em tom elevado e muita movimentação que o jovem expressa o prazer em estar realizando determinadas atividades”.

Mesmo satisfeitos com a correção que os programas de computador oferecem às respostas dos exercícios feitos, estes alunos reconhecem a importância da orientação do professor e a solicitam durante as aulas na sala de informática.

*Eu gostei da aula de inglês na informática, pois foi muito engraçado, eu e minha amiga errávamos e não conseguíamos responder. Mas, na segunda vez tiramos uma boa nota . – suj\_5.79*

*Eu gostei é que a sala de informática tem computadores novos e bons, as atividades e tem uma tecnologia boa, a professora através do computador dela olha a lição de todo o mundo. – suj\_5.51*

Os alunos da 7ª série mantêm a percepção de que as aulas na sala de informática educativa proporcionam oportunidade de aprender com divertimento, mas agora, à palavra “descontraído(a)”, “diversão”, acrescentam outra necessidade: freqüentar um novo “ambiente” escolar, como a sala de informática educativa.

*Adoro as aulas de matemática na informática, pois estudamos e aprendemos de forma mais agradável. Ela transforma matemática, uma matéria difícil e que quase ninguém gosta, numa diversão. (...) O ambiente descontraído faz com que a gente se sinta mais á vontade, pois lá não tem muita burocracia. – suj\_7.2*

*A aula de história se tornou mais dinâmica, se apresentando no computador. A aula se tornou mais legal, pois o ambiente é agradável e tira o clima monótono na sala de aula. É uma forma melhor de ensinar, por meio do computador, que é bem mais interessante. Isso acaba com a mesma matéria todo dia, quebrando com a rotina. – suj\_7.10*

Em exercícios, na sala de informática educativa, os alunos buscam estar sozinhos. Esta necessidade vai aos pouco diminuindo, quando se deparam com outros colegas, seus pares, todos com as mesmas dificuldades e sentimentos. Nessa fase, Wallon (1975) lembra:

*A criança concebe o grupo em função das tarefas que o grupo pode realizar, dos jogos em que ela poderá participar com os camaradas do grupo, e também contestações, conflitos que podem nascer nos jogos (...). A criança é já capaz de pensar e de formar o seu grupo. (p. 214)*

Estes “outros” exercerão profunda influência sobre a constituição de seu “eu”, enquanto todos estiverem em contato, no mesmo grupo. Assim, o professor é o “outro” adulto responsável pelo processo ensino-aprendizagem.

Desde cedo, os alunos sabem que a máquina pode lhes fornecer uma rápida resposta, seja para atender as suas curiosidades de adolescente seja para seu rendimento escolar.

Ao vivenciar novas experiências que lhes trazem satisfação, desejam outros momentos agradáveis. Assim, “quebrar a rotina” que vivem em sala de aula é algo que buscam em outros ambientes.

*Eu gosto das aulas de informática quando nós vamos estudar matemática, pois nós estudamos, tiramos nossas dúvidas, e depois aparece a nota. Ai nós podemos ter uma noção da nota da prova. Se a nota for ruim nós refazemos, se for boa eu joga no “Brincando se Aprende” (...) nada mais dinâmico do que uma aula no PC. – suj\_7.14*

*Essa sim foi uma aula muito legal. E eu acho também que os professores deveriam nos levar mais na sala de informática, pois cansa muito você só ficar na sala de aula ouvindo e escrevendo o que o professor fala. – suj\_7.1*

Não há dúvidas que os computadores fazem parte do contexto atual de nossos jovens alunos. Aliado a esta evidência, é característica do adolescente estar insatisfeito com seu ambiente, seja em casa ou na sala de aula.

*Uma aula que eu não gostei na sala de aula, foi quando tivemos que fazer 6 mapas, pois na sala de aulas as pessoas esbarram na sua mesa, esbarram na sua canetas, pulam, correm, andam etc. Aula com mapas na sala de aula é horrível. – suj\_8.47*

Em geral, o fato de se incomodar com os ambientes demonstra a sua tentativa de buscar algo que lhe seja mais agradável.

Nas salas de 8ª série, mantêm o gosto pela aula “dinâmica”, “descontraída”, “interessante”; os alunos reconhecem ser importante vivenciar momentos descontraídos durante as aulas, como seus colegas de séries anteriores, contanto que tudo seja organizado e planejado de acordo com temas pertinentes à faixa etária que vivem.

*Eu gostei de uma aula de ciências sobre sistema nervoso na qual o professor apenas explicou sem necessidade de exercícios . – suj\_8.64*

*Eu gostei da aula na qual ficamos jogando xadrez com um amigo. A aula fica agradável quando na Informática você desenvolve a matéria dada em aula. Essa é a aula ideal para mim ! Quando os alunos participaram da aula, fica muito legal, e mais divertida. – suj\_8.14*

*Gosto das aulas de Português, na informática, sair sempre vamos lá e a aula tem temas legais e que nos envolvem. – suj\_8.26*

*Uma aula organizada na sala de Info é uma aula que qualquer um gosta. – suj\_8.25*

*Gostei da aula na informática, em que foi falado sobre DST (doenças sexualmente transmissíveis), pois o assunto era interessante, e com a descontração do professor ela acaba sendo melhor ainda. Essa aula também foi interessante, pois tratou de um assunto interessante*

*para a nossa idade. É esse o tipo de aula que eu gosto, que tem assuntos interessantes e descontração. – suj\_8.17*

Enfim, é considerado benéfico tudo que leve ao aprendizado, seu e de seu grupo.

*Eu gostei de muitas aulas na sala de informática, pois torna a aula mais interessante, diferente e isso faz com que a aula seja menos cansativa e mais divertida de certo modo. Em minha opinião, essas aulas trazem mais conhecimento e informação. – suj\_8.56*

*Gostei da aula de Português, na sala de informática. Foi sobre Orações Subordinadas Adverbiais. Gostei muito porque me preparei para prova que tive no dia seguinte. Também porque aproveitei bastante para tirar as minhas dúvidas, e realizar alguns exercícios - suj\_8.69*

É importante que o adulto, pessoa constituída e consciente de si, venha guiar estes jovens na organização de suas vidas, de seus sentimentos e de suas buscas morais. Em especial, o professor deve permanecer atento às situações em que os adolescentes estão envolvidos, para que sejam orientados, sempre que possível.

Na sala de informática educativa, os alunos executam todas as atividades preparadas para eles. Não há registros de alunos que se recusem a fazer as tarefas. Além disso, procuram com freqüência a orientação do professor, em caso de dúvidas, relacionadas ao conteúdo pedagógico estudado.

Assim, para melhor atender aos alunos, os professores preparam com antecedência as atividades a serem trabalhadas na sala de informática educativa. No momento de aula, circulam pela sala em atendimento a dúvidas e esclarecimentos que seus alunos necessitem.

Os alunos conseguem desenvolver o conteúdo do trabalho e com raros conflitos entre seus colegas e professor. Em geral, a interação positiva está presente.

#### **- Categoria: “o que não gosto na sala de informática educativa”**

Nesta categoria, os registros não têm como foco o professor, mas, sim, seu próprio desenvolvimento diante das tarefas propostas, a serem feitas com a ajuda dos computadores, bem como avaliam a necessidade de uso dos computadores.

Os alunos da 5ª série mostram não gostar quando as tarefas são difíceis, em especial as que os levam a verificar seus erros. Um outro ponto que os deixa

incomodados é o fato de a máquina apresentar defeitos técnicos, como travar ou desligar repentinamente.

*Porque foi irritante, porque era muito difícil. Mas, por outro lado a gente descansou, e se errasse uma coisa descontava pontos, poderia ser mais divertida: ser em 4 pessoas, fazer disputas, etc. – suj\_5.7*

*Na aula de matemática. Que eu terei uma nota muito mal. – suj\_5.5*

*A aula que eu não gostei foi a aula de inglês na informática pois o computador desligou e eu fiquei sem nota. – suj\_5.30*

Na 7ª série, encontramos apenas uma referência a um trabalho que não causou entusiasmo ao aluno, em função de suas expectativas, sempre que o trabalho escolar é na sala de informática educativa. Mas, ao final, o aluno acaba dando validade a tudo que possa fazer para seu aprendizado, por meio de situações lúdicas e agradáveis.

*Fazer um trabalho de revolução que foi muito chato, deu sono, acho que deveria ser mais legal divertido ou se tivesse algum jogo da revolução. O resto todas as aulas foram legais e divertidas só falta um pouco de jogo, ou trabalho que seja interessante, diferente. – suj\_7.6*

Para os alunos de 8ª série, ir à sala de informática educativa apenas assistir uma aula expositiva com a ajuda de DataShow<sup>7</sup> e não usar os computadores é motivo de desinteresse.

*Eu gosto das aulas que têm que usar o computador. Teve um dia em que uma aula de Artes que você tinha que copiar um texto do computador e eu não gostei porque não usou o computador. - suj\_8.30*

*A aula que eu não gostei na sala de informática foi uma aula de Ciências, pois, não mexemos no computador não pudemos nem ligá-lo. -suj\_8.31*

Um elemento evidenciado apenas nas observações da 8ª série é o fator “tempo”. Os alunos não gostam de deixar as tarefas incompletas. Por vezes, têm

---

<sup>7</sup> A sala de informática educativa, além de ser equipada com 20 computadores para uso dos alunos, conta com um computador para acesso dos professores, ligado a um DataShow.

que interromper o trabalho, pois chegaram ao término da aula ou seu colega de dupla<sup>8</sup> não auxiliou na confecção da tarefa.

*Eu não gostei quando nós fizemos aula de redação porque redação é uma coisa que leva tempo, você tem que idealizar a história, e na informática é ruim porque você acaba ficando limitado por causa do tempo, às vezes não dá para acabar sua redação e acabamos sendo prejudicados. Eu considero esse tipo de aula um pouco ruim principalmente quando é dupla daí o tempo fica menor ainda. – suj\_8.7*

*Não gostei muito da aula de informática do dia que teve que escrever textos, porque não entendi e também porque minha dupla ficava distraído vendo a janela (a quadra). – suj\_8.54*

Na escola, um ambiente foi criado para atender a uma realidade social, vivida em nossa sociedade: a sala de informática educativa. Quando o professor leva seus alunos à sala, oferece mais do que um recurso técnico-pedagógico: cria oportunidades para que os alunos discutam as suas opiniões, posicionem-se, sensibilizem-se e, também, aos seus pares. Enfim, dá condições para que a semente do futuro cidadão, comprometido com seu próximo e consigo mesmo, constituídos de valores morais condizentes a uma pessoa adulta e estável, possam ser manifestados. Para Wallon (1975),

(...) este desenvolvimento original das aptidões que, por ser original se torna muito mais diversificado e deixa de ser comum a todas as crianças. Há, pois, uma idade em que os progressos da inteligência numa criança, já não podem ser demonstrados senão pelo progresso de aptidões mais ou menos especializados (sic) e que não são necessariamente as mesmas para todas. (p. 420-421)

Durante todo o tempo em que utilizam a sala de informática educativa, os alunos demonstram realizar a auto-reflexão em relação a seu desempenho nas atividades desenvolvidas por meio dos computadores e a crítica com relação a eventuais problemas técnicos que possam vir a prejudicar a conclusão de suas tarefas. Portanto, permanecem preocupados com sua aprendizagem.

---

<sup>8</sup> Na sala de informática educativa é proposto o trabalho de uma dupla, para cada computador, embora o aluno possa optar por trabalhar sozinho. No geral, os alunos optam por permanecer em duplas.

**- Categoria: “o que gosto na sala de aula”**

Alunos relatam que, para despertar seu interesse, motivação e uma efetiva aprendizagem dos conteúdos na sala de aula, é necessário que o professor apresente metodologias diversificadas, que os atendam no processo de aprendizagem.

Na 5ª série, os alunos dizem gostar de aprender, principalmente, com atividades lúdicas.

*Uma aula que eu gostei muito foi uma aula de História. Aquele dia a professora propôs um trabalho em grupo, e fomos a biblioteca. O meu grupo fez sobre os rituais funerários. Aquele dia foi muito interessante, pois aprendi muito e a aula foi divertida. – suj\_5.42*

*Quando nós assistimos um filme sobre o Egito porque ajudou em outras questões do livro e do caderno e em pesquisas. – suj\_5.61*

*Estávamos começando o estudo do Egito antigo e para “apimentar” nos vestimos e ouvimos músicas egípcias. – suj\_5.49*

Temas trabalhados em sala de aula aplicáveis à vida dos alunos, aulas divertidas, risos, interatividade e envolvimento da classe são ações de grande interesse para o grupo de 7ª série.

*Eu gostei da aula de ciências porque teve uma aula que fizemos um teste de sangue, foi bem legal, fizemos pesquisas e deu para descobrir se é anti B ou anti A ou O, a professora de ciências ela faz várias pesquisas conosco. Pra aula ser legal tem que ter muitos diálogos os alunos tem que também dar idéias para os professores, ai a aula ficará melhor. – suj\_7.4*

*(...) achei que foi bastante interessante porque, além de dar aula ele brinca conta umas piadas é bem legal. – suj\_7.13*

*(...) o Professor de Educação Cristã, ele traz temas para a sala de aula que são do nosso dia-a-dia, não temas como “A Revolução Francesa” e sim como o Bullying, ou seja, coisas que realmente usamos a todo o tempo em nossa vida, social e pessoal, e não matéria para vestibular. Não estou dizendo que o conteúdo, em si, não é importante. Claro que é. Mas a aula precisa ser dinâmica, diferente, prender a atenção do aluno(...). – suj\_7.19*

Tomar em consideração as necessidades dos alunos não implica que o professor esteja subordinado às vontades ou caprichos de seus alunos. Ao contrário,

os professores devem apropriar-se dessa abertura para planejar suas atividades. Ao conquistar proximidade com os processos psíquicos e afetivos de seus alunos, beneficiam sua ação pedagógica.

Quebrar a monotonia de uma aula, muitas vezes causada por excessivas aulas expositivas, evitará: o aborrecimento dos alunos, atitudes indisciplinadas e a desatenção. Por conseqüência, não levará à recusa dos alunos na busca pelo conhecimento. Não se pode descartar a possibilidade de que um aluno desestimulado seja capaz de contagiar todos os colegas de sua classe, levando-os à desatenção.

O professor deve permanecer atento para orientá-los. Nossos jovens precisam de atenção, espaço para atuar e necessitam saber que são respeitados e ouvidos. Para isto, os limites também devem ser estabelecidos de forma clara e contando com a participação dos mesmos. É importante que eles se sintam parte do processo moral e social dos grupos escolares a que pertencem.

Relacionar-se com seus pares é essencial para a construção de sua personalidade. Ao mesmo tempo em que se sente parte de um grupo, começa a estabelecer suas diferenças e vontades próprias.

O lugar, aliás variável conforme seus méritos, que o grupo lhe dá, as tarefas que nele assume, as sanções pelo menos de amor próprio que nele encontra, as normas que lhe impõe sua pertença ao grupo, tudo isso o obriga a regular sua ação e a controlá-la sobre os outros como num espelho, em suma, a fazer dela uma imagem exterior a ela própria e de acordo com exigências que reduzem a espontaneidade absoluta e a subjetividade inicial (WALLON, 1975, p. 176).

Identificação e diferenciação com o outro são processos que o ajudam a se tornar uma pessoa atuante em seu meio.

A sala de aula não é vista como um ambiente apenas para colocar textos na lousa ou um local reservado somente para aulas expositivas. O aluno quer participar, movimentar-se, divertir-se e até completar as atividades propostas. Afinal, os alunos da 8ª série têm um aguçado senso crítico e valores já adquiridos. Uma aula que os envolva e os faça participar tem como conseqüência a aproximação do aluno ao seu professor.

*Para mim, uma aula, para ser boa, precisa de interesse, tanto do professor quanto do aluno. Um bom professor sabe tornar uma aula cansativa um pouco mais descontraída e proveitosa, e ensina, ou pelo menos tenta ensinar da forma mais simples e clara possível.*

*A colaboração e o respeito são fundamentais da parte do aluno. E da parte do professor a paciência e a força de vontade são essenciais. O tipo de aula, que em minha opinião, é bem aproveitada é quando os alunos, ao invés de ficarem parados pensando em outra coisa, perguntam, prestam atenção, entendem, tiram as dúvidas etc. Quando a aula não é assim, há alunos dormindo, copiando lição de outra matéria, conversando etc. O melhor tipo de aula que um professor pode dar tem que ser de uma forma ou outra atrair a atenção dos alunos, envolvendo-os. – suj\_8.1*

*Em aulas descontraídas é melhor o aproveitamento da sala, pois a relação entre professor - aluno é bem melhor, os alunos começam a gostar mais da aula se interessando mais pela matéria incentivando os alunos a estudar. Falamos de todos os assuntos e contamos histórias. Em aulas monótonas os alunos dormem... fazem de tudo, menos prestar atenção na aula. Normalmente, estes professores são considerados chatos e não gostam muito da sala, pois a sala bagunça e não vê a hora desta aula acabar - suj\_8.2*

Na 8ª série, os alunos também expressam a necessidade de interação com professores. Eles enxergam que o exercício da interação em seu meio escolar é importante para o preparo de seu ingresso na sociedade.

*Gosto principalmente da aula de espanhol, pois a professora sempre traz atividades diferenciadas assim como músicas, outros tipos de práticas auditivas, práticas orais e etc. Tudo isso faz com que a aula se torne interessante e não caía na mesmice do professor falando a aula inteira. A professora além de ensinar a língua ela estimula os alunos a terem vontade de conhecer os países que falam espanhol. Nessa aula alguns alunos confundem a liberdade que o professor dá com falta de respeito. Mas, não são todos. Mas em minha opinião, essa relação entre professor e aluno é muito importante, pois o colégio não serve apenas para que o aluno passe no vestibular. É muito mais do que isso. O colégio deve se preocupar também com a formação humanista do aluno, pois afinal ele está formando um cidadão. – suj\_8.3*

*As aulas de história geralmente são as melhores aulas, por causa da dinâmica, da aula entre professor e aluno. – suj\_8.40*

*A aula que eu mais gosto é português principalmente por causa do professor, a aula é muito educativa, interessante e muito divertida. A professora ajuda muito e sabe ensinar e passar bem a matéria. Por isso português é uma das matérias que eu mais gosto. – suj\_8.37*

Nesta pesquisa, os alunos reconhecem e dão valor a um trabalho organizado, que valoriza o seu “tempo” para produção das atividades propostas e não tem objetivo de provocar atribulações ou desconfortos na sua vida escolar.

*A aula que mais gostei foi onde a professora de português deu a lição de casa, a leitura do livro “A Viuvinha” e “Cinco Minutos”, depois*

*do prazo de leitura ela aplicou uma verificação de leitura e após isso começamos um trabalho para a nota, porém esse trabalho não foi algo estressante, pelo contrário foi uma atividade digamos "light" e com o peso de uma prova, no geral foi bem melhor do que uma prova. – suj\_8.65*

Na fase da adolescência, Wallon afirma que estas jovens pessoas tomam o gosto pela discussão e pela auto-reflexão, ao longo de suas experiências na escola.

Os adolescentes que trabalham na sala de informática educativa são os mesmos que permanecem em atividades na sala de aula. Eles mantêm o seu interesse em desempenhar suas atividades, demonstram sentimentos, gostam de atividades em que possam se movimentar, fazem perguntas aos seus professores e validam a presença de seus colegas. Buscam e respeitam as propostas que seus professores lhes apresentam, contanto que estejam de acordo com os valores que já possuem. A interação que se estabelece, quando seus valores e expectativas são atendidos, é de melhor qualidade, isto é, mais respeitosa, com uma comunicação mais ágil e maior potencial de compreensão mútua.

#### **- Categoria: “o que não gosto na sala de aula”**

As reações dos alunos à dinâmica escolhida para a sala de aula são indicativas de seus sentimentos de aceitação ou rejeição.

Os alunos de 5ª série apresentam críticas às situações na sala de aula. Um(a) professor(a) pode utilizar uma aula com dinâmica diferente, porém, nem tudo que é proposto será aceito por todos da classe.

*Foi uma aula muito imitante, porque aquele filme é muito chato e ainda demorava muito. – suj\_5.1*

Professores que utilizam muita aula expositiva, colegas que fazem muito barulho na sala de aula e o fato de não ter oportunidade de participar da aula são fatores que provocam a crítica dos alunos da 5ª série.

*Foi cansativo, pois era uma “dobradinha” e o professor estava lendo lentamente e a classe toda estava prestando atenção. Estava muito calor e foi irritante. Era última aula e o professor lia lentamente era um assunto que já sabíamos. – suj\_5.15*

*Eu não estou gostando porque tem gente falando no meio de sala quando a professora está falando e alunos brincando na sala de aula. – suj\_5.9*

*Porque nós ficamos escrevendo e não falamos sobre o assunto. – suj\_5.16*

Os alunos da 5ª série apresentam sentimentos que podem mudar de um extremo ao outro.

*Eu não gostei quando “uma professora” entrou na classe e começou a gritar com a nossa classe. E não gostamos porque levamos bronca. (...) mas agora eu AMO muito e muito. – suj\_5.74*

É a ambivalência de sentimentos e atitudes apontando nesses jovens alunos.

Estar numa sala de aula, apenas ouvindo sobre os conteúdos da matéria, bem como ouvir gritos e berros de outro professor, não é algo que agrada o grupo da 7ª série.

*As aulas são quase sempre a mesma coisa. Ela fala e dá resumo e depois prova. Quase toda semana tem prova. E isso nos “mata” de estudar. – suj\_7.8*

*Eu considero a aula monótona, quando o professor explica a matéria não desenvolvendo interesse nos alunos, apenas falando, não deixando a aula como nós (alunos) gostaríamos que fosse, dinâmica. ela aula. – suj\_7.12*

A oposição aos professores se faz presente, dado o uso de valores que os alunos adquirem ao longo de seu desenvolvimento. Desta forma, em acordo com Dér e Ferrari (2003, p. 65), “(...) a oposição do jovem não visa tanto à pessoa do adulto, mas ao que ele representa, isto é, às leis e controles (hábitos infantis, costumes familiares, controle exercido pelos pais), cujos valores o jovem passa a questionar”.

Também, nas salas de 8ª série, os alunos criticam aulas monótonas, nas quais o professor apenas lê textos e faz uso de recursos pedagógicos inadequados às necessidades dos alunos.

*Não gosto das aulas de História e Geografia, pois as professoras são sérias. O conteúdo é bem explicado, mas é tudo muito mecânico, as aulas são pouco descontraídas. (...). Quando a aula é muito monótona, os alunos deixam de prestar atenção, se esforçar para entenderem o conteúdo. – suj\_8.13*

*Eu não gosto de aulas, que o professor chega em sala de aula, começa a ler o capítulo do livro e explicar, a aula fica cansativa. Chega uma hora que nem aprendemos mais, já estamos cansados. – suj\_8.60*

*Na 1ª aula de segunda-feira a professora deu filme, é cansativo pois você acorda cedo, mal consegue prestar atenção na aula, imagine em um filme, falando de guerra. – suj\_8.32*

O uso de recursos pedagógicos não adequados aos interesses dos alunos e a fase de desenvolvimento pela qual passam podem causar desinteresse e não participação dos alunos nas aulas.

Por vezes, com a intenção de variar os recursos pedagógicos utilizados na sala de aula, os professores trazem propostas de tarefas diferentes para seus alunos. Os jovens insistem em ser críticos diante das determinações que seus professores apresentam.

O “não gostar” da atividade, ou da forma como ela é apresentada, pode causar reações de afastamento e desinteresse, por parte dos alunos em relação à aprendizagem e aos professores que as apresentaram.

#### **- Categoria: “interação entre alunos”**

Em geral, os alunos olham para o que “gostam”, para seus valores, da mesma forma que apreciam a companhia de colegas em suas atividades.

Por meio dos relatos dos alunos da 5ª série, constatamos que utilizam muitas vezes as expressões “eu” e “nós”.

*A gente descansou, e se errasse uma coisa descontava pontos, poderia ser mais divertida: ser em quatro pessoas, fazer disputas, etc. – suj\_5.7*

*Nós ouvimos música e preenchemos perguntas da música e no final nós cantamos e dançamos na música foi muito interessante. – suj\_5.10*

*Uma aula que eu gostei muito foi na aula de história, estávamos fazendo um trabalho em grupo e descemos na biblioteca, foi divertido, alegre e interessante. – suj\_5.48*

*Nós fizemos um jogo muito divertido, foi em grupo, estava eu, Marcela, Gabriela, Glória, Eliza e Marina. A Gabriela ganhou o jogo !!! Era quem chegasse primeiro ao final do tabuleiro !! – suj\_5.62*

Os alunos da 7ª série dão valor aos trabalhos feitos em grupo ou em dupla.

*Uma aula que eu achei super legal foi uma de matemática que eu e meu amigo sentávamos perto. A professora passou uns exercícios. Eu e meu amigo sentamos juntos... Eu acho que foi uma aula produtiva e divertida porque rimos muito juntos. - suj\_7.18*

Junto ao grupo de 8ª série, pela forma de escrever, nos é possível perceber a interação do aluno com os seus colegas nas aulas.

*Quando por exemplo fomos fazer um trabalho dos anos 60 na aula de português. Quando fazemos redações lá é bem legal. – suj\_8.8*

*Gosto das aulas da informática, pois lá, nós aprendemos mais, porque a sala presta mais atenção que na sala de aula. Gosto também, porque os slides são bem formados. As aulas de informática são bem divertidas, pois quando acabamos a atividade, podemos jogar alguns joguinhos no computador, ou podemos conversar. – suj\_8.38*

Na sala de aula, acontece a relação “eu” e o “outro”. É uma parceria ininterrupta e que se complementa. Mesmo em situações nas quais há a oposição entre os pares, os jovens se constroem.

Wallon apresenta o conceito de “socius” como o resultado de tudo que o indivíduo vive no mundo e em contato com as pessoas. Gulassa (2004) explica:

*O socius, o outro íntimo e internalizado, passa a ser o eterno parceiro do eu, e sendo representante das experiências e valores culturais e simbólicos do meio funciona como referência, intermediação e auxílio nas futuras experiências e relações com o mundo externo. (p. 97)*

A escola é um meio funcional no qual o jovem poderá se socializar e, a partir dessa experiência, se individualizar. Para Wallon, somos geneticamente sociais, na medida em que estamos inseridos em nosso meio.

Dentro de nosso meio, encontramos diversos grupos. Em Wallon (1975, p. 165), “O meio não é outra coisa senão o conjunto, mais ou menos duradouro das circunstâncias onde se desenrolam existências individuais”.

O meio contém grupos e todo o desenvolvimento humano se dá nos grupos. Cada grupo é considerado por Wallon (1975) como um veículo de práticas sociais. No grupo de pares, é possível que o jovem, por meio do exercício de oposição, descubra as suas novas maneiras de agir, sentir e pensar.

Gulassa (2004) registra a importância do papel dos educadores.

*(...) nesse processo, buscando aproveitar esse potencial transformador próprio da juventude e incitando os jovens a construir mudanças positivas para a sociedade, desenvolvendo com eles valores de justiça, igualdade, cooperação, solidariedade e principalmente responsabilidade que os levem a desenvolver práticas sociais saudáveis e a realizar tarefas sociais de apoio à comunidade. (p. 113)*

Os adolescentes necessitam viver cada experiência junto aos seus grupos. Os adultos podem lhes proporcionar a mediação dessas vivências para que, conscientes de si, cheguem com solidez à fase adulta.

Tanto na sala de informática educativa, como na sala de aula, os adolescentes reconhecem a possibilidade de se efetivar a interação prazerosa com seus pares, bem como reconhecem que pode haver aprendizagem auxiliada pelo convívio dos colegas.

*Eu gostei quando eu fui na informática na aula de inglês, de matemática que tínhamos de responderas perguntas e foi em dupla..”-suj\_5.40*

*Gostei de uma aula de português na 7ª série que a gente tinha de criar um jogo baseado no livro “O Mário que não é de Andrade”. Nós levamos rolhas para fazer os peões.”-suj\_8.27*

#### **- Categoria: “observando os professores”**

O professor, algumas vezes, segue seu próprio ritmo de aula. Trabalha o conteúdo da disciplina, conversa (ou não) com seus alunos, avalia-os e os mantém sob observação quanto às suas inquietudes e necessidades.

Porém, esse aluno também exerce seu olhar de observador sobre seus professores.

*O professor estava lendo lentamente e a classe toda estava prestando atenção.(...) Era ultima aula e o professor lia lentamente era um assunto que já sabíamos. – suj\_5.15*

A partir da 5ª série, os alunos têm a percepção de que a tecnologia pode ajudar o professor em sua relação pedagógica com os alunos.

*Eu gostei é que a sala de informática tem computadores novos e bons, as atividades e tem uma tecnologia boa, a professora através do computador dela olha a lição de todo o mundo. – suj\_5.51*

Com o caminhar para a maturidade, na 7ª série, os alunos passam a observar e relatar muitas passagens ocorridas com seus professores, nos ambientes escolares.

Os alunos conseguem perceber que, se os professores estiverem satisfeitos e sem conflitos com seus alunos, há uma boa oportunidade de se estabelecer a interação professor-aluno. Afinal, com uma boa comunicação estabelecida entre alunos e professores, a aula, também, passa a ser mais agradável.

*Lá na informática tiramos nossas dúvidas, os professores ficam bem-humorados e assim, a relação professor-aluno fica mais agradável e flui muito melhor. – suj\_7.2*

*Eu gostei, amei, a aula de matemática logo nos primeiros dias. Eu adorei essa aula porque eu não sei o que acontece, mas sempre quando a professora de matemática entra parece que a graça vem com ela, eu e a Juliana ficamos rindo a aula inteira! Foi muito bom aquele dia, a professora de matemática estava com uma roupa muito engraçada e ela também é muito engraçada, aí já viu, né? (...) “A professora de matemática é muito legal, ela é nossa amiga, isso torna a nossa relação como a professora mais legal, mais interessante, ela brinca, zoa com a gente é muito divertido e ela também é uma boa professora. – suj\_7.5*

*Eu gosto das aulas da professora de português também porque ela é ótima professora, conta várias histórias divertidas da vida dela, ela é a melhor professora que eu já tive, ela também é nossa amiga e temos ótimas relações com ela. – suj\_7.5*

Com o avanço na faixa etária, os alunos da 8ª série relatam, com mais detalhes, que gostam das situações de aula nas quais os professores os ouvem. Durante as aulas, gostam do professor que demonstra a sua intenção de conquistar e respeitar seus alunos.

*Gostei de uma aula, em que tivemos o debate sobre a eutanásia, uma parte da sala era a favor, e outro era contra. Gosto desse tipo de aula, porque todos os alunos interagem, expõem suas idéias e não são reprimidos. Gosto de professores, que expõem suas idéias, contam histórias e deixam os alunos também se expressarem. Professores que participam ativamente das aulas, rindo e contando histórias, conquistam os alunos com mais facilidade. As aulas de Ed. Cristã do colégio, são muito legais, devido a dinâmica delas. O professor tem sempre novas propostas, idéias legais e conquista os alunos.*

*Na minha opinião, qualquer uma seria legal se, em primeiro lugar, o professor estivesse sempre afim de conquistar o aluno. – suj\_8.9*

Evidenciam a ligação de “gostar do professor” e, por conseqüência, “gostar da aula”. Com isso, apóiam esse professor em situações em que brinca e os adverte. Os alunos percebem o tratamento de respeito dedicado a eles. Vêem uma extensão do cuidado do professor, que passa a ser considerado um amigo.

*Gosto muito das aulas de português. A professora de português é muito descontraída e extrovertida, na minha opinião, é a melhor aula. Ela explica muito bem e nos ajuda quando necessário porém ela fala demais. Mas eu gosto dessa professora e na aula dela todos sabem a hora de brincar e de ficar sério, é isso aí, tchau. – suj\_8.19*

*Eu acho que a aula de ciências é a melhor aula, pois o professor explica muito bem e também nos trata como amigos dele ele brinca no meio da aula assim tirando o clima chato da aula, pois ele faz o que ele faz ou irá fazer e nos conta o que devemos estudar, nos leva para o laboratório para fazermos experiências e saber seus resultados. – suj\_8.22*

Também, constatamos que, se o aluno vivencia aulas bem elaboradas e consegue atingir os objetivos das mesmas, sente-se confortável e passa a gostar da matéria. Enfim, válida a aula bem preparada.

*A aula que eu mais gosto é português principalmente por causa do professor, a aula é muito educativa, interessante e muito divertida. A professora ajuda muito e sabe ensinar e passar bem a matéria. Por isso português é uma das matérias que eu mais gosto. – suj\_8.37*

*Eu gostei muito da aula de informática sobre o sistema nervoso, porque o professor passou vários “slides” muito interessantes sobre as diversas partes e funções do cérebro. Eu achei essa aula muito legal, porque a maneira do professor dar essa matéria foi diferente o que deixou a aula mais interessante – suj\_8.59*

*(...) AMO as aulas de informática da Vera, porque é bem dinâmica, ela muda muito as aulas, isso é legal num professor. – suj\_8.67*

Por meio destes relatos, confirmamos várias passagens dos estudos feitos por Wallon e seus seguidores, com relação às características dos adolescentes. Observar e se opor aos professores é um dos principais recursos que o jovem tem para somar condições de passar para o estágio adulto. Pelas falas dos alunos, verificamos sua projeção no papel de professores:

*Eu não gosto de aulas, que o professor chega na sala de aula, começa a ler o capítulo do livro e explicar, a aula fica cansativa. Chega uma hora que nem aprendemos mais, já estamos cansados. – suj\_8.62*

*Se eu fosse uma professora eu iria em vários lugares dar aulas, por exemplo: biblioteca, sala de computador. Daria também muitas brincadeiras, mais que envolvessem o conteúdo estudado em classe !*

*O professor também tem que ser legal ! - suj\_8.10*

Ao longo do desenvolvimento do adolescente, a proximidade com outras pessoas alimenta seus sentimentos de amizade. Em seus meios, em especial, na

escola, é possível que mantenha adultos como modelos, com os quais se identificará.

Os adultos-modelos que o adolescente imita podem ser personagens mais próximos (pais, professores) ou mais distantes (ídolos da música, cinema, televisão) e são figuras importantes para a formação da consciência moral. (DÉR, 2004, p. 74)

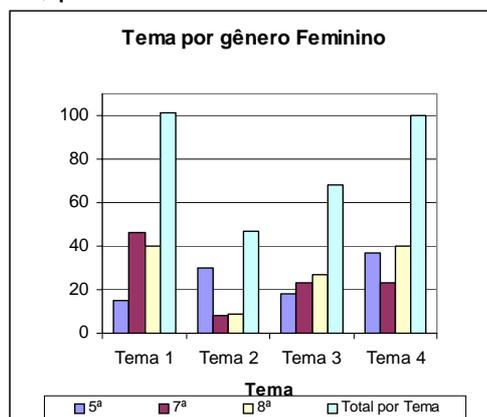
Observar e admirar “adultos-modelos” demonstra amadurecimento social e moral que os adolescentes adquirem ao longo de seu desenvolvimento.

No meio escolar, é comum ouvirmos dizer que os professores avaliam seus alunos. Porém, o contrário também acontece. Nesta pesquisa, os alunos demonstram que observam seus professores, tanto na sala de informática educativa, como na sala de aula. Relacionam o “humor” do professor como um dos indicadores que pode favorecer ou não sua proximidade com o professor.

A seguir, é feito um recorte na análise, dada a constatação que, na leitura das falas dos alunos da 5ª, 7ª e 8ª série, há diferença nas escolhas dos Temas, se consideradas por gênero.

#### 5.1.4 – Escolhas de Temas por gênero

A partir do Gráfico 4 – Alunos: Escolha de temas: gênero feminino, por número de escolhas, pontua-se:



	Tema 1	Tema 2	Tema 3	Tema 4
<b>5ª</b>	15	30	18	<b>37</b>
<b>7ª</b>	<b>46</b>	8	23	23
<b>8ª</b>	<b>40</b>	9	27	<b>40</b>
<b>Total por Tema</b>	<b>101</b>	<b>47</b>	<b>68</b>	<b>100</b>

Gráfico 4 – Alunos: Escolha de temas: gênero feminino (nº de votos)

Este gráfico, em números absolutos, foi feito a partir das escolhas dos temas propostos na redação. Com ele, temos a possibilidade de constatar as semelhanças e diferenças sobre as predileções dos temas de nossas jovens, nas sete salas pesquisadas.

Assim, a partir das escolhas das participantes do gênero **feminino**, constata-se maior opção pelos Temas 1 (o que gostam na sala de Informática Educativa) e 4 (o que não gostam na sala de aula).

Na 5ª série, as meninas já utilizam um olhar crítico aos ambientes escolares, e, em nosso caso, se referem à sala de informática educativa e à sala de aula.

Há a reprovação por situações que ocorrem na sala de Informática Educativa

*Foi muito, muito cansativo, chato, teve só contas (\*, /, +, -), tinham umas 10 ou 20 contas de cada operação. – suj\_5.66*

*Porque foi irritante, porque era muito difícil. Mas, por outro lado a gente descansou, e se errasse uma coisa descontava pontos, poderia ser mais divertida: ser em 4 pessoas, fazer disputas, etc. – suj\_5.20*

Críticas com relação à sala de aula também foram registradas:

*Foi muito cansativo. A matéria que ela deu, eu não tinha muito interesse. – suj\_5.3*

*Porque nós ficamos escrevendo e não falamos sobre o assunto. – suj\_5.16*

Na sala de 7ª série, as meninas deram maior destaque à sala de informática educativa.

*Gosto de ir a informática, pois saímos deste ambiente, o da sala de aula. E também deixa a aula mais dinâmica, e mais divertida, ou seja, mais animada, sem aquele falatório do professor. – suj\_7.20*

*Eu prefiro aula na sala de Informática, é bem mais interessante. (...) a aula na sala de Informática todos participam bem, todos gostam. – suj\_7.21*

Ainda na 7ª série, com relação à sala de aula, há a mesma quantidade de escolhas (23), para os temas 3 e 4.

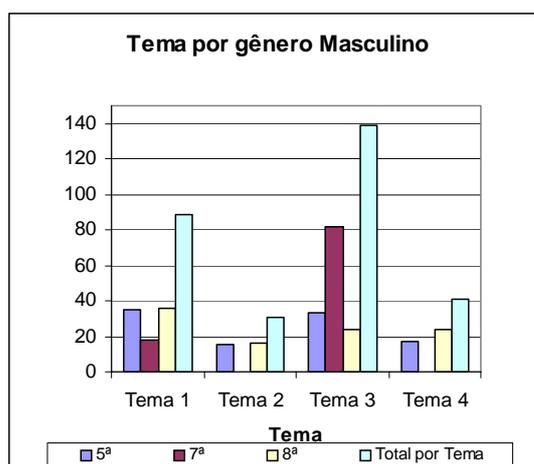
Nas salas de 8ª série, é de igual valor as escolhas pelo Tema 1 (o que gostam na sala de Informática Educativa) e pelo Tema 4 (o que não gostam na sala de aula).

*Representa mais atividades, figuras, imagens, usando teclado, então, para alunos é novidade (de bom) para aprender e pode aprender mais e lembra melhor do que na sala de aula, porque os alunos acham liberdade na sala de informática e eles gostam de usar computador, teclado. Por mais com imagem e atividades, os alunos gostarão de fazer atividades – suj\_8.20*

*(...) Quando a aula é muito monótona, os alunos deixam de prestar atenção, se esforçar para entenderem o conteúdo. – suj\_8.12*

Em síntese, pelos dados coletados, chama-nos a atenção o fato de o grupo feminino assumir uma atitude mais crítica diante das situações que observam na sala de informática educativa e na sala de aula.

No Gráfico 5 – Escolha de temas: gênero masculino, que, também, foi montado a partir das escolhas dos jovens, em números absolutos, constata-se que:



	Tema 1	Tema 2	Tema 3	Tema 4
5ª	35	15	33	17
7ª	18	0	82	0
8ª	36	16	24	24
Total por Tema	89	31	139	41

Gráfico 5 – Alunos: Escolha de temas: gênero masculino (nº de votos)

Com o grupo **masculino**, verificamos a forte tendência em demonstrar o que “gostam” nas duas salas.

Junto à 5ª série, os dados são equilibrados, porém com mais escolhas do Tema 1 (gostam na sala de Informática Educativa) e 3 (gostam na sala de aula). Seguem-se duas falas de cada tema, pela ordem:

*Porque a gente completou os temas no programa do computador. E também a gente brincou e leu frases. – suj\_5.56*

*Eu achei a aula de história interessante porque nos apresentamos sobre o Egito. – -suj\_5.12*

Na sala de 7ª série, a opção pelo Tema 3 (o que gosta na sala de aula) desponta diante das demais.

*o Professor de Ed. Cristã, pois ele traz temas para a sala de aula que são do nosso dia-a-dia, não temas como “A Revolução Francesa” e sim como o Bullying, ou seja, coisas que realmente usamos a todo o tempo em nossa vida, social e pessoal, e não matéria para vestibular. Ao estou dizendo que o conteúdo, em si, não é importante. Claro que é. Mas a aula precisa ser dinâmica, diferente, prender a atenção do aluno (...) – suj\_7.19*

Na 8ª série, o Tema 1 (o que gosta na sala de informática educativa) vem em primeiro plano, com 36 escolhas.

*Eu gosto sempre de aula de informática, pois praticamente toda aula de informática é em dupla, e eu gosto, pois é mais fácil digitar, eu gosto ainda mais a aula na Informática de Matemática pois existe uma resposta também porque matemática é a minha matéria favorita(...) –suj\_8.16*

Encontramos o começo das críticas, por parte dos rapazes, com maior ênfase, na 8ª série.

Mas, o Tema 3 e Tema 4 (o que não gostam na sala de aula) dividem a mesma quantidade de 24 escolhas. Se contabilizarmos, os rapazes, na 8ª série, fazem mais registro sobre as situações que lhes agradam mais, na sala de aula.

*Eu gostei da aula de história quando ela explicou sobre a segunda Guerra Mundial. Eu estava preparado para a aula e participei, perguntando e respondendo. – suj\_8.28*

*Uma aula que não me agradou muito na sala de aula, foi uma aula de história, onde não havia interesse, os alunos estavam dormindo e dispersos, e a professora estava lendo sem parar. – suj\_8.68*

Uma característica inicial da fase da puberdade são as mudanças físicas e as alterações hormonais, que ocorrem nos dois sexos, causando sentimentos de

estranheza e inquietude nos adolescentes. Sua preocupação não é apenas com seu rosto, mas com todo o seu corpo. Nesta fase, o espelho passa a ser um companheiro muito presente em seus dias.

(...) tanto os rapazes como as moças têm necessidade de se examinar num espelho e observar as transformações da cara. Sentem-se mudar e ficam desorientados. Sentem ainda mais esta mudança, esta desorientação perante eles mesmos, em relação ao seu meio. (WALLON, 1975, p. 218)

A jovem começa suas mudanças físicas mais cedo, embora estas sejam menos bruscas do que as transformações que ocorrem com os jovens. Porém, as mudanças não são apenas de ordem física. Como já constatamos, nas categorias anteriores, uma grande transformação psíquica se faz presente, também, junto com outras alterações fisiológicas, bem como, o aparecimento das funções reprodutoras. O corpo muda, e o psíquico também.

Com isto, mudam os sentimentos e a forma de manifestá-los. O adolescente o faz com a ajuda de gestos, comportamento, expressão da voz, enfim, de toda a sua movimentação e expressão de opinião.

Neste momento, a alternância funcional volta-se para si. A predominância do conjunto afetivo e surgem as ambivalências de sentimentos e atitudes.

Algumas vezes, na escola, os rapazes apresentam comportamentos que demonstram mais indisciplina, podendo levar o professor a pensar que têm maior senso crítico diante das atividades pedagógicas a eles propostas. Porém, são as jovens que começam seu processo de mudança mais cedo.

No recorte aqui feito, constatamos que, nas três séries, as jovens demonstram ser mais críticas com relação às situações que acontecem, tanto na sala de informática educativa e na sala de aula. Os rapazes demonstraram ser mais críticos, a partir da 8ª série, com o ganho da maturidade. Esta diferença não parece interferir na interação entre alunos e professores.

### **5.1.5 – Discussões diante dos dados dos alunos**

Em situação escolar, caberá ao professor ser presente e atento para acentuar a importância dos trabalhos coletivos, da validação e utilização de bons valores morais e sociais, orientá-los nos caminhos que favoreçam a valorização da responsabilidade e do reconhecimento de suas tendências e aptidões. Para isso, é

importante favorecer a organização de ambientes adequados, para proporcionar um bom sortimento de experiências pessoais e em grupo.

Devem-se considerar as mudanças morfológicas, sociais e psicológicas, enfrentadas pelos jovens, neste estágio de desenvolvimento, ao se planejar as atividades escolares. Estimular sua participação, ouvindo-os e ajudando-os em suas reflexões nas atividades escolares, os ajuda a tomar consciência de si, passo necessário para que prossigam em seu desenvolvimento rumo à fase adulta.

Hoje, vivemos um importante avanço junto às tecnologias de comunicação. A instituição escolar, há mais de uma década, a escola incorpora este recurso como meio pedagógico a serviço de nossa educação. No entanto, não basta a instalação física dos materiais. A capacitação do professor e sua contínua sensibilidade para a interação com seus alunos devem ser mantidas e/ou ampliadas. É importante nos equiparmos, porém, é essencial não esquecermos que lidamos com jovens adolescentes, cheios de vontade de crescer e aprender.

Nesse contexto, os alunos de nossa pesquisa vêem possibilidade e valor nas interações com seus professores, na sala de informática, na sala de aula? Em qual delas mais intensamente?

É possível perceber o valor que o aluno dá à possibilidade de que haja as relações pedagógicas na sala de informática educativa e na sala de aula. Embora ele tenha essa percepção, pela minha observação, considero a sala de informática com um potencial muito grande, dada à motivação intrínseca que já traz para o aluno.

No entanto, o aluno ainda nos aponta que a sala de informática educativa é uma preparação para que se concretizem e se ampliem as relações pedagógicas nascidas na sala de aula.

## 5.2 – ANÁLISE DE DADOS – PROFESSORES

Esta análise tem como objetivo identificar indicadores de boas e favoráveis Relações Pedagógicas na sala de Informática Educativa, pela ótica dos professores, isto é, relações pedagógicas que contribuam para um clima favorável à aprendizagem.

Para o alcance desse objetivo, várias etapas foram cumpridas, como se segue.

### 5.2.1 - Primeiros dados: a observação impressionista

As observações que aqui seguem não foram sistemáticas ou controladas, foram oriundas da Ficha de Observação (Anexo 1) e de outros contatos informais feitos com os professores, durante os dias em que trabalharam no laboratório de Informática Educativa.

Faz-se necessário lembrar que, além de pesquisadora, exerço a função de professora especializada em Informática Educativa e sou responsável pelo laboratório de informática, junto aos sujeitos desta pesquisa. Desta forma, sempre procurei não confundir a ação de professora responsável pelo laboratório de informática educativa com a ação de pesquisadora. No entanto, há momentos de encontro, pois algumas coisas que os professores e alunos dizem para a responsável pelo laboratório alimentam e ampliam a compreensão da pesquisadora sobre as situações que ocorrem na sala de informática educativa. Assim, em episódios de minha análise, poderei usar algumas falas que professores tenham feito à responsável pelo laboratório de informática educativa. Afinal, como pesquisadora, não posso ignorar o peso valioso de informações obtidas que venham a colaborar com esta investigação.

Antes de iniciar minha pesquisa, habitualmente conversava no trabalho com meus colegas professores. Entre muitos assuntos, uma importante referência era o reconhecimento dos benefícios escolares oferecidos aos alunos pelo uso da sala de informática educativa. Seguem algumas dessas observações:

- \* há maior facilidade no controle da disciplina dos alunos;*
- \* facilita a introdução e fixação do aprendizado;*

- \* o relacionamento entre alunos e entre a maioria dos professores e alunos é mais tranqüilo;*
- \* o receio dos professores em usar as máquinas e o fato dos alunos perceberem as dificuldades técnicas do professor – hoje – são preocupações mais reduzidas e menos preocupantes. Esta segurança é obtida pelo maior uso desta tecnologia, seja no âmbito pessoal, como profissional;*
- \* a colaboração e presença da professora-técnica junto do professor de área e de seus alunos, é um fator auxiliador à boa dinâmica da aula;*
- \* com o uso do computador, nas atividades pedagógicas, há maior atenção e concentração das atividades, por parte dos alunos;*
- \* os alunos discutem e conversam muito sobre o conteúdo pedagógico das atividades, bem como sobre suas dúvidas, erros e acertos junto às questões propostas;*
- \* os alunos solicitam o professor com bastante frequência, para esclarecimentos do conteúdo trabalhado;*
- \* raramente, os alunos se negam a concretizar as tarefas propostas;*
- \* os alunos são solidários entre si;*
- \* há um menor número de alunos dispersos, durante as aulas;*
- \* o grupo de alunos não gosta quando o professor da área fala durante um longo tempo (aula expositiva), pois prefere lidar com as máquinas;*
- \* mesmo gostando de divertimento, a maior parte do tempo, cada aluno se preocupa em executar as tarefas;*
- \* aplicam o que já sabem sobre o uso dos computadores e também com relação aos conteúdos pedagógicos;*
- \* em caso de dificuldades, acionam o professor da matéria e/ou a professora responsável pelo laboratório.*
- \*por parte dos alunos, não há rejeição em fazer trabalhos com os computadores e, em especial, na sala de informática educativa.*

Com o registro destas falas, foi-nos revelado: um professor preocupado, disponível em atender os alunos em aula, aberto e compreensivo às relações entre alunos e a relação deles com sua pessoa, o professor mostra-se atento em envolver seu aluno no processo ensino-aprendizagem, um professor que faz planejamento e é consciente do potencial oferecido pelas novas tecnologias à educação. Enfim, os dados revelam o comprometimento constante do professor com seus afazeres profissionais e, acima de tudo, com os cuidados com a pessoa de seu aluno.

Este é o primeiro panorama que estas observações oferecem.

Afinal, quem são estes professores?

### **5.2.2 - Caracterização dos professores participantes da pesquisa**

Do total de 22 professores que receberam o instrumento desta pesquisa (Anexo 3), foram devolvidos 14 questionários preenchidos, os quais serão utilizados

para a análise desta pesquisa. Para a descrição do perfil desses professores, obtido através da Questão 1, observaremos a Tabela 1 – Caracterização dos Professores.

**Tabela 1** – Caracterização dos professores

Sujeito	Sexo	Idade	Formação	Tempo de Magistério	Tempo de trabalho no colégio	Séries trabalhadas	Matéria
1	1	39	Universitária	18	15	7ª e 8ª	Inglês
2	1	36	Universitária	20	1	7ª e 8ª	Português.
3	1	50	Universitária	31	19	3ª- 4ª- 5ª e 6ª	Inglês
4	1	55	Universitária	21	15	5ª e 6ª	História
5	1	-	Mestrado	23	16	7ª e 8ª	Matemática
6	1	49	Universitária	20	14	8ª – Ens. Médio	Português
7	1	-	Universitária	28	13	5ª-6ª e 8ª	Geografia
8	1	50	Universitária	23	15	6ª-7ª e 8ª	Artes
9	1	54	Universitária	23	1	5ª e 6ª	Português
10	1	47	Universitária	23	13	5ª e 6ª	Matemática
11	2	28	Universitária	5	1	5ª e 6ª	Ciências
12	2	24	Universitária	3	3	Ens. Fund II e Ens. Médio	Ed. Cristã
13	1	26	Universitária	6	6	5ª até 8ª	Espanhol
14	1	27	Universitária	6	2	7ª e 8ª	Português
MÉDIA		40		17,8	9,6		
(1)= Feminino	12						
(2)=Masculino	2						

Entre os 14 pesquisados, sobressai a presença feminina, com 12 sujeitos. Apenas uma professora cursou a pós-graduação e alcançou o grau de Mestre. A faixa etária de 40 anos é a média encontrada no grupo.

É interessante notar que, com um tempo médio no magistério de 17,8 anos, temos a média de 9,6 anos que esses professores trabalham no colégio pesquisado. Este dado nos leva a acreditar na preocupação da instituição em manter a regularidade de seu quadro docente e a valorização da experiência docente do mesmo. A estabilidade no trabalho colabora para a tranquilidade do professor e, por consequência, o impulsiona a desenvolver seu trabalho com ingredientes de maior dedicação, a buscar o aprimoramento do conhecimento e a manter um saudável relacionamento com a instituição e seus educandos.

No grupo, há participantes que lecionam várias matérias do Ensino Fundamental. Portanto, podemos ter, nesta pesquisa, contribuições com olhares e contextos variados.

### **5.2.3 - Os mitos propostos por Thomas Gordon, na perspectiva dos professores**

Por opção, não indaguei, diretamente, ao professor, se “A sala de informática é um local de estreitamento das relações”. Afinal, não queria colocar as opiniões dos professores como um contraponto às respostas dos alunos. Meu objetivo foi identificar como o professor se coloca, por meio dos mitos (Gordon, 1974), diante da profissão, da educação, da sala de aula e da sala de informática educativa e, pela análise, tentar responder à minha questão original.

No entanto, quando solicitados a refletir sobre as interações que ocorrem na sala de aula e na sala de informática, do ponto de vista da aprendizagem do aluno e das relações professor-aluno, os professores tiveram dificuldades em registrar, por escrito, sua opinião, o que pode ser devido à situação de pesquisa a que estavam sendo submetidos, à falta de hábito de se expressar por escrito, à preocupação em deixar registradas suas eventuais dificuldades nas interações com alunos.

Quais seriam as respostas e colocações de nossos professores pesquisados, diante da proposta de escolha de mitos e o espaço cedido para reflexão?

#### **- A escolha dos mitos**

Aplicados e recolhidos os instrumentos de pesquisa, juntos aos professores de 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, montei a Tabela 2 – Escolha dos Mitos.

As escolhas dos mitos, em relação às questões 2 e 5, são referentes à sala de informática educativa e à sala de aula, respectivamente. Ressalvo que um professor teve, como opção, não dar resposta a nenhuma das opções e outro professor; em vez de optar por três mitos, escolheu apenas dois.

Tabela 2 – Escolhas dos Mitos

QUESTÃO 2 Sala de Inf. Educat	Mito 1	Mito 2	Mito 3	Mito 4	Mito 5	Mito 6	Mito 7	Mito 8		1º Mito mais escolhido	2º Mito mais escolhido	3º Mito mais escolhido	Mitos Não citados
1º opção de mito (votos)	3	2	1	1	4	0	1	1		5	1	2	6
2º opção de mito	0	6	0	2	3	1	1	1		2	5	4	1 e 3
3º opção de mito	2	1	1	5	1	0	1	2		4	1	8	6
Total de votos por mito escolhidos	5	9	2	8	8	1	3	4					
QUESTÃO 5 Sala de aula	Mito 1	Mito 2	Mito 3	Mito 4	Mito 5	Mito 6	Mito 7	Mito 8		1º Mito mais escolhido	2º Mito mais escolhido	3º Mito mais escolhido	Mitos não citados
1º opção de mito (votos)	3	4	0	1	3	0	1	1		2	5	4-7-8	3 e 6
2º opção de mito	2	3	1	3	3	0	1	0		4-5	1	3-7	6 e 8
3º opção de mito	0	3	2	2	3	0	0	2		2-5	3-4-8	#	1-6 e 7
Total de votos por mito escolhidos	5	10	3	6	9	0	2	3					

Para auxiliar na compreensão dos dados coletados junto aos professores, bem como na leitura de sua análise, faz-se necessário listar, novamente, os oito mitos<sup>9</sup> – propostos por Thomas Gordon:

MITO nº 1 – Bons Professores são calmos, ponderados, equilibrados Eles nunca perdem a “linha”, nunca mostram emoções fortes.

MITO nº 2 – Bons Professores são imparciais e não discriminam. Negros, brancos, latinos, crianças estúpidas, crianças inteligentes, meninos ou meninas, todos são iguais para um Bom Professor. Bons Professores não são tem preconceitos.

<sup>9</sup> Neste capítulo de análise, faremos uso da tradução portuguesa. *P.E.E. – Programa do Ensino Eficaz*, Lisboa: da Escola Superior de Educação João de Deus, 1998.

MITO nº 3 – Bons Professores podem e devem esconder seus verdadeiros sentimentos diante dos alunos.

MITO nº 4 – Bons Professores nunca tem alunos “favoritos”. Eles têm o mesmo grau de aceitação para com todos os alunos.

MITO nº 5 – Bons Professores promovem um ambiente de ensino animado, com estimulante e livre, organizado, sem perder o controle da disciplina.

MITO nº 6 – Bons Professores, acima de tudo, são consistentes. Eles nunca variam, não mostram parcialidade, nunca esquecem, nunca são superiores ou inferiores ou cometem erros.

MITO nº 7 – Bons Professores conhecem todas as respostas. São mais conhecedores do que seus alunos.

MITO nº 8 – Bons Professores são solidários com colegas. Eles se unem e formam uma posição única diante dos alunos, independente de sentimentos, valores e convicções pessoais.

Lembramos que Gordon propõe esta lista de mitos, como decorrências do ideário de professores, de hábitos, de idéias, conceitos e preconceitos, resultantes da história e dinâmica das escolas e seus professores e que têm como conseqüências maneiras de agir, pensar e sentir desses professores.

#### **- A escolha dos mitos, na sala de informática educativa**

Aplicado o questionário (Anexo 3), passamos a olhar para os mitos mais escolhidos com relação à sala de informática educativa. Destacam-se, com mais escolhas, os mitos 2, 4 (ambos referentes à imparcialidade e falta de preconceito do professor), e 5 (atuação em sala de aula) – vide Tabela 2.

Voltamos atenção à Questão 2 (Escolha do mitos, por ordem de prioridade). Ao ler as definições dos mitos mais escolhidos, verificamos que estas escolhas nos levam a identificar um perfil de professores dirigido a valores contrários a

preconceitos. Os professores demonstram, também, preocupação em utilizar uma metodologia que envolva e agrade os alunos, sem que se perca o controle da disciplina de seu grupo de alunos.

O mito 6 – referente à infalibilidade dos professores – obteve apenas uma escolha, como 2ª opção. A baixa escolha demonstra que os professores não se vêem como profissionais duros e inatingíveis, que nunca erram.

Com relação à Questão 3 (Acréscimo de mitos não citados), encontramos 54% que não acrescentariam mitos, contra 46% que sugeriram mais alguns mitos. Um exemplo:

*Bons professores são simples seres humanos, porém, com uma dose de paciência maior, solidário, procurando ensinar, ao mesmo tempo em que respeita o aluno e o seu limite.*

Na Questão 4 (justificativa da resposta à questão 3), obtivemos o mesmo percentual de respostas da questão anterior. Percebe-se que metade dos professores considera e propõe a inclusão de novos mitos, em sua prática de sala de aula.

*O professor tem que conhecer e reconhecer que o aluno é um ser humano, carente e saber e por que não afeto? Portanto, o bom professor é aquele que sabe se fazer, respeitar não só como ser humano, como também o agente transmissor do conhecimento, passível a emoções comuns aos seres humanos normais.*

Acreditar e estimular os alunos para a participação nas atividades, em sala de aula, é alvo de atenção constante e presente para todos os professores desse grupo.

Preocupam-se em observar seus alunos em situações chamada de “problema” e, uma vez assumida a postura de professor investigador, passam a acompanhar e orientar as reações que venham a surgir.

*Precisamos investigar “melhor” o aprendizado dos alunos. Analisando os seus erros e suas colocações frente a uma situação – problema.*

Por vezes, para reverter a chamada “situação-problema”, em um ambiente que garanta o bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, basta que o professor dedique um simples olhar em direção às suas metas de aprendizagem e leve em consideração as expectativas e ansiedades que os alunos já apresentam. Como Tapia e Fita (2003) afirmam:

É preciso levar em conta, também, que essa interação das características do contexto e das do aluno é dinâmica, isto é, à medida que a aula transcorre ou o aluno tenta resolver alguns problemas com maior ou menor êxito, o contexto muda e pode mudar a percepção da situação. (p. 15)

Na sala de Informática Educativa, para o professor, é possível acompanhar, orientar e demonstrar o interesse pelas tarefas que o aluno executa.

*(...) na aula de informática estão sempre acompanhando as atividades desenvolvidas pelos alunos, orientando-os na utilização dos programas e demonstrando-lhes interesse na realização do trabalho.*

*A meu ver, o professor deve acompanhar todas as etapas de aprendizagem da “máquina”, para que o aluno possa utilizá-la corretamente.*

Os professores têm claro que o uso das tecnologias, em auxílio pedagógico, não garante sozinho a esperada “qualidade” na aprendizagem.

Para nós, é necessário que os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem – alunos e professores – façam uso da informática educativa de múltiplas formas, de maneira que diálogos sejam estabelecidos entre eles, por meio da vivência e convivência na sala de informática. Assim, outras formas de alcançar a qualidade na educação escolar podem ser aproveitadas.

Os conhecimentos elaborados nas redes de saberes do cotidiano deverão ser legitimados na busca pela emancipação e cada sujeito que nele atua precisa ser respeitado em sua multiplicidade, complexidade e potencialidade. Os professores, enquanto mediadores, darão ênfase às relações estabelecidas e não aos objetivos e às técnicas, no cotidiano escolar. (IMENES, 2002, p. 125)

Além disso, é fundamental que o professor participe do desenvolvimento cognitivo do aluno com suas intervenções. Para os alunos, trabalhar com computadores é algo muito prazeroso. Portanto, o professor pode aproveitar este recurso amplamente para esse desenvolvimento.

Conscientes da motivação que a sala de Informática Educativa proporciona aos alunos, os professores também demonstram as suas emoções e sentimentos.

*Professores calmos, ponderados, equilibrados, que não perdem a “linha” e que nunca mostram emoções fortes é o que seria “ideal”; porém, é muito difícil “não” demonstrar sentimentos e nunca perder a linha, principalmente entre alunos agitados de uma classe na informática. A motivação é muito maior durante as aulas de informática e os alunos ficam agitados naturalmente (talvez seja apenas manifestação espontânea).*

Gordon (1998, p. 23) confirma que “(...) os professores motivarão os alunos a aprender”. Mas, também, faz-se necessário que os professores tomem atitudes de transparência, ou seja, uma vez que vivam momentos de forte emoção, devem ser capazes de demonstrar o fato que os incomodam, o sentimento que esta situação lhes causa e evidenciar, claramente, as conseqüências que podem vir a ocorrer. Deve haver “técnicas de comunicação” (ibidem, p. 21) entre o professor e seu aluno, segundo este autor. Provocados pela necessidade de escolher e enumerar três mitos, os professores registraram reações em que o “despir-se” da crença nos mitos é assumida. E, de forma firme, reconhecem a condição humana como falível, a necessidade de paciência, de respeito pelo aluno, à validade do conhecimento e atuação das emoções nos momentos escolares.

*Bons professores são simples seres humanos, porém, com uma dose de paciência maior, solidário, procurando ensinar, ao mesmo tempo em que respeita o aluno e o seu limite.*

*O professor tem que conhecer e reconhecer que o aluno é um ser humano, carente de saber, e por quê não, afeto ? Portanto, o bom professor é aquele que sabe se fazer respeitar não só como ser humano, como também o agente transmissor do conhecimento, passível de emoções comuns aos seres humanos normais.*

Na pesquisa realizada por Cordeiro (1995, p. 68), os professores indicam que um trabalho pedagógico marcado pelo diálogo entre professor e aluno é mais favorável na busca de soluções. Completa: “O respeito e atenção contribuem para melhorar as interações dialógicas, em sala. (...) Quando o professor reconhece seus próprios erros, diante de uma situação desagradável, contribui para uma resolução mais sensata”.

Esta colocação reforça o que Leite (1983, p. 246) postula, ao alertar que “O professor precisa é buscar, em cada aluno, as suas qualidades positivas, a fim de provocar o seu desenvolvimento”.

Surge um enfoque que elucida o fato de que o aluno incentivado e participativo é levado a um caminho mais seguro de aprendizagem:

*Bons professores incentivam a participação dos alunos nas atividades propostas.*

*Eu acredito que, se os professores acreditarem realmente que alunos participantes têm mais chance de se desenvolver, este seria um caminho para o conhecimento.*

Ênfase é dada à participação dos alunos nas atividades. Fala-se no conhecimento. Porém, o emocional aparece de forma implícita, na preocupação e nas ações dos professores em envolver seu aluno, por meio da comunicação e da boa relação.

É recompensador nos depararmos com profissionais da educação que validam sua experiência, sentimentos e firmam sua opinião crítica quando provocados à reflexão de sua prática.

*Bons professores são pessoas comuns, com sentimentos e emoções iguais a qualquer pessoa.*

*Bons professores o são quando estão fazendo aquilo que gostam.*

*Bons professores são bem humorados.*

*Os mitos elencados por Thomas Gordon me parecem mais utopias do que “seria” um “Bom professor”. A realidade é bem outra.*

De fato, “A realidade é bem outra” ! Esta professora vai ao encontro ao que, verdadeiramente, Gordon (1998, p. 38) propõe: que os educadores devem substituir a vestimenta dos mitos do Bom Professor “(...) por um modelo que não só é mais humano, acessível e real, mas que também permite aos professores serem aquilo que são: gente”.

A maleabilidade dos professores com relação a adaptar sua afetividade, junto às suas obrigações na escola, é visível. É a demonstração que o educador “(...) é um homem que pensa no futuro e que se encontra, portanto, além do atual e, também um homem da realidade cotidiana totalmente engajado no presente” (Furter, 1981, p. 42).

### **- A escolha dos mitos, na sala de aula**

Em relação à sala de aula, deparamo-nos com escolha semelhante à feita em relação à sala de informática educativa, ou seja, os mitos mais escolhidos são 2, 5 e 4 (2 e 4 são referentes à imparcialidade e falta de preconceito do professor e o mito 5 à sua atuação em sala de aula) – vide Tabela 2.

Ainda, em comparação à sala de informática educativa, encontramos as mesmas opções ao olharmos a coluna, “1º mito mais escolhido”, ou seja, os mitos 2, 4 e 5. Portanto, podemos identificar que os professores enxergam as duas salas com um mesmo olhar, apesar da ligeira discrepância quanto à ordem dos mitos escolhidos na sala de informática educativa (5, 2 e 4).

Verificados os mitos que não foram escolhidos, constatamos a repetição das circunstâncias relativas à sala de informática educativa. Novamente, o mito 6 não foi selecionado pelo grupo de professores pesquisados.

As respostas às questões 3 e 4, que fazem referência à sala de Informática, são similares às respostas às questões 6 e 7, que enfocam a sala de aula.

Na questão 6 (acréscimo de mitos), encontramos 62% de respostas negativas à inclusão de novos mitos e 38% de professores que colocariam mais mitos. Um deles seria o mito 2, que evidencia o valor que o professor dá em não ser uma pessoa preconceituosa.

Na questão 7 (em que são solicitadas justificativas ou observações quanto à resposta dada à questão 6), temos uma inversão, em relação a sala de Informática Educativa, ou seja, 54% justificam e escrevem alguma observação e 46% não colocam observações.

No entanto, poucas opiniões foram expressas nestas questões. Contudo, indicam pensamentos seguros com relação à sua atuação na sala de aula.

A busca pelo envolvimento dos alunos na participação, rumo ao conhecimento, continua a ser uma realidade, na sala de aula.

*Creio que se os professores acreditam realmente que alunos participantes têm mais chance de se desenvolver, este seria um caminho para o conhecimento. (Esta justificativa é dada pelo mesmo professor, nas questões 4 e 7.)*

Ainda, sobre a questão 7, encontramos preocupações com “método”, “resultados”, “aquisição do conhecimento”, expressão de conceitos que podem denotar uma procura apenas por estratégias racionais para melhor fluência das aulas:

*Bons professores são aqueles que conseguem despertar interesse e participação dos alunos durante as aulas, fazendo com que eles aprendam com facilidade e tenham prazer na aquisição do conhecimento. O bom professor não emprega um único método de ensino, mas emprega o que eu chamo de “método eficaz”, isto é, o método que atinja resultados positivos, satisfatórios.*

Ao ler estas observações, destacamos a expressão “prazer”. Timidamente, a palavra surge no texto da professora, porém é uma palavra que mostra a potencialidade de a professora ter como objetivo proporcionar aos educandos uma aprendizagem envolta por sentimentos positivos, prazerosos. Nota-se que a relação

pedagógica, aqui, se baseia no ponto de vista do afeto e do cognitivo, que estão, mais uma vez, revelados na sala de aula.

O exercício de escolha dos “mitos” levou o professor a se manifestar e assumir seus sentimentos.

*Professores consistentes que nunca esquecem, nunca são superiores ou inferiores ou cometem erros seria o ideal de um professor em sala de aula, mas, na verdade, sabe-se que isso também não acontece plenamente. Será que existe um professor que nunca tenha errado ou esquecido?*

*Para acrescentar um mito nessa lista, teria que ser ou estar seguindo a mesma linha de pensamento do ideal de professor. E esses mitos são distorcidos demais.*

Como anteriormente colocado, Gordon (1998) acredita que, uma vez que esteja livre para ser ele mesmo, ou seja, uma pessoa integral, o professor conseguirá atuar com viabilidade e atuar como um professor voltado para a realidade. Ser consciente e crítico é uma virtude de professores que assumem o seu próprio pensar.

### **- Reflexões dos professores provocados pelas questões finais**

As últimas questões procuraram abrir espaço à fala dos professores, saber se foram, nesta pesquisa, desafiados a refletir em relação à sua atuação na sala de informática educativa e na sala de aula.

Na questão 8 (pergunta se as questões anteriores o levaram a refletir sobre si mesmo, nas duas salas), 77% dos pesquisados confirmam que os questionamentos causaram sua reflexão sobre si mesmo, nos dois ambientes escolares, e apenas 23% responderam negativamente à pergunta. Porém, no espaço reservado para a questão 9, na qual foi aberta oportunidade para que os professores expressassem em palavras suas reflexões, todos fizeram registros.

Ao lembrar as questões 3 (acrécimo de mitos, na sala de informática educativa) e 6 (acrécimo de mitos, na sala de aula), constatamos a maior incidência de reflexões sobre a sala de informática educativa. As perguntas sugeriam que o professor pensasse em um colega de seu curso para servir de referência ao completar o questionário. Porém, todos escrevem sobre si mesmo.

Em contrapartida, na Questão 9, em que é dada oportunidade para que falem de sua atuação nas duas salas, dos 14 professores pesquisados, apenas três se reportam às duas salas.

Dos três professores cuja fala é mostrada abaixo, um enxerga o “controle” da aula como meta, auxiliada pelos mitos que listou, como se pode notar:

*Tanto na sala de Informática quanto na sala de aula, o professor tem e deve ter os 3 mitos mencionados anteriormente como regras básicas a serem seguidas durante as aulas. Não vejo ordem crescente de importância, igualaria todos os três mitos. Todos são importantes se trabalhados “juntos”. Perdem valores se forem analisados individualmente.*

Já os outros dois registros demonstram o reconhecimento do potencial e a importância dos dois ambientes escolares. Não é esquecido um ingrediente importante, a “relação professor-aluno”, que pode ser otimizada em vários ambientes escolares.

*Percebo que, na sala de informática educativa, a preocupação maior de um professor é promover um ambiente de ensino animado, com estímulo e liberdade que acontecem naturalmente (mito 5). Já em sala de aula, manter a disciplina com estímulos diferentes é muito mais difícil. Sem dúvida, os alunos aprendem com mais liberdade e motivação nas salas de informática; porém, há necessidade prévia de preparação e controle de todas as atividades que serão realizadas. O professor prepara-se emocionalmente para essas aulas; a expectativa de bons resultados é grande.*

*O fato de mudarmos de ambiente e utilizarmos do recurso da informática transforma de forma significativa a prática pedagógica, trazendo à tona as necessidades e ao mesmo tempo as soluções dessas necessidades e enriquecimento a aula e a relação professor-aluno.*

A escola constitui, na visão de Wallon (1975, p. 165), um meio funcional, definindo o meio como um “(...) conjunto mais ou menos estável de circunstâncias nas quais se desenvolvem existências individuais”.

Os professores e alunos podem encontrar vários ambientes e grupos dentro da escola. Desta forma, segundo Gulassa (2004, p. 98), “O meio e o ser vivo são partes integrantes de um todo, partes constitutivas de um conjunto, e suas relações são de dependência e de transformações mútuas”.

Os outros 11 professores fazem alusão apenas à sala de aula. Encontramos professores preocupados em manter o controle da sala, voltados para a aprendizagem obtida por meio de um ambiente agradável e preocupados em não

exercer posturas preconceituosas. Afinal, bons valores e reflexão também fazem parte do processo ensino-aprendizagem.

*É importante manter a disciplina para uma boa aprendizagem, mas também devemos manter o ambiente descontraído para que a aula torne-se mais interessante. Nós, educadores, devemos tratar todos com igualdade e procurar sermos imparciais em nossos julgamentos.*

*É sempre muito bom refletir sobre seus valores e atitudes que quer realmente ter uma postura educativa.*

*Essas questões me levaram a refletir melhor sobre o ambiente escolar e também a reconsiderar alguns pontos que considero falhas dentro de uma disciplina em sala de aula.*

Importante salientar que, ao estabelecer relação entre o trabalho pedagógico e as interações professor-aluno, o professor parece:

(...) assumir o desafio de articular as ações com os pensamentos (crenças, opiniões, valores) docentes, entendendo que atuar numa sala de aula envolve uma complexa rede de culturas, atitudes, posicionamentos e competências. Esta rede remete à discussão sobre a interação professor-aluno a um tempo, a espaço, a sujeitos determinados. (AZZI e SILVA, 2000, p. 145)

Também as dimensões éticas do trabalho docente estão presentes nas falas dos professores, revelando que:

O conhecimento profissional possui também dimensões éticas (valores, senso comum, saberes cotidianos, julgamento prático, interesses sociais etc.) inerentes à prática profissional, especialmente quando esta se aplica a seres humanos: (...) alunos(...) etc. (TARDIF, 2000, p. 8)

A consciência profissional, o reconhecimento da necessidade de atualizações constantes e das falhas em sala de aula, e, em especial, o reconhecimento de que o conhecimento venha a ser construído com a parceria entre alunos e professores também estão presentes:

*Acredito ter consciência do profissional que sou.  
Precisamos sim “sempre” buscar o melhor método de ensino, para assim atingirmos nosso objetivo que é o ensino-aprendizagem.*

*Trabalho dessa forma e procuro sempre me atualizar.*

*Na correria do dia-a-dia não percebemos, algumas falhas no processo pedagógico e até na nossa metodologia. (...) Penso que dar aula, ou melhor, ensinar é união e construção do conhecimento do*

*aluno e do professor. Os dois juntos vendo e analisando seu processo e percebendo e reparando os seus erros.*

É interessante a postura que os professores assumem, nestas falas, mostrando clareza sobre a dimensão tempo, no trabalho docente. Afirma Tardif (2000, p. 13): “(...) os saberes profissionais dos professores são temporais, ou seja, são adquiridos com o tempo”. E acrescento, modificam-se com o tempo.

Wallon (1995) sempre respeitou e evidenciou a importância da escola para o desenvolvimento do aluno e também para o aprimoramento do professor. Os professores desta pesquisa demonstram que esta idéia está viva.

(...) uma escola que responda às necessidades de todos, isto é, às necessidades de cada um, e uma escola que, à medida que a inteligência se vai desenvolvendo no sentido da especialização das aptidões, responda a este progresso do espírito, no sentido da especialização ou das aptidões particulares. (p. 421)

#### **5.2.4 – Uma professora...**

Como já foi explicitado anteriormente, dentre as respostas dos 14 sujeitos que receberam a pesquisa no mês de agosto, houve uma professora que, ao invés de responder questão a questão, passou a escrever um texto de corpo inteiro, que englobou boa parte das informações procuradas, o que nos levou a incluí-la em nossa análise, com um destaque especial.

A professora será chamada pelo nome fictício de Isabel.

Isabel trabalhou, durante o 1º semestre letivo, com as turmas de 7ª e duas turmas de 8ª série, e, em agosto, mudou-se para a Alemanha: para lá enviamos as questões por e-mail e ela as respondeu e reenviou.

Por que eu exponho a carta dessa professora?

Optei por inserir a carta neste trabalho, primeiro, porque a professora me auxiliou na aplicação dos questionários junto aos alunos de uma 7ª série e de mais duas salas de 8ª série, gerando uma participação marcante dessas turmas, na pesquisa. Além disso, no tempo em que trabalhou na escola, marcou sua relação com os alunos, pois eles a reconhecem como uma professora especial. A meu ver, esta professora, durante seu trabalho no colégio, sempre foi uma profissional

competente, disposta, querida pelos colegas e por todos os seus alunos. Minhas observações a seguir (1ª e 2ª observação) corroboram nisso.

Finalmente, em sua mensagem, a professora faz um aprofundamento da análise dos mitos, expondo sua posição de forma mais acentuada do que outros professores. Por isso, dou um destaque especial a este relato.

A professora se reporta, integralmente, em suas respostas, à sua relação com o trabalho; à matéria que lecionava; à sua forma de pensar, agir e sentir e à maneira afetiva com a qual se dirigia aos seus alunos. Embora tenha utilizado muitas vezes a sala de informática educativa, não faz menção de qualquer passagem de aula ou fato, nessa sala.

Em função disto, incluo aqui o registro de duas observações que fiz, durante aulas desta professora. Seguem as observações (feitas seis meses antes da aplicação do instrumento de pesquisa, utilizado nesta pesquisa).

1ª observação: (ficha nº6-A)

*A profª Isabel passa pelas mesas dos alunos, durante todo o período da aula. Sempre tirando dúvidas e /ou dando explicações complementares.*

*Alunos solicitam a profª e são atendidos.*

*Esta profª é muito organizada, exigente, domina a matéria (conteúdo) e sorri bastante.*

*Ao término da aula, a sala foi deixada arrumada. O grupo de alunos sai conversando, sem tumultos.*

2ª observação: (ficha nº10-B)

*Este grupo de alunos esteve no laboratório de informática ontem, com outra profª. Muito barulho e gritaria foram ouvidos.*

*A profª Isabel passa pelas mesas o tempo todo, dando atenção e explicações a seus alunos. Instruções prévias, para feitura da atividade, foram dadas em sala de aula, antes de vir para o laboratório.*

*Quando há alunos que extrapolam suas atitudes e/ou no tom de voz, a profª chama a atenção de forma firme, usando de autoridade, e palavras apaziguadoras. Atenta pela preservação da concentração e tranqüilidade dos colegas que estão trabalhando. Ela é atendida sem problemas.*

Nestas considerações, é possível observar como suas aulas na sala de informática educativa possuíam um tom cordial e harmonioso com os alunos.

A seguir, transcrevo na íntegra a carta recebida, destacando em negrito as referências da professora aos mitos e à sua atuação nas aulas, visando boas relações pedagógicas.

Cabe deixar registrado que a professora Isabel autorizou a publicação desta carta neste trabalho.

Querida Tânia,

*Você abusou da minha curiosidade no e-mail (“não vou te contar para não influenciar, mas você vai gostar de saber...”) e eu fui correndo para um café “dar uma olhada” no seu questionário (na sua pesquisa).*

*Entre um gole de café e outro, tentei seguir as suas instruções, mas não entendi a sugestão “pense em um professor do seu curso”. **Pensei em mim, na minha trajetória e em tudo o que sempre defendi como positivo para uma sala de aula.** Modesta, não... Ah, e também não usei as linhas que você estipulou... vou escrever o tanto que eu quiser hahahaha! Aposto que você está rindo e pensando “Esta carioca é maluca!” Não faz mal... Ah outra coisa, desculpe os erros e a extrema sinceridade... estou triste, pois acho que, talvez por isso, as minhas colocações não irão ajudar muito. Mas... vamos lá!*

*Enumerando **em ordem crescente (por grau de importância)**, eu colocaria, sem dúvida, **o mito número 5** em primeiro lugar. Este mito coincide **demais com a rotina da minha sala de aula.** Durante muito tempo, ouvi os alunos dizendo que a minha aula era “animada” e não sabia se esse adjetivo era bom ou ruim. **Sempre tive a máxima preocupação com o planejamento e a dinamização de cada aula e, aos poucos, fui percebendo que um ambiente agradável, interessante e que os alunos chamavam de “animado” era positivo e influenciava demais na aprendizagem, na disciplina e na relação professor / aluno. Sempre procurei estimulá-los das mais variadas formas (“música das Preposições”, “Modo Imperativo nos jornais e revistas”, “hoje não iremos ler, iremos DRAMATIZAR este texto”, “a aula de hoje será na Biblioteca” – algumas vezes, no próprio colégio, li textos e fiz debates no jardim da escola).***

*Tânia, parece que não faz sentido, mas eu **comecei a perceber que todo o processo da aprendizagem e da convivência na escola era feito mais facilmente com um aluno envolvido, interessado e FELIZ.** Este último adjetivo parece desnecessário, em se tratando de uma aula, mas não, **definitivamente o aluno precisa gostar daquele momento que ele “vive” todos os dias.** Como professora de Língua Portuguesa e de Projetos Multidisciplinares, eu entrava nas turmas diariamente e, por isso, **a boa convivência precisava ser levada em conta.***

*Parece loucura tudo isso que estou contando e sinceramente acho que vai um pouco contra a sua pesquisa... penso que a **minha metodologia é totalmente influenciada pela minha personalidade.** Sou uma pessoa totalmente movida pela emoção e quando li o **mito número 1** dizendo que **“bons professores são calmos, ponderados, equilibrados e nunca perdem a linha...”** Meu Deus, fiquei preocupadíssima e pensando quantas e quantas vezes, mostrei emoções fortes aos meus alunos!!! Certa vez, dois meses depois de perder o meu bebê<sup>10</sup>,*

---

<sup>10</sup> Este acontecimento se deu durante sua primeira gestação. Hoje, está novamente grávida e aguarda muito feliz a chegada de sua filha, para maio de 2006.

tive que ler um texto em Homenagem ao dia das mães, imagine você, numa turma de 8ª série. No meio do texto, não me contive e chorei, compulsivamente, na frente de 40 alunos adolescentes. Disse que estava triste. Quantas vezes ri mais do que devia (verdadeiramente gargalhei na frente deles) ou contei casos de quando era adolescente... Até dancei e cantei! **Aproveito para discordar (por razões óbvias) do mito número 3: “Bons professores podem e devem esconder seus verdadeiros sentimentos diante dos alunos”.** Deve ser uma falha enorme minha, mas **NUNCA** consegui esconder meus sentimentos em sala de aula: tristeza, alegria, punição... Talvez por isso os alunos sempre souberam seus limites e deveres durante as aulas de Português.

Bem, na minha escala de prioridades, **após o mito número 5, coloco o mito número 2 e, em seguida, o mito número 4.** Brancos, negros, evangélicos, católicos, altos, estudiosos... eram todos “iguais”, todos “alunos”. Apesar disso, sempre ouvi frases enciumadas (principalmente nas 5as séries, já que eles são menores) do tipo “você gosta mais do aluno X”; “Sempre é o aluno Y que começa a leitura”... E aí entra o mito número 4, nunca tive “alunos favoritos”. **O que acontece é que, em todas as classes, de todas as escolas, nós encontramos alunos extremamente articulados e que se posicionam (expõem) facilmente, e outros mais tímidos, que precisam ser estimulados... alunos diferentes, condutas diferentes... mas nunca “favoritos”.**

Ah Tânia, já ia me esquecendo, não sei se é “mito”, sei que uma vez eu li uma frase (não me pergunte de quem...) que dizia que o difícil de ser um bom professor era ter que o ser todos os dias. Lembro perfeitamente de quando eu dava aula na 5ª série (nesse colégio). O trimestre correu perfeitamente e, na última semana, eu me aborreci com um grupo que não apresentou um trabalho como eu havia pedido. Falei alto, mostrei de novo as instruções... Acontece que aquela era a semana do tal questionário para a nossa coordenadora e eles colocaram que “a Isabel SEMPRE grita”, “insiste nas mesmas coisas”, “ameaça”... Ou seja, não tiveram a menor maturidade para analisar o trimestre, foram movidos pelo imediatismo. Isso acontece sempre com eles: se você fizer alguma pergunta sobre determinado professor e, justamente em um daqueles dias, houver acontecido algum tipo de conflito, o aluno vai dizer que o professor é “SEMPRE” assim.

Nossa Tânia, isso mais parece uma conversa... Eu falo e até imagino as suas colocações! Bem que a gente podia ter almoçado junto um dia e conversado tudo isso... que pena! Ah, também li (não sei onde...) algo que sempre coloquei em prática “Em sala de aula, dê trabalho aos seus alunos, caso contrário eles é que darão trabalho a você!”. Adorava isso, e não deixava meus alunos nem 5 segundos sem atividades – isso contribuía muito para uma boa disciplina.

Tânia, já chega. Escrevi demais. A propósito, hoje é dia 22 de set 2005, 27 anos, sexo feminino, 6 anos no Magistério, 1 ano e meio nesse colégio, trabalhei com 5<sup>as</sup>, 6<sup>as</sup>, 7<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> (todas) e lecionei como professora de Língua Portuguesa, Redação, Literatura Brasileira e Projetos Multidisciplinares.

Qualquer coisa... conte comigo! Um beijo enorme, saudades, Isabel.  
PS.: Se eu tiver fugido totalmente à proposta da pesquisa, me diz que, sem problemas, eu refaço!!! **BEIJOS!**

A opção pelos mitos 5, 2 e 4 (mito 5, referente à sua atuação em sala de aula e 2 e 4 referentes à imparcialidade e falta de preconceito do professor) vem ao encontro das escolhas feitas pela maioria dos professores (ver Tabela 2 – Escolha

dos Mitos). O fato de refutar o mito 3 (referente a esconder seus sentimentos diante dos alunos) nos mostra que seus valores como pessoa influenciam em suas ações de educadora.

Tanto avalia o que é positivo, como é consciente das atitudes e princípios de que não gosta. Busca agir com clareza em seus atos, de forma empática. Afinal, para que haja uma boa convivência entre os alunos e o professor, é necessário que este tenha os seus próprios problemas resolvidos, para que esteja disponível a tentar ajudar seus alunos.

Gordon (1998, p. 51) diz que uma das principais razões de confusão nas salas de aula é causada por “mensagens falsas<sup>11</sup>”, muitas vezes causadas por palavras que o professor pode proferir, embora, na verdade, não expressem o verdadeiro sentimento de incômodo causado por um comportamento do aluno, inaceitável para este educador.

Assim, usar de atos e mensagens verbais inteligíveis é necessário para o bom relacionamento em sala de aula. Conforme afirma Gordon (1998, p. 51), “(...) precisamos enviar uma mensagem que clara e directamente diga aos alunos em que posição nos encontramos”.

Quando o professor assume essa postura de clareza em sua comunicação, passa a ser real e autêntico consigo mesmo. Esta postura tem como consequência uma melhor compreensão de seus atos, por parte de seus alunos e abre a oportunidade para que estes optem por comportamentos coerentes à situação a eles apresentada.

Ao fazer a análise dos mitos e de sua sala de aula, Isabel nos traz alguns destaques que gostaria de ressaltar. Quando se refere à sala de aula, identifica e explicita o que os outros nem sempre fazem: a relação pedagógica como essencialmente afetivo-cognitiva, e mostra que este reconhecimento é um elemento vital para aprofundar o aproveitamento do aluno. Este fato não é apenas verbalizado, mas também assumido e exercitado por ela, como observei em suas aulas.

---

<sup>11</sup> Embora na tradução da edição portuguesa seja adotada a expressão “mensagens hipócritas”, verificamos que, na obra original (Gordon 1974), a expressão encontrada é *phony messages*. Portanto, nesta pesquisa, optamos pelo uso de “**mensagens falsas**”, tradução mais fidedigna.

Ler o que a professora escreveu reafirma a necessidade de um ambiente interessante, participante, positivo e variado, para que os alunos possam ser envolvidos por um clima motivador para aprendizagem.

Por outro lado, se o professor sente que há um canal para uma comunicação franca e aberta, em que pode falar e ouvir o que é necessário, deve aproveitá-lo. Com isto, as contribuições serão fundamentais para a aprendizagem. Gordon (1998) realça que, ao lecionar,

(...) deixava cair a máscara e tornava-me eu próprio, uma pessoa. Quando isso acontecia, as minhas relações com os alunos mudavam, tornavam-se mais íntimas, mais reais. (p. 38)

Apesar de ser uma pessoa que dá ênfase às relações na sala de aula, o que Isabel fala tem um grau de generalização porque permite afirmar que a relação pedagógica, seja onde for, na sala de aula ou na sala de informática, tem um potencial importante para facilitar a aprendizagem para o aluno.

Embora a carta se refira as idéias que Isabel tem e executa na sala de aula, minhas observações e registros mostram que suas realizações também ocorrem na sala de informática educativa. Portanto, aquilo que ela enfatiza como: o valor da comunicação e do diálogo, para aliar o afetivo e o cognitivo no processo de aprendizagem do aluno, tanto se realiza na sala de aula, como na sala de informática educativa.

Isabel é uma professora que se preocupa em não destacar alunos favoritos e, sim, estimular cada um dentro de sua capacidade. É importante que estes valores de “não-preconceito” possam ficar estabelecidos e claros para os adolescentes. Como nos lembra Wallon (1975),

(...) o professor deve evitar que se estabeleça entre os alunos distinções baseadas em sua origem social e étnica. Deve tomar em consideração as reações que uma sociedade cada vez mais igualitária exigirá das crianças que estão diante dele nos bancos da sala de aula. (p. 224)

### **5.2.5 – Discussões diante dos dados dos professores**

Falar na formação inicial (Canário, 1998) é nos imbuir dos princípios da educação e do trabalho que desenvolvemos com nossos educandos. Ao passarmos para a prática profissional, damos continuidade à nossa formação. Em ambos os casos, faz-se necessário estar aberto para receber, perceber e evoluir com cada

experiência que se conquista. Bondía (2002) pontua que a experiência é mais do que a forma e a maneira como acontecem às situações que vivemos e, portanto, não está voltada aos métodos que adotamos.

(...) a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”.” (p. 19)

Desta forma, ao me deparar com os dados colhidos e aferidos nesta pesquisa, percebo que todos os papéis que exerço – professora responsável pelo laboratório de informática educativa, pesquisadora e pessoa adulta – são afetados por mais esta experiência, que é contribuição para a melhoria, em especial, da minha vida profissional.

Tardif (2002) pontua sobre a importância de considerarmos, como da formação, as experiências de vida, que nós, professores, devemos viver.

(...) de maneira muito mais ampla (...), pois não se limita à cognição ou às representações mentais, mas engloba toda a história de vida dos professores, suas experiências familiares e escolares anteriores, sua afetividade e sua emoção, suas crenças e valores pessoais, etc. (p. 232)

Defronte mais um desafio, os professores vêem o uso dos computadores como potencial aliado pedagógico. Computadores é tecnologia atual, faz parte de nossa cultura, de nossa sociedade. A tecnologia é reconhecida e utilizada, na escola, com a atenta orientação pedagógica do professor que acompanha a sua turma, sempre primando em utilizar este recurso de acordo com o contexto escolar e dos alunos daquela série. Weiss e Cruz (2001) dão ênfase à oportunidade que a informática educativa oferece para que os alunos construam seus conhecimentos e aprendizagem com satisfação, sem que permaneçam “vestidos” com uma roupagem de alunos passivos. A escola e os professores devem lançar mão de atualizações constantes e dinâmicas.

Nesta pesquisa, concluímos que não há rejeição ou qualquer resistência, por parte dos professores, em relação a este recurso pedagógico. Fato que pode ser constatado se retomarmos também as observações expostas no começo desta análise. Nelas, os professores apontam aspectos positivos de suas aulas e, por vezes, de suas relações com os alunos.

Caso o professor tenha algum tipo de receio, por sentir sua limitação no uso dos computadores para suas aulas, passa a ter maior tranquilidade quando divide a

tarefa do preparo de aulas com a responsável pelo laboratório de informática educativa. Por outro lado, como ressaltam Tajra (1998) e Oliveira (1997), este professor poderá aprimorar sua capacitação ao buscar cursos ou por meio do próprio uso da sala de informática, que proporciona aprendizagens, por meio das experiências vividas. Isto o leva a se sentir mais confortável.

Firme com o apoio da técnica ou capacitado a enfrentar os desafios técnicos para o preparo da aula, o professor pode se dedicar a orientar o seu aluno, enquanto executa as aulas na sala de informática.

A forma tranqüila com que ele age na sala de informática educativa, voltada para as orientações pedagógicas, tem como consequência a abertura de oportunidades para sua aproximação com a turma de alunos.

Em sala de aula, além do preparo do conteúdo, a preocupação que demonstra ao buscar a variação dos métodos para o envolvimento do grupo, faz-nos crer que o professor tenha em mente que o fato de usar metodologias atraentes garantirá uma melhor aprendizagem para seus alunos. Dizer isso mostra, implicitamente, sua ligação emocional, seu envolvimento e compromisso com o processo ensino-aprendizagem.

Nesta pesquisa, outro dado que nos chama a atenção é o fato de que alguns professores escolheram mitos que indicam sua preocupação em não perder o controle disciplinar da sala, podendo isso demonstrar indícios da ação de um disciplinador rigoroso.

Para que um relacionamento entre professor e aluno seja bom, tanto na sala de aula, como na sala de informática, deve haver transparência, autenticidade, espontaneidade e empatia entre os participantes da interação, o que pode propiciar um canal de entendimento direto e honesto (Gordon, 1998).

Sendo assim, o professor, mesmo interessado nas boas relações e, ao mesmo tempo, demonstrando necessidade de controle disciplinar, pode cuidar de não romper as relações abertas e confiantes firmadas graças à valorização da comunicação, do diálogo e pelo respeito mútuo dos valores pessoais, possibilitando melhor aprendizado do aluno.

## VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relacionar-se com a educação é viver constantes desafios, buscas e descobertas.

Esta pesquisa emergiu de minhas observações como pesquisadora e de minha atuação como professora e responsável pela sala de informática educativa. Assim, tenho um espaço de observação possível, ao realizar o acompanhamento e orientação do professor e dos alunos, como usuários dos computadores, no ambiente escolar em que exerço minhas funções profissionais.

Desde que a informática foi instituída nas escolas, como ferramenta de apoio pedagógico, diversas adaptações foram necessárias. A aquisição e a implantação técnica, a capacitação dos educadores, a dificuldade em lidar com os sentimentos de receio e desconfiança dos professores diante da nova tecnologia *versus* a sede pela novidade demonstrada pelos alunos.

Muitas vezes, a sala de informática educativa é vista como um ambiente de trabalho individualizante e frio. No entanto, sempre acreditei que não! Este espaço podia oferecer algo mais.

Sendo assim, busquei indicadores que podem ser identificados na sala de Informática Educativa, que mostrassem relações pedagógicas prazerosas e eficazes, do ponto de vista dos professores e alunos.

O objetivo principal foi identificar as contribuições da sala de informática, no relacionamento professor-aluno, favorecedoras do processo de aprendizagem.

Pensar em escola é ter imagens de sala de aula; pensar em relação pedagógica é pensar na interação professor – aluno e na aprendizagem. Adotadas estratégias para coletar os dados que verificassem as relações na sala de informática educativa e na sala de aula, encontramos, nas falas de alunos e professores, a expectativa, a crítica e a admiração que um grupo tem pelo outro.

Os dados dos professores me provocaram algumas constatações e reflexões.

Há professores que discordam dos modelos prontos e não acreditam em “receita mágica”. Porém, há outros que concordam e seguem alguns ou todos mitos propostos por nosso instrumento de coleta de dados. Estão presentes as crenças que o professor coloca para si e que o colocarão sempre em busca do papel de *Bom Professor*.

O professor usa recursos e metodologias na sala de aula. Ao buscar a informática, procura esgotar e “aproveitar” ao máximo o tempo em que lá está. Sente-se feliz com a conquista do conhecimento; não é preconceituoso. Ouve as solicitações dos alunos que pedem por aulas mais divertidas e diversificadas, conseqüentemente com a maior aproximação dos professores.

Esta preocupação e a busca por novidades são indicadoras do *Bom Professor* em ação – para além dos mitos – que conquista seus alunos a cada dia, seja na sala de aula ou em outros ambientes, como na sala de informática.

Professores têm clara a necessidade de caminhar junto com seus colegas e alunos, têm a certeza da reciprocidade de seu crescimento, por meio dos saberes compartilhados e construídos pela experiência (Canário, 1998). Em qualquer lugar da escola, a relação pedagógica é possível quando professores e alunos estão abertos a construí-la com habilidade na comunicação e com o uso da afetividade.

Desafiados a refletir sobre a sala de informática educativa, reconhecem o potencial pedagógico que ela oferece. Contudo, seus olhares se voltam, sempre e novamente, para a sala de aula. Nela e para ela reportam suas preocupações e atuações. Este fato demonstra que os professores estão atentos às possíveis novidades, utilizadas no processo ensino-aprendizagem. Utilizarão a sala de informática educativa, assim, em função de alguma ação complementar às atividades de sala de aula.

Na pesquisa, há poucos registros claros sobre a relação professor-aluno. A ação constante dos professores, em procurar agradáveis metodologias e proximidade com os alunos, indica o movimento em busca da relação prazerosa. O professor não registra essa preocupação, mas age em função dela.

Preocupa-se em detectar se o aluno está com problemas, na sala de aula. Mas, seu modo de atuar deve considerar também as expectativas e ansiedades dos jovens, o que nem sempre acontece ou transparece.

Possui clareza que a tecnologia não garantirá sozinha a qualidade da aprendizagem.

Os professores reconhecem e timidamente demonstram seus sentimentos para com seus alunos. Agir com transparência é necessário, tanto quanto estabelecer uma comunicação efetiva, franca e aberta. Esta atitude pode ser a garantia de uma boa interação entre ambos.

Com algumas exceções, há professores que não conseguem deixar os seus sentimentos, o seu jeito particular de ser, dissociado de seu papel de educador. É importante que haja consciência e o reconhecimento do valor que a experiência pessoal e profissional têm no trabalho junto aos alunos, bem como a demonstração de sentimentos e o reconhecimento das próprias falhas.

Sair da sala de aula para a sala de informática educativa significa, para alguns, sair de seu local de domínio. Por isso, enfrentar esse ambiente tecnológico é sinônimo de desafio e indicação da necessidade de uma nova formação. O professor reconhece esse fato, mas alguns têm dificuldades em se apropriar do novo espaço.

O preparo dos conteúdos para as aulas, seja na sala de informática educativa ou na sala de aula, é sempre uma das preocupações dos professores.

A inquietação com a indisciplina ocupa lugar de destaque. Quando estão na sala de informática educativa, essa preocupação se dilui. O professor reconhece que há menos problemas de disciplina na sala de informática educativa. Entende que os alunos têm motivação para fazer as tarefas com o uso dos computadores, mas, nem sempre consegue o mesmo resultado, quando voltam para a sala de aula.

Vale o alerta para que este professor não assuma o papel de rígido disciplinador, e, sim, permita a ação do professor integrado, buscando novos desafios e a proximidade com seus alunos.

Assim, identificamos alguns indicadores de boas relações na sala de informática educativa, pelo olhar do professor: a metodologia diversificada, pois motiva os alunos; o respeito pela opinião do aluno, que o integra ao seu meio; o afeto por eles, demonstrado pela proximidade física e atenção a suas colocações e ações, o que facilita a integração; o compromisso em planejar aulas, que transmite segurança aos alunos; a constante capacitação, que diminui os anseios do próprio professor; a eliminação ou diminuição de problemas com a disciplina e a parceria com colegas aptos a auxiliar, quando necessário. No caso da sala de informática educativa, a presença de uma pessoa responsável pela parte técnica tranqüiliza o professor e garante sua concentração nos conteúdos de sua matéria e em sua habilidade na comunicação com seus alunos. Em outras palavras, a relação pedagógica encontra um espaço apropriado e tranqüilizador.

Os dados dos *alunos* também suscitaram constatações e reflexões.

Adolescentes são inquietos; algumas vezes, têm sentimentos aparentemente contraditórios; buscam valores, aventuram-se, buscam o desafio, enfrentam os adultos, embora queiram ser inseridos em seu mundo. Na escola, mostram que estão felizes ou infelizes. Julgam que o professor tem o poder, mas mostram-se indisciplinados, em alguns momentos. Querem brincar e querem estudar. Enfim, nossos jovens estão às portas de sua próxima fase de desenvolvimento – a fase adulta.

As turmas de 5ª série querem uma aula divertida, para brincar. Estes alunos sentem a necessidade do lúdico, e a sala de informática educativa materializa sua expectativa. Na 7ª e 8ª séries, querem uma aula interativa, envolvente, mas divertida. A percepção e a crítica das aulas em sala se apuram.

Conforme crescem, e sob a predominância do conjunto afetivo, os jovens avaliam a sala de aula, com uma acuidade e pertinência maior. Porém, ao falarem da sala de informática educativa, mudam de tom, ou seja, demonstram que este ambiente os satisfaz. Motivados e envolvidos, estabelecem um momento de “trégua” às críticas em relação a seus mestres.

O adolescente analisa mais, critica mais e identifica mais detalhes. Avalia, constantemente, o professor e seu desempenho, do ponto de vista das interações, da metodologia, da profundidade do conteúdo trabalhado. Com o ganho da maturidade, ele faz uma interpretação, de um ponto de vista mais elaborado, das relações pedagógicas tanto da sala de aula, como da sala de informática.

Há um conjunto de interações em sala de aula, nas quais os alunos identificam alguns obstáculos. Na sala de informática, acreditam haver um potencial maior para enfrentamento desses obstáculos. Na 5ª série, isso estaria associado ao lúdico da sala de informática, enquanto, na 7ª e 8ª séries, os alunos percebem situações que são enfrentadas com maior leveza, com maior tranquilidade, e consideram que poderia ser assim também nas dificuldades interativas da sala de aula.

Com relação aos dados de gênero e idade, algumas considerações podem ser feitas, já que, em idades e séries diferentes, os jovens assumem diferentes posições. As meninas, desde cedo, são mais observadoras e críticas em suas considerações sobre as salas de aula e de informática educativa e sobre as relações com os professores. Os meninos mais jovens, ao contrário do que julgam os adultos,

nem sempre têm em seus atos o objetivo de causar desconforto para os mesmos. Gostam de brincar e se divertir. Sua maturidade é mais tardia e suas observações críticas aos professores e às aulas ocorrem mais fortemente a partir da 7ª série.

A partir de minhas observações, na sala de informática e na análise dos dados trazidos pelos alunos, o que ressalta é que os alunos – meninos e meninas – demonstram mais seu comprometimento e atenção com as relações e os resultados dessas relações na aprendizagem do que o próprio professor.

Alguns indicadores de boas relações na sala de informática educativa, pelo olhar do aluno: metodologias variadas, para que as aulas possam atrair sua atenção; disponibilidade do professor para ouvir suas opiniões; aulas bem preparadas e diversificadas, que transmitem segurança e prazer em conhecer os conteúdos, o próprio ambiente da sala de informática, realidade que vivem e aprovam; o respeito do professor. Buscam o convívio com seus pares, rumam para a consciência de si e, dado que estão buscando valores, querem tê-los reconhecidos e respeitados.

Encontramos apoio nas observações de Placco (2002):

Na sala de aula, a especificidade da relação professor-aluno precisa ser mais bem compreendida, enquanto aspecto do desenvolvimento dos atores da prática social da educação. Essas relações, ao mesmo tempo pessoais/interpessoais e sociais, têm em sua origem a preocupação pedagógica e educativa. (p. 8)

As diversificações de aulas não podem se restringir apenas às salas de aula e às folhas de papéis. Hoje, vivemos em um mundo no qual o chamamento dos recursos visuais é muito grande. A quantidade de informações a que os alunos têm acesso é elevada. Assim, os recursos oferecidos pela sala de informática educativa são essenciais à escola. No entanto, somado a isso, o professor deve continuar sua formação, para melhor usar o potencial técnico da sala de informática educativa. Acresce-se a isso que formas de melhor conhecer seus alunos e suas características de desenvolvimento são de suma importância nessa formação.

Na sala de informática educativa, as relações pedagógicas ganham destaque, pois, ao olharmos para os alunos, percebemos que estão satisfeitos em trabalhar com uma metodologia condizente a seu contexto e meio. Por meio dela, consegue-se alcançar, com divertimento, a formação acadêmica e social. Do seu lado, o professor afere que seu empenho na programação da aula e sua dedicação ao aluno encontram espaço de realização na sala de informática educativa. Os dois pólos dessa relação, por meio da interação professor-aluno, na sala de informática

educativa, obtêm respostas aos seus anseios e expectativas, ao mesmo tempo em que há satisfação no processo ensino-aprendizagem.

Constatamos que os indicadores de professores e alunos são muito próximos.

Os aspectos comuns identificados na fala de ambos, que aparecem de forma bastante forte, são: a preocupação com o planejar, o cuidado com as metodologias diversificadas; a importância com a questão do respeito; e a busca de um saudável convívio com seus pares.

Por outro lado, há aspectos que os diferenciam. Por parte do professor, está o compromisso esperado de um educador com a própria capacitação e com o fato de ser o responsável pelo manejo de classe, e, portanto, de cuidar das questões de disciplina. Um outro aspecto é o “alívio” que sente com a presença de uma pessoa responsável pela sala de informática educativa, pois esta tomará conta do laboratório, enquanto o professor volta sua atenção para os alunos, para a interação com eles e sua aprendizagem, bem como, para seus objetivos em relação ao conteúdo pedagógico a ser trabalhado.

Enquanto isso, para o aluno, o indicador que o diferencia do professor é o gosto pela sala de informática, pois é um ambiente pertinente à sua realidade. Essa proximidade dos indicadores deixa uma importante indicação de que a habilidade de comunicação talvez seja o que falte para esse ciclo se fechar, possibilitando que um e outro expressem mais claramente estes indicadores, suas expectativas e necessidades.

Estar aberto às relações pedagógicas é uma forma de garantir as interações e a aprendizagem efetiva, tanto para professores como para alunos. Investir num clima de trabalho afetivo e interativo, de co-responsabilidade, além do desenvolvimento da habilidade de comunicação, criará oportunidades para que melhores ambientes de ensino-aprendizagem venham a ser compartilhados na sala de informática e também na sala de aula.

Concluindo, afirmamos que o laboratório de informática educativa é um laboratório de relações. Nesse espaço, conhecimento teórico, somado às experiências de formação de vida pessoal e profissional, o uso das emoções e a atenção para a melhoria das habilidades de comunicação entre professor e aluno auxiliam o professor na conquista de um relacionamento satisfatório com seu aluno, sem o uso de “mitos” (Gordon, 1998) ou papéis impostos pela sociedade.

O espaço do laboratório de informática, assim, pode nos ajudar naquilo que propõe Leite (1983):

a educação para o “mundo humano” se dá num processo de interação constante, em que nos vemos através dos outros, e em que vemos os outros através de nós mesmos. (p. 250)

## VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita S. *A emoção na sala de aula*. 4ª ed. São Paulo: Papirus, 2004.

ALMEIDA, Ana Rita S. *O que é afetividade? Reflexões para um conceito* [on line]

Disponível na Internet via URL:

[http://www.educacaoonline.pro.br/o\\_que\\_e\\_afetividade.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/o_que_e_afetividade.asp) Capturado em  
25/04/2005 12:06:47

ALMEIDA, Fernando J. *Educação e Informática – os computadores na escola*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO Vera Maria Nigro de S. (orgs.). *As relações interpessoais na formação de professores*. São Paulo: Loyola, 2002.

ALMEIDA, Laurinda R. Wallon e a Educação. In: MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. (coords.). *Henri Wallon – Psicologia e Educação*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003, p. 71- 87.

ALVES, Rubem. O preparo do Educador. In: BRANDÃO Carlos R. (org.). *O educador: Vida e Morte*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 15-28.

AMARAL, Suely A. Estágio Categorical. In: MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. (coords.). *Henri Wallon – Psicologia e Educação*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003, p 51-58.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de *Etnografia da Prática Escolar*. 10ª ed. Campinas: Papirus, 2003.

ANTUNES, Celso. *Relações interpessoais e auto-estima – A sala de aula como um espaço do crescimento integral*. Petrópolis: Vozes, 2003.

AZZI, Roberta G.; SILVA, Sylvia Helena S. A importância de um novo olhar do professor para os alunos – um primeiro passo na busca de melhores resultados no

processo ensino-aprendizagem”. In: SISTO, Fermino F.; OLIVEIRA, Gislene de C.; FINI, Lucila DIHEL T. *Leituras de Psicologia para formação de professores*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 135-147.

BASTOS, Alice B. B. I.; DÉR, Leila C. S. Estágio do Personalismo. In: MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. (coords.). *Henri Wallon – Psicologia e Educação*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003, p 39-70.

BETTEGA, Maria Helena S. *Educação Continuada na Era Digital*. Volume 116, Coleção da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 2004.

BONDÍA, Jorge L. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas: Editora Autores Associados, 2002, Jan., Fev., Mar., Abr., nº 19, p.20-28.

BZUNECK, José A. “As crenças de auto-eficácia dos professores”. In: SISTO, Fermino F.; OLIVEIRA, Gislene de C.; FINI, Lucila Dihel T. *Leituras de Psicologia para formação de professores*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 117-134.

CANÁRIO, Rui. A escola: o lugar onde os professores aprendem. *Psicologia da Educação*, 1º sem. 1998, nº 6, p. 9-27.

CARNEIRO, Raquel. *Informática na Educação*. Fascículo 16, São Paulo: Cortez, 2002.

CARRAHER, David W. “O papel do Computador na Aprendizagem”. *ACESSO – Revista de Educação e Informática*. São Paulo: FDE, 1992, ano três, nº 5, p. 21-29.

CODO, W. & VASQUES-MENEZES. I. O que é *burnout*? In: \_\_\_\_\_. (coord.). *Educação: Carinho e trabalho*. CNTE, Brasília: UNB/Psicologia e Trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 237-254.

CORDEIRO, Suely A. B. *Interação professor-aluno – Concepções de professores e alunos nas 7<sup>as</sup> séries*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação), PUC-SP, São Paulo.

CORTESÃO, Luiza. *Ser professor: um ofício em risco de extinção?* São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, Lúcia H. F. M. Estágio da Sensório-Motor e Projetivo. In: MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. (coords.). *Henri Wallon – Psicologia e Educação*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003, p 31-38.

DANTAS, Heloisa. A afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon. In: DE LA TAILLE Y; OLIVEIRA Marta K de; DANTAS Heloisa. *Piaget, Vygotsky, Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão*. 8ª ed. São Paulo, Summus, 1992, p. 85-98.

DÉR, Leila C. S.; FERRARI, Shirley C. Estágio da Puberdade e da Adolescência. In: MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. (coords.). *Henri Wallon – Psicologia e Educação*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003, p 59-70.

DÉR, Leila C. S. A constituição da pessoa: Dimensão Afetiva. In: MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 61-75

DICIONÁRIO AURÉLIO BÁSICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

DOURADO, Ione. C.P.; PRANDINI, Regina C. A. R. Henry Wallon: Psicologia e Educação. Disponível em <http://www.anped.org.br/24/T2071149960279.doc>  
Capturado em 30/01/2006 às 14:33.

DUARTE, Márcia P.; GULASSA, Maria Lúcia C. R. Estágio Impulsivo Emocional. In: MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. (coords.). *Henri Wallon – Psicologia e Educação*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003, p 19-29.

FRANCO, Maria Laura Puglisi B. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Editora Plano, Série Pesquisa em Educação, nº 6, 2003.

FREIRE, Paulo, *Educação e Mudança*. 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 2001.

FURTER, Pierre. *Educação e Reflexão*. Petrópolis: Vozes, 1981.

GATTI, Bernardete A. "Questões sobre o Uso do Computador como Auxiliar no Ensino". *ACESSO – Revista de Educação e Informática*. São Paulo: FDE, ano 1, nº 2, 1988, p.26-30.

\_\_\_\_\_. "Os agentes escolares e o computador no Ensino". In: *ACESSO – Revista de Educação e Informática*. São Paulo: FDE, ano 4, Edição Especial, 1993, p.22-27.

GORDON, Thomas; BURCH, Noel. *T.E.T. Teacher Effectiveness Training*. New York: Peter H. Wyden/Publisher, 1974.

GORDON, Thomas; BURCH, Noel. *P.E.E. Programa de Ensino Eficaz*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus, 1998.

GUARESCHI, N. Poder, autoridade e a relação professor/aluno: uma revisão de literatura. *Psico*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 85-103, 1990.

GULASSA, Maria Lucia C. R. A constituição da pessoa: Os processos grupais. In: MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 95 – 118.

HUBOLD, Carlos H. Atuação do Núcleo de Tecnologia Educacional e a Realidade Educativa Contemporânea. 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis  
Disponível na Internet via WWW URL: <http://teses.eps.ufsc.br/Resumo.asp?3383>  
Capturado em 14/03/2006 12:07

IMBERNÓN, Francisco. *Formação de docente e profissional*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

IMENES, Carla. Os espaços/tempos do cotidiano escolar e os usos das tecnologias. *In: LEITE, Márcia; FILÉ Valter (orgs.). Subjetividade – tecnologias e escolas.* Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues A. (org.). *A Tecnologia no Ensino: Implicações para a aprendizagem.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LAPLANE, Adriana L. F. *Interação e silêncio na sala de aula.* Rio Grande do Sul: Editora UNIJUÍ, 2000.

LEITE, Dante M. Educação e relações interpessoais. *In: PATTO, Maria Helena S. (org.). Introdução à Psicologia Escolar.* 3ª reimpressão, São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

LIBÂNEO, José. C. *Adeus professor, adeus professora? – novas exigências educacionais e profissão docente.* 5ª ed. São Paulo: Cortez. 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.* São Paulo: EPU, 1986, p. 25-44.

MAHONEY, Abigail A. Introdução. *In: MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. (coords.). Henri Wallon – Psicologia e Educação.* 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003, p. 9- 18.

MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. O ouvir ativo: recurso para criar um relacionamento de confiança. *In: ALMEIDA, Laurinda R. de; PLACCO, Vera Maria Nigro de S. (org.). As relações interpessoais na formação de professores.* São Paulo: Loyola, 2002, p. 65-77.

MAHONEY, Abigail A. A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. *In: MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. (coords.). A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon,* São Paulo: Loyola, 2004, p.13-24.

MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da Educação – Revista do programa de estudos pós-graduados da PUC-SP*, São Paulo, n. 20, p.11-30, 1º sem., 2005.

MARCELO, C. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. *Revista Brasileira de Educação (ANPED)*. Nº 9, set/out/nov/dez, 1998.

MARINHO, Simão P. “Tecnologia, educação contemporânea e desafios ao professor”. In: JOLY, Maria Cristina Rodrigues A. (org.), *A Tecnologia no Ensino: Implicações para a aprendizagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 41-62.

MORALES, Pedro. *A relação professor-aluno – O que é, como se faz*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

MORAN, José M. “Ensino e Aprendizagem inovadores com Tecnologias audiovisuais e Telemáticas”. In: MORAN, José M.; MASETTO Marcos T.; BEHRENS Marilda A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 2001, p. 11-65.

OLIVEIRA, Ramon. *Informática Educativa*. Campinas: Papyrus, 1997.

PAPERT, Seymour. *A máquina das crianças – Repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PLACCO, Vera. Maria. Nigro de S. *Formação e prática do Educador e do Orientador*. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2002.

\_\_\_\_\_. Psicologia da Educação e prática docente: relações pessoais e pedagógicas em sala de aula? In: TIBALLI, Elianda F. A.; CHAVES, Sandramara M. (orgs.). *Concepções e práticas em formação de professores – diferentes olhares*. XI – ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a, p. 95-116.

\_\_\_\_\_. "O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola". In: PLACCO, Vera Maria Nigro de S.; ALMEIDA, Laurinda R. (orgs.). *O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola*. São Paulo: Loyola, 2003b, p. 52-60.

PRADO, Maria Elisabette Brisola B. "Logo no curso de Magistério: o conflito entre abordagens educacionais". In: VALENTE, José A. (org.), *Computadores e Conhecimento – Repensando a Educação*. Campinas: Gráfica Central da UNICAMP, 1993, p. 98-113.

ROSENTHAL Robert; JACOBSON Lenore. Profecias auto-realizadoras em sala de aula: as expectativas dos professores como determinantes não intencionais da competência intelectual. In: PATTO, Maria Helena S. *Introdução à Psicologia Escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1983, p. 258-295.

SEVERINO Antônio J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2003.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais do professores e conhecimento universitários. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, jan-abr 2000, nº 13 (p. 5-24).

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional – Parte II, Cap. 6: Os professores quanto sujeitos do conhecimento. In: *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 227-244.

TAJRA, Sanmya. F. *Informática na Educação – Professor na Atualidade*. São Paulo: Érica. 1998.

TAPIA, Jesús A.; FITA Enrique C. *A motivação em sala de aula – O que é, como se faz*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. .

TIBALLI, Elianda F. A.; CHAVES Sandramara M. *Concepções e práticas em formação de professores – diferentes olhares*. Rio de Janeiro: DP&A e Alternativa, 2003.

VALENTE, José A. (org.). *Computadores e Conhecimento – Repensando a Educação*. Campinas: Gráfica Central da UNICAMP, 1993.

WALLON, Henri. *La vie mentale*. Paris: Éditions Sociales, 1938.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e Educação da Infância*. Coletânea. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

\_\_\_\_\_. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 2005.

WEISS, Alba M. L.; CRUZ, Maria L. R. M. *A Informática e os problemas escolares de aprendizagem*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

**ANEXOS**

## Ficha de Observação

Controle: Aula no Laboratório de Informática Educativa

período: manhã

Tânia R. de B. P. Morgado

## I. Descrição da aula:

a- Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_ b- Dia da semana: 2<sup>af</sup> ( ) 3<sup>af</sup> ( ) 4<sup>af</sup> ( ) 5<sup>af</sup> ( ) 6<sup>af</sup> ( )

c- Disciplina: \_\_\_\_\_ d- Professor (a): \_\_\_\_\_

e- Série: \_\_\_\_\_ f- Aula: 1<sup>a</sup> ( ) 2<sup>a</sup> ( ) 3<sup>a</sup> ( ) 4<sup>a</sup> ( ) 5<sup>a</sup> ( ) 6<sup>a</sup> ( )

g- Conteúdo: \_\_\_\_\_

h- Arquivo: \_\_\_\_\_

i- Programa / recurso utilizado: ( ) Word ( ) Power Point ( ) Excel

( ) Paintbrush ( ) Visual Class ( ) Internet ( ) Datashow

II. Descrição da aula (**obs.:** Na sala há 20 máquinas para uso do aluno e uma máquina para uso da monitora do laboratório):

a- máquinas disponíveis para alunos ( ) 20 ( ) outros

Razão das ocorrências: \_\_\_\_\_

b- máquina mestre: ( ) funcionando ( ) não funcionando – Tempo fora de funcionamento: \_\_\_\_\_

c- Data-show : ( ) sim ( ) não ( ) não foi utilizado

## III. Descrição da sala de Informática Educativa:

a- iluminação em condições de uso: ( ) sim ( ) não

Obs.: \_\_\_\_\_

b- ar-condicionado em condições de uso: ( ) sim ( ) não

Obs.: \_\_\_\_\_

c- 2 cadeiras por micro e em condições de uso: ( ) sim ( ) não

Obs.: \_\_\_\_\_

## IV. Eventos gerais = professor:

a- professor(a) atrasado(a): ( ) sim ( ) não Tempo total: \_\_\_\_\_

b- explicação geral para sala: ( ) começo da aula ( ) durante a aula ( ) final de aula ( ) não houve explicações ( ) instruções dadas em sala de aula da classe

Obs.: \_\_\_\_\_

c- instruções pedagógicas individuais dadas aos alunos: ( ) sim ( ) não

Obs.: \_\_\_\_\_

d- comportamento do professor:

( ) impaciente ( ) irritado ( ) calmo ( ) brincalhão ( ) passivo ( ) agitado

( ) compromissado com a classe

Obs.: \_\_\_\_\_



Olá,

Estou fazendo uma pesquisa, para o curso de mestrado - PUC-SP, sobre a sala de informática educativa e a sala de aula. Meu objetivo é saber o que ocorre nelas, com os alunos, professores e máquinas.

Deste modo, peço que escolha um dos quatro temas abaixo e dê continuidade à frase, em forma de uma descrição.

Agradeço muito a sua participação,

*Profª Tânia Morgado*

-----

Por favor, preencha os dados:

Feminino  Masculino  Idade: \_\_\_\_ Série: \_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

Leia:

**Tema 1)** Descreva uma aula que você gostou na **sala de Informática Educativa** .

-----

**Tema 2)** Descreva uma aula que você **não** gostou na **sala de Informática Educativa**.

-----

**Tema 3)** Descreva uma aula que você gostou na **sala de aula** .

-----

**Tema 4)** Descreva uma aula que você **não** gostou na **sala de aula**.

Minha escolha => Tema 1  Tema 2  Tema 3  Tema 4

Inicie sua descrição (se necessário, utilize o verso desta folha):

Olá,

Estou fazendo uma pesquisa, para o curso de mestrado – PUC-SP, sobre a sala de informática educativa e a sala de aula. Meu objetivo é saber o que ocorre nelas, com os alunos, professores e máquinas.

Deste modo, peço sua colaboração para esta pesquisa. Sua ajuda é muito importante!

Agradeço muito a sua atenção e participação,

☺ *Tânia Morgado*

-----  
Por favor, preencha os dados:

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

1 – Feminino     2 – Masculino     3 – Idade: \_\_\_\_\_

4 – Formação: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5 – Tempo de exercício no magistério: \_\_\_\_\_

6 – Tempo de trabalho docente neste colégio: \_\_\_\_\_

7 – Série (s) com as quais trabalha: \_\_\_\_\_

8 – Matéria(s) que leciona neste colégio: \_\_\_\_\_

1º) Thomas Gordon, psicólogo americano, relaciona 8 mitos, isto é, crenças que os professores têm sobre o que é ser um “Bom professor”. **Leia-os:**

MITO nº1 – Bons Professores são calmos, ponderados, equilibrados. Eles nunca perdem a “linha”, nunca mostram emoções fortes.

MITO nº2 – Bons Professores são imparciais e não discriminam. Negros, brancos, latinos, crianças estúpidas, crianças inteligentes, meninos ou meninas, todos são iguais para um Bom Professor.  
Bons Professores não têm preconceitos.

MITO nº3 – Bons Professores podem e devem esconder seus verdadeiros sentimentos diante dos alunos.

MITO nº4 – Bons Professores nunca têm alunos “favoritos”. Eles têm o mesmo grau de aceitação para com todos os alunos.

MITO nº5 – Bons Professores promovem um ambiente de ensino animado, com estímulo e liberdade, sem perder o controle da disciplina.

MITO nº6 – Bons Professores, acima de tudo, são consistentes. Eles nunca variam, não mostram parcialidade, nunca esquecem, nunca são superiores ou inferiores ou cometem erros.

MITO nº7 – Bons Professores conhecem todas as respostas. São mais conhecedores do que seus alunos.

MITO nº8 – Bons Professores são solidários com colegas. Eles se unem e formam uma posição única frente aos alunos, independente de sentimentos, valores e convicções pessoais.

# Sala de Informática Educativa



2º) Siga as instruções:

a - Pense nos **professores (as)** que você conhece, numa situação de aula, **na sala de informática educativa;**

b - Escolha 3 (três) mitos (citados na página 2) que os caracterizam e

c – Enumere-os em ordem crescente (por grau de importância), colocando seu número no quadrado abaixo.

Nº do mito

1º Mito =>

2º Mito =>

3º Mito =>

3º) Você acrescentaria algum outro mito que não tenha sido citado e que julga que caracterizaria esses professores?

( ) Sim ou ( ) Não

Acrescentaria:

---

---

---

4º) Justifique a resposta à 3ª questão.

---

---

---



# Sala de aula

2º) Siga as instruções:

a - Pense nos **professores (as)** que você conhece, numa situação de aula, **na sala de aula;**

b - Escolha 3 (três) mitos (citados na página 2) que os caracterizam e

c – Enumere-os em ordem crescente (por grau de importância), colocando seu número no quadrado abaixo.

**Nº do mito**

1º Mito =>

2º Mito =>

3º Mito =>

6º) Você acrescentaria algum outro mito que não tenha sido citado e que julga que caracterizaria esses professores?

( ) Sim ou ( ) Não

Acrescentaria:

---

---

---

7º) Justifique a resposta à 6ª questão.

---

---

---



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)